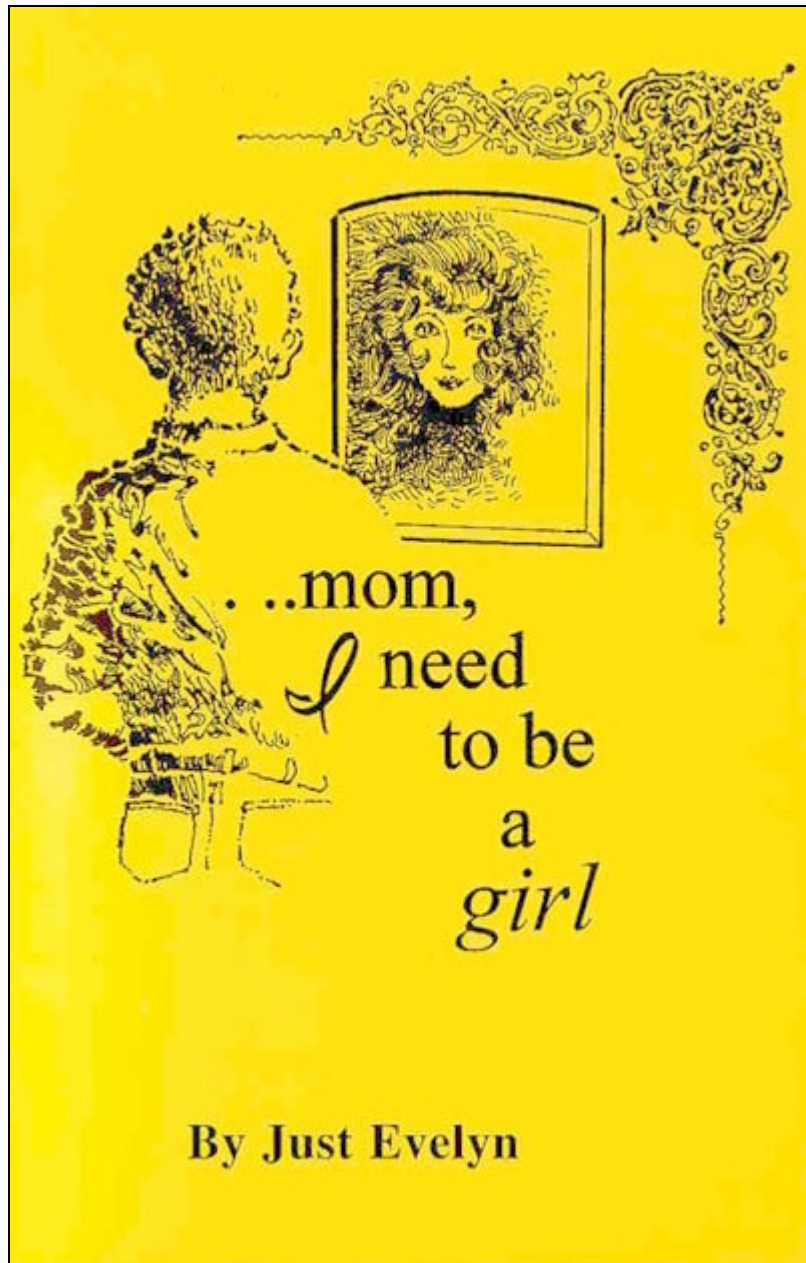


“Mamãe, Preciso Ser Uma Garota”  
Por “Just” Evelyn



Tradução: [Sônia John](#)  
Desenho da Página Web y da PDF: Lynn Conway  
<http://www.lynnconway.com>

## **“Mãe, Preciso Ser Uma Garota”**

©1998 “Just” Evelyn

Ilustrações ©1998 Andrew Wahrmund

Walter Troom Publishing

276 Date St.

Imperial Beach, CA 91931

Redação: Dawn Troom

Projeto gráfico da capa: Julia Kate Morgan

Ilustração da capa: Andrew Wahrmund

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por qualquer meio sem autorização escrita da autora.\*

Foram mudados alguns nomes no texto para proteger às inocentes y às incompetentes.

Impresso nos Estados Unidos de América

Primeira Edição

Número do Catálogo da Biblioteca do Congresso dos EUA: 98-84-72 ISBN: 0-9663272-09

**\*Reproduzido aqui eletronicamente com permissão.**

[http://ai.eecs.umich.edu/people/conway/TS/Evelyn/Portuguese/Mamae\\_Preciso\\_Ser\\_Uma\\_Garota.pdf](http://ai.eecs.umich.edu/people/conway/TS/Evelyn/Portuguese/Mamae_Preciso_Ser_Uma_Garota.pdf)

## DEDICATÓRIA

Dedico este livro à minha nova filha que me ensinou tanto sobre ser corajosa e fiel a si mesma.

## RECONHECIMENTOS

Quero agradecer a todos que me ajudaram a fazer possível este livro. Era minha mãe Clela Fuller Morgan quem datilografou e organizou o texto. Obrigada aos todos meus filhos por ter feito interessante minha vida. Obrigada ao Centro dos Escritores, ao Canto Neutral, e ao Centro Gay e Lésbica. Obrigada às minhas amigas que me escutaram e animaram—Tom, Lorne, Susan, Carolina, Walter, Dawn, Kelly, Karry, Serena, Hallie, Elena, Janine, Dave. Andrew, Jenna, Joyce, Brent, Michelle, Nicole, e muitos outros—demais para citar.

Quero agradecer também àquelas pessoas especiais que apoiaram Danielle e ajudaram durante esta nova etapa da vida: minha família, especialmente Ben e David que apoiaram a sua nova irmã, e Denise, Laura, Miguel, Glória, Diane, Danica, Joe, Joni e o elenco de Imagens Novas.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	4
<a href="#">PARTE I: ANGÚSTIA</a> .....	5
<a href="#">PARTE II: APRENDIZAGEM</a> .....	19
<a href="#">PARTE III: ACEITANDO</a> .....	32
<a href="#">PARTE IV: TOQUES FINAIS</a> .....	43
<a href="#">PARTE V:</a> .....	62
CARTAS DA FAMÍLIA .....	62
CONSELHOS ÀS ADOLESCENTES .....	66
CONSELHOS AOS PAIS .....	67
ESCOLA (COLÉGIO) .....	67
ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO .....	68
ENDOCRINOLOGIA .....	69
ELETRÓLISE .....	69
CIRURGIA .....	70
OS URUBUS .....	71
GLOSSÁRIO .....	72
LEITURAS RECOMENDADAS .....	73
RECURSOS .....	73
<a href="#">FOTO DE DANIELLE</a> .....	75
<a href="#">NA CAPA DE ATRÁS</a> .....	76-77

## INTRODUÇÃO

Isto é uma história verdadeira e incomum sobre um rapazinho que recebeu certo tipo de ajuda materna que alguns rapazes precisam, mas que quase nenhum recebe.

Daniel deve ter nascido uma menina. Nestas páginas, você vai conhecer o pai de Daniel, que acha que a pessoa que mude de sexo se opõe a Deus. Logo, vai ler das lutas com os burocratas e as contendas de vontade com os psicólogos e conselheiros cujas capacidades muitas vezes se limitam a obstruir sonhos e cobrar honorários. Muito mais importante, você vai ler como a mãe de Daniel, tão corajosa e compreensiva, ajudou que ele se converteu na encantadora e irreprimível Danielle, apesar de um mundo cheio de tiranos triviais, funcionários miopes, bufões, tubarões financeiros e os bem-intencionados errados que tentavam impedi-lo.

Eu finalmente consegui conhecer a Danielle, que já tem 19 anos, depois de ter escutado e ter sido divertida pelas façanhas dela todas as semanas durante os meses dos meus tratamentos de eletrólise com a mãe dela. Estou profundamente impressionada. A aptidão de Danielle pela vida como uma garota adolescente e o sucesso dela nisso, mesmo como a felicidade e maturidade dela, trazem aos meus olhos lágrimas muito grandes de alegria e tristeza—tristeza porque eu também sou transexual.

Eu experimentei a meninice como Danielle de ter o corpo errado, mas dado que cresci nos anos cinquenta e sessenta e devido ao ambiente familiar sexualmente reprimido e incommunicativo nessa época, tive que passar por toda a puberdade masculina, ir às aulas de ginástica com os garotos, enfrentar os brigões, e perder muitos anos de ir às lojas e namorar os rapazes. Tropecei com todos os obstáculos e caí em todas as armadilhas que nos esperam a nós, a gente que temos de cortar com facão uma trilha através de uma mata desconhecida.

Mas agora o ano é 1998 e tudo vai mudando. A experiência de Danielle é uma das primeiras do que promete ser uma nova e melhor época para as pessoas como ela e como eu.

Hallie Horowitz



*Mamãe, tenho uma coisa para te dizer . . .*

## **PARTE I.....Angústia**

“Preciso falar com você, mamãe. Há uma coisa que tenho que te dizer, mas temo que depois não me ame.” Meu filho de quinze anos estava deitado perto de mim na cama na nossa tradição costumária de consulta familiar. Meus rapazes sabiam que contavam com toda minha atenção quando eu já estava na cama.

Eu assegurei que não importava o que me dissesse, que ia seguir amando ele. Vacilou um pouco, falando rodeios. Achava que ia me dizer que era gay. Durante muitos anos eu suspeitava que era gay e esperava que tivéssemos esta conversa eventualmente para que aproveitássemos do sistema de apoio da comunidade gay.

Ele disse, “Preciso ser uma garota. Sou uma garota por dentro. Eu gosto dos rapazes, mas da maneira que as mulheres gostam deles, não da maneira gay. Tenho sentido deste jeito desde faz muitos anos, e você sabe o feminina que sou.”

Assim é que foi isso o que chateava ele os últimos meses. Ao início eu não sabia que dizer. Eu lhe dei um abraço e pensei, “Cadê Oprah Winfrey?” Eu assistia a televisão muito pouco e especialmente evitava programas como aquele, assim que não tinha sido exposta anteriormente a esta situação. Tudo parecia se mover em câmara lenta. Senti que minha vida volteava para sempre e que nunca ia ser a mesma.

Depois de um longo silêncio ele perguntou, “O que é que vamos fazer?”

“Realmente não sei o que fazer, mas vou descobrir,” respondi.

Depois que rimos e choramos juntos, lhe perguntei, “Alguma vez você se vestiu da minha roupa?” Respondeu, “Nunca me vestiria da sua velha roupa engraçada,” e acreditei. Além de ser maior do que ele, eu sabia que ele não gostava da minha roupa porque não estava na onda. Me criticava por minha falta de interesse nas modas, na maquilagem e nos penteados; me dizia, “Você é uma mulher e pode fazer todo isso mas não faz...é um desperdício!”

Falamos da meninice. Admitiu que tinha se vestido da roupa das primas. Ele sentia feliz quando alguém confundia ele com uma menina devido à aparência feminina dele, embora eu sempre tinha constatado que parecia o contrário. Ele sempre sentiu mau quando eu falava de que estava tão orgulhosa dos meus três filhos. Muitas vezes eu adicionei, “Que bom que não tenho filhas, porque são mais difíceis criar.” Outras vezes eu dizia, “O mundo não está preparado para a filha que eu tivesse criado, porque animaria que ela se junte aos equipes juvenís de beisebol, ou que se faça piloto de jato de caça ou Presidente. Resultou profético isso, já que estou criando uma menina para quem o mundo não está preparado. Sempre disse aos meus filhos que ao crescer poderiam se fazer o que quisessem mas nunca sonhei que um deles ia querer ser uma mulher.

Ele continuou, “Só quero ser normal, e normal quer dizer mulher. Estou cansado de não ser eu mesmo. Estou cansado de estar confuso. Só quero ser uma garota. Não tenho um futuro como homem. Queria fugir da casa para poder ser uma garota num lugar onde ninguém me conhecesse, mas sabia que você ficaria contrariada.” Eu perguntei se ele queria trocar de escola e ir como garota no ano que vinha. “Posso fingir e tolerar como rapaz,” respondeu, “mas também acho que ir à escola COMO garota não seja a solução, porque desse jeito ainda estaria escondindo e fingindo desde outro lado.” Ele desejava mesmo SER uma garota, não só se vestir como tal.

Finalmente ficou dormido ao meu lado, enquanto eu ficava bem acordada, formulando dúzias de perguntas. “Que acontece com estes rapazes? É só uma fase? Isso é uma parte de ser gay? Desaparece tudo se não prestarmos atenção? Há um nome para esta condição? Isso acontece às pessoas tão jovens, e eles podem mudar? Podem ter sucesso na vida?” Eu queria informação e queria imediatamente, à meia-noite!

Que deve fazer uma mãe nesta situação? Quando meus filhos me chegavam com um corte, punha um bandaid e um beijo para que melhorasse, mas não havia bandaid para este problema. Sabia que a vida dele seria difícil e triste. Como poderia ajudar uma mãe, e seria o suficiente o amor dela? Era eu forte suficiente para manejar isso? Eu tinha pensado que conhecia meus filhos bastante bem, mas não tinha nenhuma idéia que estava tão turbulenta a vida de Daniel.

\* . \* . \* . \*

Isso foi o início de outro capítulo mais da minha vida pouco convencional. Passei alguns anos da minha meninice na África, com meus pais missioneiros, assim que estive exposta a viagens, aventuras e intentos para mudar o mundo. Eu era também o tipo “contra o estabelecido,” e “de volta à natureza,” e tinha abandonado meus estudos universitários para doar meu tempo e talento como voluntária numa escola num pequeno povoado mexicano. Ali conheci Salvador, um homem com bonitos olhos latinos, um homem cujo mundo se limitava a este povoado com um só caminho pavimentado. A vida simples e auto-suficiente dele me atraiu. Cultivávamos nossos próprios comestíveis, tínhamos uma vaca e eu costurava nossa roupa.

Morávamos numa casa velha de tijolo cru, sem agua nem eletricidade. Depois que nasceu nosso primeiro filho David, mudamos para Califórnia, a primeira de várias mudanças entre o México e os Estados Unidos. Depois que nasceram Benjamin e Daniel em Califórnia, voltamos ao México

e a uma casa nova e moderna que levamos vários anos em construir. Uns meses mais tarde, caiu uma enxurrada durante as fortes chuvas dessa primavera. Durante várias horas os meninos e eu ficávamos abandonados lá em cima da cama beliche, como numa ilha deserta, enquanto olhávamos flutuar para fora os móveis pelas portas duplas, rumo ao rio. Afortunadamente nos salvaram antes que se derrubou a casa inteira.

Durante dez anos tentei provar a todo o mundo que podia fazer funcionar meu casamento, até que vi a realidade quando comecei a me ressentir que Salvador estava tentando nos isolar inclusive da sua própria família. Finalmente decidi ir embora, levando comigo os três filhos, de três, cinco e nove anos.

Salvador disse, “Já que vai embora levando os filhos, espero que possa sustentá-los. Se você desejar ajuda, pode voltar para morar comigo.” Salvador cumpriu a palavra e nunca nos forneceu nenhuma classe de ajuda, e eu não voltei nunca a morar com ele, nem pedi dele ajuda financeira.

Sem receber ajuda para os filhos, minha vida como mãe sozinha não era fácil. Sentia um pânico constante relativo ao dinheiro, esperando sempre que alcançasse até o fim do mes. Às vezes morávamos na cidade, outras vezes no campo, com uma variedade de animais de estimação: um pássaro, um peixe e um cavalo. Havia rotas de jornais, lições de música e acampamentos de verão.

Depois de quatro anos de receber auxílio público, consegui emprego de tempo integral como arquivista num hospital e Daniel começou a escola. Logo me fiz cabide de empregos, o que fez possível ter abrigo e ter comida na mesa. No entanto, assim não me sobrava muito tempo para estar com os meninos. Eles aprenderam a se cuidar uns aos outros. Eu sempre tinha o medo subconsciente que o Departamento de Proteção às Crianças ou outra autoridade descobrisse os meninos sozinhos em casa e tirasse eles de mim. Quase aconteceu quando a polícia acudiu a uma chamada frívola ao 911 (urgência), feita desde nossa casa por uma menina vizinha. Os policiais encontraram Ben, de doze anos, y Daniel, de dez, sozinhos. É legal que esteja sozinho um menino de doze anos, mas não quando ele cuidar um menino menor do que ele mesmo. Ben e Daniel ofereceram aos policiais sanduíches de pasta de amendoim e pediram ajuda deles com um jogo de computador. Os policiais chegaram à conclusão que estavam bem alimentados e que eram bons meninos. Saíram advertindo que a mãe deles deve procurar alguém que cuidasse deles quando tivessem que estar sozinhos por causa do horário de David.

David chegou a ser meu ajudante confiável e cuidava dos irmãos menores, e inclusive fez uma aula da Cruz Vermelha sobre o cuidado de crianças. Meus filhos eram bastante auto-suficientes—tinham aprendido a fazer as compras mandadas, cozinhar, lavar roupa e manejar dinheiro. Podia lhes dar \$20, o que possa ter sido tudo que tinha para comida até o fim da semana, e eles decidiram que comprar. Ben podia calcular a soma das compras sem errar mais de uns centavos, para evitar sofrer embaraços na hora de pagar. Me ajudavam a escrever cheques e retificar minha conta bancária. Eles entendiam que precisavam me ajudar para evitar dificuldades. Não queria que eles se preocupassem, mas precisava a ajuda deles e era preciso aceitar a realidade.

Tínhamos que nos mudar freqüentemente porque era preciso morar onde eu podia encontrar emprego, ou porque havia problemas com os vizinhos ou com companheiros de apartamento, ou com a escola local ou porque o dono do apartamento aumentou o aluguel. Inclusive nos mudamos temporariamente à costa do leste, viajando de ida e volta por ônibus Greyhound. Éramos um equipe e meus filhos sempre me ajudavam com as decisões quanto às nossas mudanças. Eu não fazia regras, pois não estava na casa para exigir que eles cumprissem. Criei os

filhos segundo a teoria que eu esperaria que fossem bons e assim seriam. Permitia que eles aprendessem dos erros. Se não dormiam muito, era difícil para eles se despertar para o trabalho ou a escola. Eles mesmos punham o despertador porque muitas vezes fui a trabalhar antes que se despertaram.

Meus filhos cresceram sem Deus, embora eu não tinha nenhuma idéia como criar filhos sem religião. Fui criada numa família cristã conservadora onde o pecado, a punição e a culpa pareciam esperar em cada canto. Minha crença é que sou responsável pelas minhas ações. Se existe um Deus, não precisa da minha veneração nem do meu dinheiro. Não creio que se mexa nos acontecimentos cotidianos da vida de cada qual. Mas eu sim gostava de pensar que num lugar por lá acima havia uma força feminina e poderosa que cuidava dos meus filhos quando estavam fora da minha vista—uma avó celeste.

O grande sentido de humor e responsabilidade de David me ajudaram a manter as coisas em perspectiva. Aos 18 anos obtive a carteira de motorista e minha mãe lhe presenteou um carro de segunda mão. Sentamos-nos juntos e lhe disse, “Já que a avó Clela lhe deu um carro, temos que fixar as regras relativo ao dirigir.”

Ele me perguntou, “Por quê?”

Depois de pensar, não havia nenhuma razão lógica de ter regras, porque David sempre tinha mostrado uma madureza excepcional. Assim é que juntos decidimos que não precisávamos regras enquanto ele fosse responsável e evitasse encrencas. E nunca houve problemas. Muitas vezes ele chegava a casa de um encontro ou função escolar, me despertava e se sentava acima da cama perto de mim e contou tudo que tinha passado. Inclusive quando eu estava muito cansada, eu gostava de que ele queria bater o papo comigo, porque eu gostava de ser parte da vida dele.

Ben, que tem quatro anos menos de David, e que é muito inteligente, achou que os estudos não eram desafiantes, inclusive nas aulas para alunos dotados. Tinha um interesse especial nas finanças e mostrava sinais de ser empresário desde menino. Às vezes queria limpar minha bolsa do troco, ou cortar cupons para os artigos que usávamos muito, e com gosto lhe dava o economizado. Quando tínhamos vendas de garagem, era Ben que apreçava e etiquetava a mercadoria e coletava o dinheiro. No terceiro grau escolheu a trompa e tocava na banda. A trompa era quase o tamanho dele, mas diariamente arrastava à escola numa carroça para latas de lixo. Se tornou muito destro tocando a enorme trompa durante o colégio e aprendia a tocar outros instrumentos metais. Mostrou muita habilidade em usar os computadores, e era um bom atleta que se sobressaiu em qualquer esporte que tentava. Sendo o filho de meio, só dois anos maior do que Daniel, tal vez descuidei dele um pouco, mas se adiantou por si mesmo.

Então era Daniel! Era um menino amoroso e aconchegante, mas também era um demônio! Não chegou à “idade terrível” de dois anos até que cumpriu os cinco, e eu pensava que nunca passaria essa etapa. Sempre me provava ao limite. Se eu disse “não” com respeito a tocar uma bugiganga numa estante, apontaria a todas as demais para ver se eu também diria “não.”

Um dos passatempos favoritos de Daniel, quando tinha mais ou menos três anos, era escovar e arrumar minha melena ondulante. Ao começar a adolescência, quando havia uma ocasião especial, ele arrumava meus cabelos num penteado espetacular. Estava muito consciente das modas e sempre em dia relativo aos estilos correntes. Em geral vestia roupa unissex de cores brilhantes, que lavava a mão para que não se descolorisse. Quando eu ia a comprar roupa para mim, ele gostava de me acompanhar para dar conselhos. Retrospectivamente, acho que ele vivia de maneira vicária por meio de mim porque não podia vestir modas femininas.



Ben e David tentaram interessar Daniel, sem sucesso, em jogos mais toscos. Mesmo assim, ele se fez destro na arte de auto-defesa caso seus irmãos o assediassem ou se metessem com ele. Em certa ocasião cheguei à casa e encontrei os dois irmãos maiores acurrados num canto enquanto Daniel brandia um pau de vassoura que usava muito eficazmente caso tentassem fugir.

Daniel não se interessava da maioria dos esportes, mas desfrutava de patinar e foi a aulas de sapatear e de ginástica. Eu encorajava esses interesses para alçar a auto-estima dele, porque não tinha muitos outros sucessos escolares. Tinha talento especial na acrobacia e os irmãos dele elogiava quando plantava bananeira, dava cambalhota com uma mão só, ou fazia outro movimento mais difícil do que eles podiam fazer.

Daniel sempre preferiu brincar com as meninas em vez dos meninos. Entre os brinquedos numa caixa na casa da avó Clela, o favorito dele era a boneca velha. Daniel gostava de costurar, cozinhar e arrumar a casa. Já que eu não tinha muito tempo para isso, não era o meu exemplo que seguia ele. Ele mudava a colocação dos móveis ao gosto e procurava quadros e outros artigos para decorar as paredes.

Depois de muito trabalho, comecei meu próprio negócio compilando estatísticas de câncer. Para minha personalidade era apropriado porque gosto de controlar minha vida. Também me permitiu um horário de trabalho flexível. O pago era suficiente, assim que não mais tínhamos que contar cada centavo e podíamos liquidar nossas dívidas. Ficava orgulhosa de poder ganhar o pão e prover para minha família melhor do que faziam às vezes dois pais de família. As mulheres em nossa sociedade poucas vezes têm tal oportunidade. Muitas mães sozinhas que conhecia desempenhavam o papel de vítima, e dependiam do capricho do pai para prover para os filhos. Durante anos sonhei com alguém que podia compartilhar a responsabilidade e as alegrias de ver crescer meus filhos, mas a maioria dos homens com os quais formei parilha aumentaram minhas responsabilidades e não desfrutavam dos meus filhos como eu tinha esperado. Pois me acomodava ao estar sozinha e os meninos eram o centro da minha atenção e preocupação.

Quando Daniel terminava o oitavo grau, vi sinais de que aumentava certa tensão. Parecia desfrutar da escola e de se associar com os demais alunos, mas alguma coisa chateava. De noite era difícil para ele se dormir, e muitas vezes não dormia bem. Sabia que devia dormir bem para ser descansado na escola o dia seguinte. Tentávamos táticas como beber leite morna, assistíamos programas chatos de televisão, cantávamos canções de berço, contávamos contos e fazíamos o exercício mental de “caminhar por uma floresta escura e amistosa e você está ficando com sono.” Também falávamos sobre uma grande variedade de temas.

Em certa ocasião ele disse, “Não sei quem sou.”

Eu respondi: “A maioria dos adolescentes sentem assim. A maioria dos meninos na escola provavelmente sintam iguais. Ele me perguntou: “Quando terminar a adolescência, não vou sentir assim?”

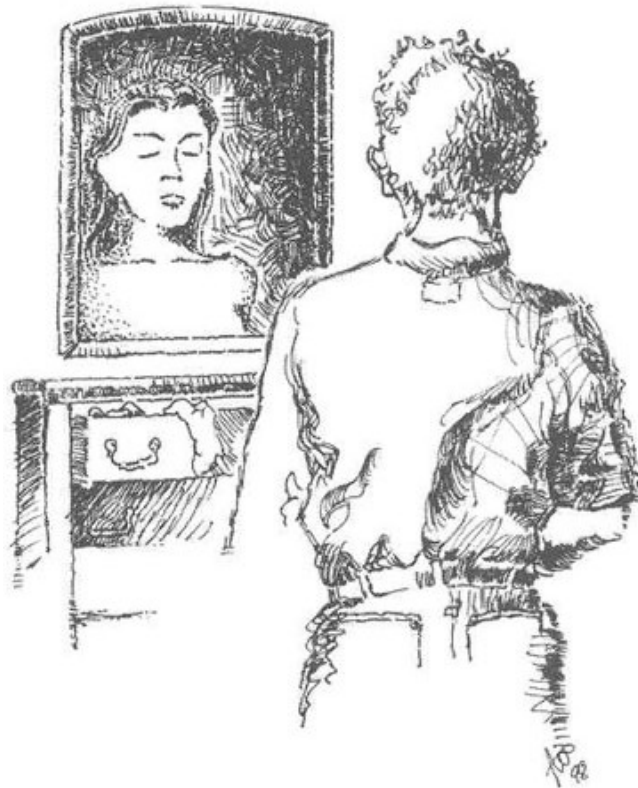
“Isso mesmo...só é que tem que terminar a adolescência.” Só é que eu não sabia tão difícil que ia ser passar esses anos seguintes.

\* . \* . \* . \* . \*

Durante o segundo ano de colégio de Ben, se foi a morar com David, que era estudante universitário em Phoenix, Arizona. Não era fácil deixá-lo sair da casa quando ainda estava tão

novo, mas resolveu alguns problemas. Daniel, Ben e eu morávamos no campo, longe por uma hora de ônibus do colégio mais perto. O horário do meu trabalho impedia que levasse ele à escola por carro de ida e volta, o que fez com que Ben se sentia bastante isolado. Se sentia desafortunado porque o problema de transporte não permitia que ele participasse na banda, nem nos esportes, depois das aulas. David morava num apartamento onde tinha o problema de encontrar companheiros responsáveis com os quais podia dividir o aluguel. David sugeriu que Ben viesse a morar com ele e ir a um colégio vizinho.

Senti triste que Ben ia sair, e um pouco apreensiva relativo ao arranjo, mas Ben queria tentar. Se não dava certo, sempre poderia voltar à casa. Eu pagaria a parte do aluguel do apartamento que deveria Ben, e os outros se sustentariam. David e Ben tinham um cartão de crédito por minha conta que podiam usar caso necessitassem dinheiro inesperadamente. Nunca usaram o cartão sem me avisar nem de modo indiscreto. Me sentia orgulhosa da maneira responsável que foram à escola, trabalharam, pagaram as contas e não perderam de vista um do outro.



*Não sei quem sou*

Quando fosse possível, permiti que meus filhos dessem forma às vidas deles, e tentava não frear os impulsos aventureiros devido à minha ansiedade. Estava orgulhosa de que David e Ben provaram que compreenderam a importância da responsabilidade. Meus amigos ficavam surpresos deste arranjo incomum. Os pais muitas vezes não são capazes de manejar os filhos adolescentes que moram em casa, muito menos confiar no que um par de irmãos assumam controle completo das vidas a uns 650 quilômetros longe da família.

Eu quase tinha acabado com meus dias de criar filhos: havia luz ao final do túnel, mas não tinha me dado conta de tão longo era o túnel.

\* . \* . \* . \* . \*

Depois da revelação dele, Daniel ficava calmo e em paz, mas eu ficava perdida. Eu tentava manter minha compostura, mas não funcionava bem minha mente por causa do estresse e da falta de sono.

A manhã seguinte Daniel passou horas frente ao espelho do meu quarto. Se arrumou o cabelo, se maquiou, se depilou as pernas e criou um short de uma calça comprida. Quando se atou acima do umbigo uma camiseta apertada, parecia uma garota. Olhar a transformação me chocou. Porém, em público ainda vestia de modo unissex, e não queria que eu dissesse nada aos irmãos.

Quando fomos ao shopping mais tarde esse dia, Daniel disse que precisava roupas de baixo e eu me perguntava se ele queria calçinhas, mas não lhe perguntei; apenas lhe disse que escolhesse o que necessitasse porque eu não queria me meter no assunto. Ele comprou a cueca acostumada e suspirei de alívio. Tentei ver alguma sinal—do que, não sabia.

Pedi a uma amiga que reuníssemos no centro porque tinha que falar com alguém. No passado ela tinha suposto por acaso algumas vezes o que me chateava, mas eu sabia que esta vez não atinaria. Quando ela soube a causa da minha consternação, se acordou que nunca teria atinado. Pensava que a condição se chamava disforia de gênero ou transexualismo. Aconselhou-me pesquisar o assunto na biblioteca médica do hospital da universidade de perto.

Havia outro amigo que conhecia bem meus filhos, e me expressou apoio mas também não sabia muito dos problemas de gênero. Porém, uns dias mais tarde me ligou com informação perturbante. Um amigo gay dele tinha lhe dito que os transexuais têm vidas mais difíceis do que os gays porque se encontram ao final da gama em termos de aceitação pela sociedade. Também nos expressou compaixão porque sabia que tínhamos um caminho duro diante de nós e sugeriu que eu fosse ao Centro Gay e Lésbica à procura de mais informação.

Daniel tinha ido a visitar os irmãos em Arizona tão logo que terminaram as aulas, e algumas semanas mais tarde voltou com Ben para o dia de festa o Quatro de Julho. Estive todo o dia à beira de lágrimas. Ao contrário aos desejos de Daniel, eu disse a Ben o que me chateava porque necessitava compartilhar com alguém. Ben disse, “Não tem muita importância. É provável que Daniel só precise mais atenção.” Quando Ben estava pronto para voltar a Phoenix, Daniel queria acompanhá-lo. Queria ir como garota a um shopping no centro dessa cidade sem ter medo de se encontrar com os amigos dele. David e Ben aprovaram a idéia porque gostavam de que Daniel cozinhasse e arrumasse o apartamento enquanto eles trabalhavam ou iam às aulas. Daniel tinha pensado tentativamente em vários nomes femininos tais como Jasmine o Danny, mas parecia que tinha decidido em Danielle.

Meu instinto me indicava que durante a segunda visita de Danielle a Arizona iam acontecer coisas muito importantes assim que falava com meus filhos quase diariamente para ser parte disso.

Danielle me falou de Denise, que era uma boa amiga e vizinha de Ben e David. Denise tinha conhecido uma transexual e reconheceu os sinais em Danielle e tomou ela sob supervisão. Enquanto os irmãos maiores andavam fora, ela e Danielle experimentavam com penteados e maquiagem e faziam tudo que fazem as amigas—tudo que Danielle sempre tinha desejado fazer.

Danielle me confessou que tinha levado com ela uma porção da minha maquilagem—maquilagem que ela tinha me animado a comprar há um ano quando viu na televisão. Não me importou porque eu não usava muita maquilagem. Danielle me contou de todas as novas coisas que fazia, e de tudo que comprava durante as visitas ao shopping com Denise. David usava meu cartão de crédito para obter dinheiro para Danielle, e ela me disse o custo de cada artigo porque ficava embaraçada que eu tivesse que gastar dinheiro nela.

Foi Denise quem contou a David sobre o transexualismo e o que experimentava Danielle. Quando David me disse o que sabia, chorei de gratidão por Denise. Abençoada seja pelas boas intenções dela—eu desejava tanto lhe dar abraços. Mas David se encontrava bastante estressado pela situação. Fez o possível para ocultar o estado dele de Danielle e começou a praticar mais a ginástica. Ben persistiu na opinião que Danielle só precisava de mais atenção, e comprou um programa de arte para o computador e tentava lhe ensiná-lo. Que apto foi Ben em encontrar uma maneira que tinha a ver com o computador amado dele para dar mais atenção a Danielle.

Danielle me falou que os irmãos tratavam ela muito bem e pensava que eles estavam contentes saber que não era gay. Ela me disse que tinha visto uma transexual de 18 anos num programa de televisão e adicionou, “Acho que eu possa ter expressado melhor do que ela como é que se sente por dentro.”

Denise achava que Danielle passava muito bem como garota—inclusive os rapazes no centro olhavam com interesse. Denise tinha que lembrar a Danielle que não deve se coçar onde dava coceira o soutien novo. Quando Danielle começou a receber ligações, David estava com medo de usar pronomes errados, assim que evitava usá-los completamente: “No chuveiro,” dizia, “no shopping,” ou “não está em casa.”

Danielle me contou de um homem de 21 anos, um vizinho nos apartamentos, que lhe deu uma carona a uma loja para comprar laquê. “Eu lhe disse que tenho dois irmãos maiores que são muito protetores de mim assim que eu não podia me meter em encrencas,” disse ela. “Ele está curioso, mas meio desligado--pode ser um bom amigo e nada mais.”

Eu estava segura que seria de cortar o coração da minha nova filha, mas Danielle estava emocionada de conhecer rapazes que achavam que ela era uma garota. Uma noite quando liguei, Danielle andava fora num encontro com o vizinho. Quando ele chegou por Danielle, Denise pediu e apontou o endereço e número de telefone dele. Meus filhos ainda ficaram preocupados e Ben ficou acordado até que ela voltou. David decidiu que antes de ele namorasse uma garota, ia pedir ver uma dessas curiosas fotos de bebê desnudo, porque não estava seguro sobre sair com uma transexual.

David e Ben discutiam um jeito para falar do assunto ao pai. Inventaram um jeito para amolecer as notícias—lhe diriam que David era gay, Ben um crossdresser e Daniel transexual. Assim ele ficaria aliviado saber a verdade que só Daniel era transexual. Falavam e riam sobre o que imaginavam seria a reação do pai. Nunca levaram a cabo a peça, mas me agradou que meus filhos eram capazes de manejar esta situação única com humor e sentido comum.

Depois que Danielle só tinha estado em Arizona por duas semanas, David me disse que a situação era bastante estressante e que preferia que Danielle voltasse à casa. O pesar é uma parte do processo de adaptação de uma família quando um filho se revelar ser gay ou transexual. David expressou isso ao me dizer, “Sinto como se meu irmão tivesse morrido e eu não reconheça esta nova pessoa.” David também se culpava em parte porque tinha estado presente durante toda a meninice de Danielle e tinha medo que tivesse feito alguma coisa errada.

Às vezes pensei, “O único que quero é que volte meu Daniel.” Esperava segredamente que Danielle me ligasse para dizer que tinha mudado de opinião e ia voltar a ser novamente meu filhinho. Eu queria me afastar a todo correr de todos estes novos problemas e continuar com a minha vida como era antes. Porém, surgiram tantas coisas que tinha que enfrentar que não me sobrava muito tempo para o pesar.

Minha preocupação maior surgiu ao reconhecer as provações que esperavam minha nova filha. Eu podia ver que ia ser um caminho muito longo, e não havia um mapa que podia nos guiar. Eu me perguntei se eu fosse suficientemente forte para enfrentar à nova situação, e tantas vezes me perguntei, “Será suficiente o amor de uma mãe?”

\* . \* . \* . \* . \*

Quando todos meus filhos estavam em Phoenix, comecei a procurar informação e minha parada primeira era o Centro Gay e Lésbica. Até a hora em que Daniel nos revelou que era uma garota, tinha me resignado com que era gay, assim que tinha esperado estar algum dia em contato com o Centro.



*Será suficiente o amor de uma mãe?*

Quando eu era jovem, todas as minhas experiências com gays tinham sido positivas. “O Tio Roberto,” o pai de um dos meus amigos melhores, também era quase uma parte de nossa família. Sabíamos que era gay mas também que era uma pessoa boa e confiável, e um adulto de importância em nossas vidas.

Um companheiro de escola e a irmã gêmea dele eram meus melhores amigos no colégio. Este companheiro, Felipe, me revelou ser gay muitos anos mais tarde ao me explicar que saiu da religião porque os cristãos desaprovavam dos gays. Quando visitei a ele em São Francisco, ele morava com dois amigos num apartamento graciosamente decorado onde todos dividiam as responsabilidades domésticas. Percebi o ambiente tranqüilo e respeitoso que permeava o lar, o que me parecia tão distinto das relações estressantes, amargas e opressivas que tinha visto em muitos lares de heterossexuais. Embora não sabíamos na época, havia na minha escola paroquial um professor altamente respeitado que era gay. Ensinava o inglês de maneira interessante e desafiante. Era casado e os filhos dele formavam uma parte de nossa turma. Muitos anos mais tarde visitei a ele quando eu soube que morria de AIDS, e descobri que ainda se interessava por novas idéias e projetos. Compartilhei com ele as inquietações que tinha por meu filho mais novo.

Estes três homens, como todos os outros gays que conhecia, me pareciam pessoas extremamente respeitáveis. Quando eu creia que Daniel era gay, supunha que também sempre seria um bom ser humano. Não me culpava por nada porque tinha criado todos meus filhos da mesma maneira. Tão cedo que tinha cinco anos me dei conta que Daniel era efeminado e distinto dos outros meninos, mas sabia que ele não elegeu ser assim. É minha crença que algumas pessoas simplesmente nascem gay, igual como nasci eu com cabelo ondulado e visão inferior. E não acho que ele fosse influenciado por nenhuma força alheia nem que ele tivesse pecado.

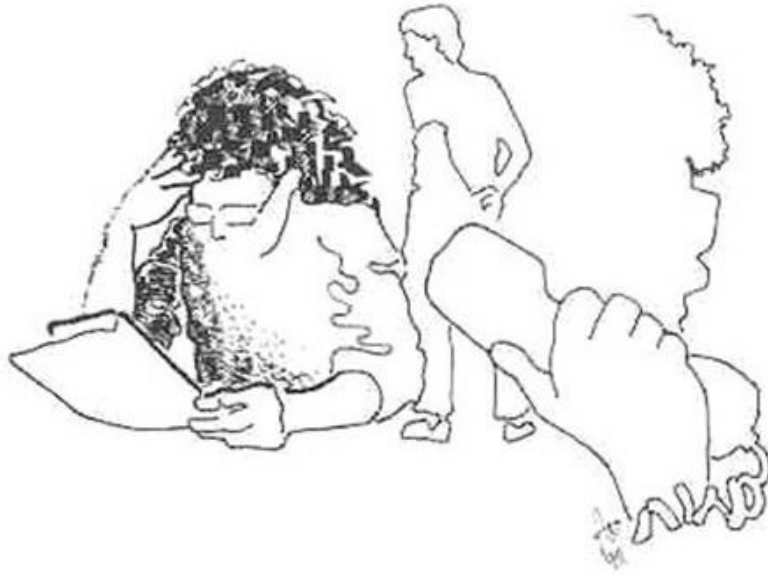
Afortunadamente eu já tinha lido que o gênero do feto se determina no útero pela ação de hormônios. Se precisa no corpo da mãe uma quantia muito pequena de hormônios masculinos exatamente no momento correto para o desenvolvimento normal dos genitais masculinos e o modelo masculino de cognição. Infreqüentemente há um desvio, assim que existe uma quantia suficiente destes hormônios para que desenvolvam os genitais masculinos, mas menos do que requisitado para que a criança acabe por ter a cognição masculina. Embora saber que Daniel era transexual me surpreendeu e chocou, acho que eu podia aceitar a situação mais facilmente sabendo que nasceu assim.

\* . \* . \* . \* . \*

Eu estava à beira de lágrimas ao visitar pela primeira vez o Centro Gay e Lésbica, e me agradou conhecer uma amável e simpática conselheira novata. Quando pedi direção para ajudar um rapaz que queria ser uma garota, ela não podia me aconselhar porque admitiu que não sabia nada do assunto. Ela me elogiou por ser uma mãe maravilhosa e por querer ajudar ao meu filho, e logo marcou para mim um encontro com outro psicólogo do Centro que tinha experiência com transexuais. Ela também me deu o número de telefone do Canto Neutral, um grupo de apoio para transexuais e crossdressers.

O próximo que fiz era ir à biblioteca do hospital onde encontrei artigos sobre o uso de hormônios e sobre os reais procedimentos cirúrgicos que se utilizam numa mudança de sexo. Um estudo que li teorizava que os transexuais têm em geral mais irmãos do que irmãs, e nascem mais tarde numa série de filhos. Outro artigo teorizava que certas carências no útero podem resultar no nascimento de um transexual. Um terceiro contou as histórias das transições de gênero—de corpo, cérebro e alma—de um grupo de transexuais. Há pouca informação sobre as vidas das transexuais pós-operadas porque tantas vezes se submergem invisivelmente na sociedade para adiantar com a vida, e poucas vezes voltam a falar com pesquisadores. Havia uns poucos velhos estudos psicológicos de meninos que tinham disforia de gênero, mas trataram de uma mostra tão pequena de meninos que não valia generalizar deles. No fim das contas, não encontrei nos livros nenhuns conselhos úteis. Necessitava um livro que me diria, passo por passo, “como se pode

criar a transexual perfeita,” ou que diria, “depois que seu adolescente lhe revele que é transexual, se deve fazer o A, B e C.”



### *Como se cria a transexual perfeita*

No hospital universitário de perto me informaram que os psicólogos especialistas cobravam \$100 por hora e que necessitariam duas horas para fazer o diagnóstico. No Hospital das Crianças me disseram basicamente o mesmo, e no escritório estadual local de saúde mental, não havia especialistas. Logo me dei conta que os arranjos financeiros eram de importância capital, porque a primeira pergunta que me fizeram cada vez era, “Qual é o plano de seguro de saúde que a Sra. tem?” Me sentia completamente sozinha. Não sabia ninguém o que se deve fazer, mas tentariam decifrar a um custo extravagante.

Nessa época eu acabava de me ligar ao mundo de computadores, mais nem pela internet tinha encontrado muita informação sobre adolescentes com disforia de gênero. Embora meus amigos e parentes não sabiam muito do assunto, me confortou falar com eles. Minha mãe e minha irmã maior me apoiaram e tranquilizaram. Ao ouvir sobre Daniel, minha mãe reagiu, “Isso mesmo! Naturalmente! Explica tanto.”

Chula, minha amiga mexicana e madrinha de Daniel não ficava surpresa porque quando ele tinha no campo de dois anos ela reconheceu que andava como uma menina. Chula não tinha problema nenhuma com entender e aceitar a situação, e inclusive tinha lido artigos sobre transexuais em revistas mexicanas. Ela esperava problemas com o pai por causa do machismo dele. “Já que ele não tem ajudado nunca com os filhos,” disse, “ou deve ser agradável ou se calar por completo.”

Vieram meus primeiros descobrimentos importantes durante minha consulta de consultoria no Centro Gay e Lésbica. O conselheiro experimentado parecia um hippie, com brinco, barba, sandálias e tinha um cachimbo no bolso da camiseta havaiana. Só conhecia uns poucos adolescentes transexuais, e ainda menos deles que tinham se submetido à cirurgia de redesignação sexual, mas respondeu a muitas das minhas perguntas: duvidou que Daniel passasse por uma fase; não seria fácil arranjar que um médico ou endocrinólogo receitasse hormônios a um menor

de idade; me informou que é perigoso comprar hormônios na rua, embora algumas pessoas fazem para economizar; disse que o uso de hormônios faria fim ao crescimento de muito do pêlo e que o eletrólise acabaria com o resto; e que a maioria dos efeitos dos hormônios desaparecem ao deixar de usá-los. O sucesso de qualquer transexual depende em parte como passa como mulher, e o conselheiro achava que podia julgar isso ao olhar uma foto de Daniel. Perguntou sobre a figura dele e a altura do pai. Mas a capacidade de Daniel de passar como mulher não me preocupava porque já tinha visto que ele parecia incrivelmente feminino.

O conselheiro me informou que havia alguns lugares nos Estados Unidos onde se executam com resultados excelentes a cirurgia de redesignação de sexo a um custo de aproximadamente \$10.000 e que os hormônios custariam mais ou menos \$100 mensalmente. Esta era informação importante porque tinha de encontrar uma maneira de pagar estes custos.

O tratamento hormonal e cirúrgico das pessoas com disfória de gênero é rigorosamente regulamentado por um grupo fundado em 1979 por psiquiatras, médicos e outros provedores de serviços de saúde. Este grupo, a Associação Internacional de Disfória de Gênero Harry Benjamin (HIBGDA), tem estabelecido protocolos que exigem, antes de que se permita a cirurgia de redesignação sexual, uma avaliação intensa e de longo prazo por um psicólogo, psiquiatra ou conselheiro profissional que tem experiência comprovada no campo de disfória de gênero. Estes protocolos não são leis escritas, mas dado que só há uns poucos cirurgiões que praticam esta cirurgia e todos seguem os protocolos, dá o mesmo.

O primeiro passo consiste de que um dos profissionais já mencionados avalie a pessoa com disfória de gênero durante um período de três meses antes de lhe permitir tratamento hormonal. Então se exige da pessoa que viva e trabalhe por um ano, de tempo completo, no papel do gênero oposto antes de que se considere permitir a cirurgia. Se exige também acompanhamento contínuo com o psicoterapeuta durante este ano, e finalmente é necessário a autorização escrita dele e de um segundo psicoterapeuta para a cirurgia de redesignação de sexo.

Eu não estava preparada a pensar na cirurgia. Tive necessidades mais urgentes, tais como determinar imediatamente a melhor maneira de ajudar meu adolescente. O primeiro conselheiro parecia uma pessoa compreensiva y compassiva, e senti confortável com ele. Ele disse que gostaria de aconselhar Daniel, mas que não estava calificado para escrever uma carta de autorização para a cirurgia. Oferecia os serviços a base de doação, ou gratis pelo Centro Gay e Lésbica.

Um Senhor do Canto Neutral voltou a me ligar e disse que o grupo não tinha nenhuma informação para adolescentes, e que não conhecia nenhuma transexual tão nova como meu filho. Ele me convidou a uma reunião de apoio, e disse que eu podia usar a biblioteca deles. Como resultado deste contato, me ligou a esposa de um crossdresser. Depois de mais ou menos um ano de ser casados, ela soube que o marido às vezes vestia de roupa feminina, mas com amor e conselheria tinham resolvido a situação. Inclusive os dois filhos deles sabiam do crossdressing do pai e pareciam se acomodar. Um sacerdote disse a ela que o crossdressing não era um pecado com tal que o que fazia não danasse ninguém. Ela me animava e apoiava, e embora que eram completamente distintas nossas situações, me agradou falar com alguém que entendia os problemas que enfrentávamos.

A maioria da informação sobre transexualismo que encontrei tratava de adultos, assim que sentia como se eu entrasse em terras desconhecidas. Pensava que era possível que me ajudassem outros pais que tinham enfrentado a mesma situação. Que fizeram que deu certo? Quais erros cometeram? Como manearam a situação escolar? Como podem ajudar os pais?



Eu sabia que tive que aceitar este menino como uma menina, embora não tinha nem uma idéia como criar uma, mas resolvi fazer tudo possível para lhe fornecer uma boa vida. Para acomodar uma filha adolescente seria necessário uma mudança na minha maneira de pensar e falar. Fiz votos de que, antes que ela voltasse de Arizona, me acostumar ao novo nome e os pronomes femininos apropriados. Para praticar, eu cantava, “Tenho uma nova filha. Chama-se Danielle. Ela é muita linda, e amo a ela.” O mais difícil era me acostumar à palavra “filha,” já que sempre tinha usado termos masculinos com meus filhos: “Vamos, meninos! Meus meninos. Atenção, homenzinho, nada disso.” Fiz o possível para evitar o uso de termos que presumia um gênero, como “menino” ou “garoto,” e substituí termos neutros como “jovem” ou “adolescente.” Durante o tempo quando lutava com assuntos de gênero, me tranquilizou pensar do meu filho como um anjo, puro, inocente e perdido, nem masculino nem feminino. Inclusive me perguntei si havia um propósito no grande esquema universal pelo qual recebi este menino. Claro que ocorreu o pensamento, “Por que eu?”, mas também chegou a resposta imediata, “Porque você pode!”

Fiquei convencida que permitiria que Danielle estabelecesse o próprio ritmo para o futuro; eu não empurraria nem frearia. Seria minha responsabilidade fornecer toda a informação disponível, falar das opções com ela e pagar as contas de qualquer terapia ou cirurgia. Também jurei fazer de nosso lar—em qualquer parte nos encontrávamos—um asilo inviolável do mundo, um lugar onde ela sentiria segura e sem nenhum estresse nem desaprovação de mim. Ela seria bem-vinda ir a todas partes comigo, exatamente como no passado. Eu não ia escondê-la nem ter vergonha dela.

Quando Danielle estava em Arizona, onde experimentava novas coisas, assisti a uma festa de aniversário onde o convidado de honor sabia dos desenvolvimentos recentes de Danielle, mas os outros convidados não sabiam. Quando me perguntaram os demais sobre meus filhos, era difícil responder. Eu ia várias vezes ao banheiro para secar meus olhos.

Assistiam também àquela festa algumas crianças, e escutava as mães que trocavam continhos sobre os meninos delas. Eu queria dizer, “Vocês **acham** que são meninos.” Quando olhei um menininho com um rosto de anjo, me perguntava sobre a identidade verdadeira dele. Tinha mudado minha perspectiva do mundo inteiro. Minha irmã trabalha em fazer exames de ultrassom dos bebês pre-natais e muitas vezes informa aos pais do gênero dos bebês, segundo o que pode ver dos genitais. Pensei, “Devem dar a todos os pais um aviso que o feto sim pode ter genitais masculinos mas que o gênero verdadeiro pode não ser evidente até depois do transcurso de muitos anos.”

O grupo de apoio do Canto Neutral tinha reuniões mensalmente para as pessoas com problemas de identidade de gênero. A primeira vez que assisti a uma das reuniões, ficava no estacionamento por um bom tempo tentando me juntar o valor para entrar. Tinha medo sobre as pessoas que ia conhecer. Finalmente entrei, motivado pela esperança de encontrar respostas a algumas das minhas perguntas. Admito também que queria ver como pareciam os transexuais.

Eu não podia determinar quais eram crossdressers e quais transexuais, ou se eles que pareciam homens fossem homens de verdade. Era muito difícil falar a qualquer, porque descobri que a maneira que eu começava a bater um papo com alguém dependia do gênero dele. Sempre que conheci a um homem no passado, no início tentava descobrir se fosse solteiro ou de algum modo elegível, e depois falava do trabalho, esportes, carros ou computadores dele. Sempre que conheci às mulheres, falávamos da roupa, filhos, trabalho ou homens delas. Quando era desconhecido o gênero, a conversa era uma luta. Tive que me orientar de novo sobre o que conhecia do gênero, do qual antes nunca fiz caso.

Depois de uns minutos me apresentou uma pessoa que parecia um homem, e disse que era um crossdresser mas que essa noite tinha se vestido “de sapo,” e me perguntou por que eu tinha assistido à reunião. Ele imediatamente se deu conta que eu apenas podia falar sem chorar, assim que ele mudou de tema, falando da política e depois do sistema médico e outros assuntos que não tinham nada a ver com o gênero. Era de todo parecer um bom conversador, inteligente e afável; não parecia excêntrico, engraçado ou nenhuma das coisas que temia encontrar nessa reunião.

Logo uma parilha, um homem e uma mulher, me revelaram que ela era uma transexual homem a mulher, e ele um transexual mulher a homem. Os dois recentemente tinham passado juntos pela transição de gênero. Não conheciam nenhum jovem transexual, nem tinham experiência com as escolas, mas me deram os nomes de alguns conselheiros e endocrinólogos e me expressaram apoio enquanto eu tentava ajudar minha nova filha. Fiquei feliz ter descoberto um grupo de gente amável que falava de computadores, famílias e modas, e essa noite ganhei amigos que me ajudaram muito na minha viagem por um território novo e desconhecido.

Com o transcurso da noite conheci todos e soube que muitos eram sucedidos homens de negócios que tinham esposas aceitadoras. Alguns eram crossdressers montados e outros se vestiam “de sapo,” e dizer não de mulher essa noite. Aprendi a distingui-los. Outros eram transexuais homem a mulher ou mulher a homem, e me surpreendeu e me alegrou que a maioria parecia feliz e bem ajustada. Algumas das mulheres vestiam muito à moda, enquanto eu vestia como sempre sem brincos nem de salto alto, nem com esmalte de unhas. Eles me incluíram muito graciosamente nessa comunidade amistosa e me emprestaram uns livros da biblioteca deles. Era interessante encontrar livros sobre os personagens gregos mitológicos que foram transexuais e sobre outras pessoas que não foram tratados como se sofressem uma doença mental. Os indígenas americanos também tinham nas tribos muitos transexuais que acomodaram com respeito como líderes e sábios porque podiam entender o mundo desde dois pontos de vista, o masculino e o feminino. A sociedade indígena tradicional também mostrou uma ampla aceitação assim que os meninos podiam eleger qual gênero ou papel de gênero queriam adotar. Embora os livros falavam principalmente de adultos, li todos porque queria aprender tudo possível relativo ao assunto. A experiência no Canto Neutral me deu o primeiro raio de luz que tal vez eu pudesse esperar um futuro feliz e sucedido para Danielle.

\* . \* . \* . \* . \*

Rumo ao aeroporto para esperar a volta de Arizona da minha nova filha, me perguntava se ia reconhecê-la. Seria realmente uma garota linda? Não devo ter me preocupado porque me pareceu adorável—vestida tal vez um pouco mirabolante—mas de todos modos feminina e linda. Ao início ela estava um pouco duvidosa sobre minha aceitação mas quando abracei e disse que amei ela, uma das primeiras coisas que me disse era, “Não posso voltar nunca à escola como rapaz. Estou demais feliz como uma garota, assim que jamais poderia mudar.” Eu já tinha concluído o mesmo. Ela me disse “obrigada” tantas vezes por ter lhe permitido ser uma garota, e me disse quanto amava os irmãos e Denise pelo apoio que lhe deram.

Depois de algumas semanas era evidente a todos que conheciam Danielle que esta mudança era um processo feliz e maravilhoso. Ela era exuberante e otimista sobre a nova vida enquanto emergia a pessoa que ela tinha ocultado. Começou a deixar cair o papel masculino que tinha tentado manter. Ainda tinha que lidar com um pouco do demônio de um rapaz sentado no ombro, sussurrando que já estava presente o masculino, mas o demônio ia se calando. Ao se convencer cada vez mais que parecia uma garota na vista do mundo, permitia brotar mais uma personalidade linda e se expunha ao mundo. Era uma celebração da vida!

## PARTE II....APRENDENDO

Durante as semanas seguintes, antes do início das aulas, Danielle ficava perto da casa e muito perto de mim. Era como se tivesse voltado à meninice e se reunisse a mim. Desejava se estar ao meu lado, dormir no meu quarto e estar comigo todo o tempo. Necessitava muitos abraços e eu tinha que tranquilizá-la freqüentemente. Como podia sobreviver uma criatura nessa situação se não houvesse ninguém para abraçá-la? Mas depois de mais ou menos um mes, voltou a ser a adolescente independente como antes.

Algumas transexuais do grupo Canto Neutral nos recomendaram ao Senhor Hunter como o melhor conselheiro da comunidade. Assisti à primeira consulta com Danielle porque não queria pôr minha nova filha nas mãos de um estranho que podia convencê-la que estava louca para poder “curá-la” mais tarde, ou que podia nos separar. Danielle se vestia roupa muito feminina, mas ainda ficava na fase mirabolante—extravagante, curta, colante—exagerada mas muito linda. O psicoterapeuta nos falou um pouco sobre nossa situação, mas principalmente nos contou as experiências dele. Perguntou se Danielle tivesse experimentado trauma durante a meninice, porque afirmou ter realizado uma pesquisa para provar a teoria que o transexualismo se baseia numa trauma das crianças de menos de 31 meses de idade. Daniel tinha um ano quando aconteceu a enchente, e pensei que tinha sido danado a habilidade verbal dele. Ele tinha deixado de soar por completo e só sorria, chorava e apontava até que cumpriu três anos. Mas nessa altura pouco me importava se tivesse sido influenciado por um trauma muito cedo na vida, porque só queria saber o que fazer no futuro imediato.

O conselheiro Hunter nos pediu que preenchamos e devolvamos uma fórmula da história pessoal de Danielle junto com \$150. Ele nos disse que mais outra pessoa revisaria a fórmula. Também haveria exames psicológicos para diante que custariam \$700, mas disse que nesse momento não devíamos nos preocupar disso. Ao terminar a entrevista, não nos indicou quando queria vê-la outra vez. No entanto, sim nos advertiu que tivéssemos cuidado. Aparentemente a maioria das transexuais pelo menos uma vez apanham de um namorado ao ser descoberto o passado delas.

Descobrimos que a fórmula tratava principalmente de assuntos de adultos tais como casamento, filhos, sexo e emprego. Só havia uma pequena porção a respeito da família, da criação e da escola, mas lhe devolvemos a fórmula com o dinheiro. Nunca descobrimos quem mais ia revisar a fórmula. O senhor Hunter me ligou um mes mais tarde e nos recomendou a um endocrinólogo.

Vinha o fim do verão e tínhamos de encontrar uma maneira de registrar Danielle numa escola. Para mim era óbvio que ela teria uma melhor experiência se trocasse de escolas. Por minha experiência tinha aprendido alguns jeitos para registrar um filho numa escola determinada em nosso distrito escolar. A melhor maneira era se mudar à vizinhança da escola. Havia pelo menos duas escolas com listas de espera que não registravam estudantes do meu bairro, mas caso o estudante fosse da raça específica, o distrito poderia transportá-lo de um bairro a outro, dependendo da proporção racial que queria manter. Eu já tinha aproveitado do jogo de raça várias vezes com meus filhos maiores. Já que meus filhos são a metade hispano-americano e outra metade uma mistura de raças norte-européias, elegia a raça necessária para uma situação determinada. Em várias ocasiões sugeri que as escolas eliminassem todas as perguntas de raça, porque me opunha ter que eleger hispano ou caucasiano. Um estudante não podia se afirmar de origem racial mista, embora fosse, nem podia se chamar simplesmente americano.

Meu objetivo mais importante era encontrar uma escola que fosse segura para Danielle. Quando perguntei ao Sr. Hunter sobre as escolas, me aconselhou ligar para os diretores das escolas e lhes explicar a situação. Ao encontrar uma pessoa amigável, poderia registrar Danielle nessa escola. Não era fácil seguir este conselho, porque as escolas ainda ficavam fechadas durante o verão. A maioria do pessoal administrativo estava de férias e não voltaria até pouco antes do início das aulas. Não nos ficava muito tempo, e se tivéssemos que nos mudar, queria começar tão logo possível.

Decidi ir diretamente à cabeça e ligar para o escritório do distrito escolar. Havia toda classe de comitês para estudantes sensíveis que lhes fomentavam o bem-estar, a auto-estima e a igualdade deles, assim que pensei que poderiam ajudar a Danielle. Depois que me desviaram de departamento a departamento, começava a parecer que a pessoa que normalmente manejaria esta situação estava de férias. Finalmente consegui falar com Ellen.

“O que é a política do distrito escolar a respeito de um estudante transexual?” lhe perguntei. Eu lhe fiz outras perguntas e logo pediu que eu esperasse enquanto ela falasse com o chefe dela. Ao voltar ao telefone, me disse, “Nossa política é que não podemos discriminar.”

“Isso não me ajuda muito.”

Ela me respondeu, “Não posso lhe dizer mais que não podemos discriminar.” Tinha a impressão que ela queria falar mais. Desliguei com lágrimas de raiva e frustração. Se não podiam discriminar, então podiam colocar minha “garota” na aula de ginástica ou com os garotos, ou ao revés com as garotas, e as autoridades escolares não podiam fazer nada ao respeito. Tal vez se entendessem a situação, não queriam que Danielle fizesse nenhuma aula de ginástica. Decidi esperar mais uns dias para que voltasse alguém que supostamente saberia mais sobre a colocação de um estudante especial.

Depois de muitas chamadas frustrantes consegui marcar um encontro para discutir o assunto face a face com um administrador da escola. Fui ao encontro com pouca esperança de receber ajuda porque este administrador e eu tínhamos lutado uma batalha anteriormente sobre a questão de raça. Uns anos atrás ele tinha me dito que o distrito escolar me levaria ante um tribunal para designar uma raça para meus filhos, se eu persistisse em não fazê-lo. Ele não cumpriu a ameaça, e eu esperava que não lembraria de mim nem das palavras furiosas que proferimos na ocasião.

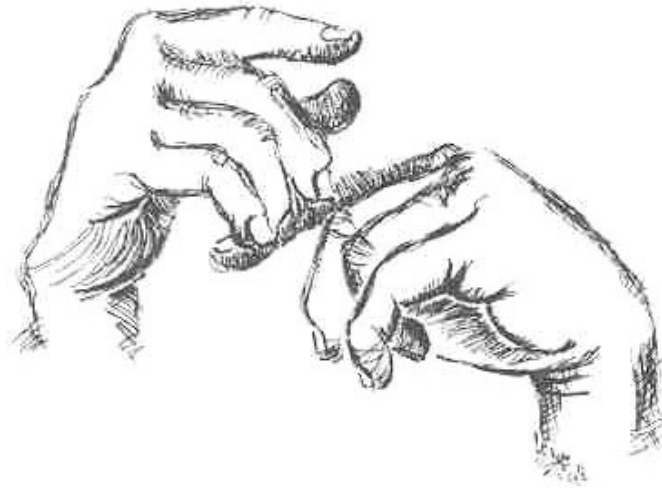
A surpresa foi que o administrador era afável e parecia cordial no desejo de me ajudar; parecia que não lembrava nosso conflito anterior. No entanto, ele não tinha experiência com uma situação como esta. Depois de perguntar, o departamento de arquivos me informou que não se podia mudar o nome de um estudante sem uma mudança do assento de nascimento. Eu sabia que se pode mudar o nome do assento de nascimento, mas não o gênero até depois da cirurgia de redesignação de sexo.

Ele me disse que havia disponíveis dois programas alternativos do distrito escolar. Um deles era “escola no lar,” mas não me interessava. Havia também um programa principalmente para adolescentes problemáticos no qual os estudantes iam ao próprio passo deles, mas também não serviria. Danielle não era uma adolescente problemática, e eu só tinha ouvido relatos negativos sobre este programa. Ele me falou de uma terceira possibilidade—uma pequena escola alternativa, que tinha poucas regras mas que fomentava a responsabilidade dos estudantes. Foram ali uns estudantes gay e lésbica que não tinham sucedido em outras escolas. O programa de ginástica era informal, no qual os estudantes usavam roupa casual. Este parecia o lugar correto para Danielle, assim que preenchi as fórmulas necessárias. Eu disse ao administrador que eu

tinha que saber logo se Danielle pudesse registrar porque preferia morar perto da escola em vez de ter que atravessar a cidade, e que seria necessário nos mudar. Nos despedimos amavelmente, e nem sequer chorei.

Um dia mais tarde me ligou com más notícias. Havia uma lista de espera de dois anos para se registrar na escola alternativa.

Ele me perguntou, “Há outra escola que a Sra. possa considerar?”



*Nossa política é que não podemos discriminar.*

Eu lhe disse, “Se o Sr. puder encontrar um lugar onde Danielle esteja protegida de ser batida, onde não zombem dela, e de preferência onde não tenha que fazer a aula de ginástica, me avise.” Ele disse, “Sendo que os diretores da escola ainda não têm voltado, será difícil falar com eles.” E ele adicionou, “Tenho que falar com mais uma pessoa sobre a escola alternativa. Tal vez exista uma esperança de que ela se registre, se esta pessoa falar com o diretor.”

Assim é que continuava o jogo frustrante com o tempo se tornando muito curto. Ao começo de agosto dei meu aviso de 30 dias à gerência do apartamento, assim que logo devíamos nos mudar.

Ao falar com amigos e professores, descobri que havia bastantes filhos dos professores no programa da escola alternativa. Eu me perguntei quanto tempo tinham estado “na lista.” Uma semana mais tarde, quando eu estava chegando ao limite da minha paciência, falei com meu filho David sobre a escola alternativa onde achava que Danielle estaria segura. Minha estratégia consistia em pedir ao distrito escolar que me informasse quanto tempo cada estudante tinha estado na lista de espera. Então diria que eu achava que havia favoritismo e exigiria justiça vigorosamente.

David me disse, “Mãe, mãe. Vai ao distrito escolar outra vez e diz que você está à beira de loucura porque está tão angustiada por sua nova filha, e diz que tem medo que façam dano a ela nas outras escolas, e que se Danielle não entrar no programa alternativo você vai se suicidar, e que não sabe o que fazer, e derrama muitas lágrimas.”

Embora detesto recorrer a tais táticas femininas, fiz o que ele sugeriu. As lágrimas brotaram facilmente e deu certo. Os administradores da escola voltaram das férias, deram um jeito e logo após me disseram que Danielle podia se registrar a sexta-feira que vinha. Sugeriram que ela registrasse com o nome novo sem fornecer demais informação. O diretor da escola sabia da situação de Danielle e sugeriu que fosse informado também o conselheiro da escola. Me disse que durante o ano anterior tinha ido à escola outra estudante transexual, e lhe perguntei se existisse alguma maneira que eu pudesse falar com os pais dela. O administrador se acordou em dar aos pais o meu número de telefone, caso eles quisessem comunicar comigo. No fim das contas, parecia que o distrito escolar sim tinha um coração.

Enquanto Danielle foi à primeira consulta com o endocrinólogo, fui registrá-la na escola. Tive que preencher as fórmulas acostumadas e numerosas, e me pediram o arquivo acadêmico prévio dela. Eu disse ao funcionário que Danielle tinha ido a uma escola no Canadá e que não tinha à mão o endereço dela. Em parte era a verdade porque ela tinha ido por uns meses a uma escola canadense enquanto morava com o meu irmão um ou dois anos anteriormente. Danielle e eu tínhamos decidido mudar o assento de nascimento, cortando a data por um ano, para que houvesse menos causa de suspeita quando o nome prévio e o novo apareciam juntos na lista do computador. Já compusemos o novo nome no fichário de imunizações por acrescentar à mão as duas letras adicionais. E esta vez não dei nenhum escândalo sobre as perguntas raciais.

Esquecemos mudar as datas no fichário de imunizações e isso voltou a nos perseguir um ano mais tarde quando alguém notou que ela tinha sido imunizada antes de nascer. Declarei que tinha estado confusa com os aniversários dos meus outros filhos.

Quando tentava justificar as mentiras sobre os nomes e gêneros, decidi que era necessário fazer as correções agora porque eu não sabia os fatos verdadeiros quando ela nasceu. Comecei a chamar isto “compôr a verdade”—a verdade como eu veia. Às vezes é preciso fazer o que se precisa fazer. Assegurar para ela um lugar seguro era mais importante para mim do que a informação que queriam saber os funcionários da escola ou os burocratas estaduais. Quando afirmamos que Danielle era uma estudante nova, os funcionários descartaram todo o arquivo acadêmico anterior dela.

Havia outras razões para estar apreensiva sobre a educação de Danielle, porque nunca antes tinha conseguido, como um menino, estar ao corrente com o resto da turma na escola. Inclusive nos anos pre-escolares, era evidente que tinha problemas com os números e com o dinheiro. Gostava dos jogos de cartas e aprendia facilmente as regras, mas não podia contar os pontos nas cartas mais alto de seis. Quando ia ao jardim de infância só podia identificar o dinheiro de almoço como a moeda grande, a de tamanho médio e a pequena—25 centavos, cinco, e dez. Pensávamos também que era daltónico porque não podia aprender os nomes das cores, embora notava e fazia comentários sobre as cores e texturas mais do que a maioria dos meninos da mesma idade. Quando lhe perguntávamos sobre o jardim de infância e o que era que gostava dele, disse, “Gosto dele porque tem cores muito bonitas.” No primeiro dia de aulas ele notou que a porta de cada sala estava pintado de uma cor clara e diferente.

Embora foi promovido ao segundo grau, insisti que ele repetisse o primeiro. Ele ainda batalhava com as letras do alfabeto, mas não por falta de esforço. Ele amava a professora e vice-versa, e não havia comportamento problemático. Parecia suficientemente hábil, mas devido à confusão com os números e letras, suspeitávamos alguma desvantagem de aprendizagem. Um psicólogo educativo de uma universidade fez um exame dele e concluiu que não tinha nenhuma desvantagem, mas que não era tão maduro quanto os outros alunos da mesma idade. Foi examinado mais uma vez ao final do segundo curso do primeiro grau, e me disseram o mesmo—

que apesar de ainda não ter dominado o básico, tudo daria certo quando ele madurasse um pouco mais.

Embora ele progressava na escola, continuava a ter dificuldades com as letras e números e especialmente em aprender as tabuadas de multiplicação. Aprendeu a do seis, mais quando aprendia a do sete, esqueceu a do seis, apesar de toda a ajuda que eu lhe desse ou quanto ele se exercesse. Era um menino tão amoroso e feliz que eu não podia perder paciência com ele. Se sobresaiu em colorir e artesanaria, e tinha uma estimacão extraordinária para o arte e a beleza. Era muito sensível aos sentimentos dos demais e sempre se dava conta quando alguém se sentia triste, doente ou aborrecido. Eu tinha lido que tal sensibilidade é comum nas meninas, que são capazes de “ler” dicas sùteis e de notar pequenas mudanças das expressões faciais, mas que isso é pouco comum num menino. Mas Daniel não tinha nenhuma idéia sobre ontem ou amanhã, nem o significado da noite ou da manhã. Também confundia e trocava várias palavras. Gostava de cozinhar e aprendeu ler o suficiente para seguir uma receita, mas eu não pensava que jamais aprenderia mais frações do que se usam numa receita de cozinhar.

Porém, o comportamento feminino de Daniel tinha sido inquietante a alguns professores e conselheiros do sistema escolar.

“O filho da Sra. balança quando anda,” disse a professora do terceiro grau. Eu sabia que ela queria dizer que a bunda dele oscilava e que andava como uma menina. E adicionou, “Sempre que os meninos andam de fileira rumo à sala de aulas, ou saem de lá, lhe digo que deixe de balançar.”

Eu sabia que balançava quando andava, mas sentia triste que Daniel tinha que sofrer essa crítica dessa professora inconsiderada. Eu disse à professora, “Se a maneira de andar dele não interferir na instrução, não faça caso disso, por favor. Por favor deixe de chamar atençã o a isso, e deixe que ele fique em paz.”

Esta professora não parecia entender muito dos meninos, e dado que era a única professora desse grau, nos mudamos a outra escola.

O ano seguinte me ligou um conselheiro da escola que disse, “A Sra. sabia que seu filho está brincando com as meninas no pátio durante o recreio?” Eu pensei, “Por que é daninho isso? As meninas também são pessoas e por que deve importar que ele queira brincar com elas?” O conselheiro adicionou, “Corre o boato que o filho da Sra. tem dito que quer ser uma menina.”

Eu lhe perguntei, “O que o Sr. acha que devo fazer a respeito disso?”

“Muito bem, não encoraje,” foi a resposta. “Dez anos é novo demais para saber a orientação sexual de alguém.” Eu mencionei a Daniel esta conversa, mas ele evadiu o tema.

Quando Daniel estava no oitavo grau, me chamaram à escola para uma consulta com a enfermeira e com o conselheiro.

“O filho da Sra. precisa de conselheria,” recomendaram.

“Por que é que os Sres. acham isso?”

“Porque chora quando os demais meninos zombam dele.”

Parecia como se estivessem tentando tratar os sintomas em vez da doença. Eu supunha que sugeriam conselheira para mudar o comportamento de Daniel, porque não podiam controlar os meninos que debochavam e zombavam dele. O pessoal da escola nunca me disse abertamente que pensavam que era gay, mas muitas vezes falavam com rodeios.

Quando pedi que me recomendassem a um bom conselheiro especialista, não sabiam de nenhum, e o distrito escolar não tinha tais conselheiros.

\* . \* . \* . \* . \*

Quando falei com o endocrinólogo depois da primeira consulta de Danielle, me alegrei saber que tinha um atitude positiva, embora não tinha tratado muitas transexuais tão jovem como Danielle. Ele lhe autorizou a receita para os hormônios, e tirou sangue para um análise de laboratório. Danielle ficava emocionada ao ter alcançado este ponto tão importante. Na sala de espera estavam duas pessoas que ela tinha conhecido anteriormente em um grupo de apoio, e estavam impressionadas que Danielle já passava tão bem como garota. Comentários como estes me faziam chorar, mas evitava chorar frente a Danielle para não lhe dar embarço nem estresse.

Depois da consulta com o endocrinólogo dirigimos ao novo apartamento para assinar o contrato e logo à farmácia. Acabo de dizer a Danielle, “hoje não posso com mais nada,” quando notei que o indicador de combustível ficava em vazio.

Em geral, tinha sido um bom dia, mas o de tratar do registro escolar, consultas, fórmulas, dinheiro e decisões me deixou emocionalmente exausta. No posto de gasolina, fui ao telefone público para responder a uma mensagem do biper enquanto Danielle punha o combustível. Ao sair do carro, deixei as chaves fechadas dentro. Foi o limite. Andei para atrás do posto, me sentei num canteiro de flores e chorei e chorei. Coitadinha Danielle! Os homens do posto tentavam sem sucesso abrir o carro enquanto me davam olhadas rápidas de través e se perguntavam se tinham nas mãos uma mulher louca. Entretanto Danielle ficava tranqüila. Ela ligou para a associação de motoristas e logo após chegou o serralheiro para abrir a porta. Para então eu tinha recuperado a compostura e continuamos para comprar os hormônios—ironicamente os mesmos que eu mesma lutava para controlar. Embora nos disseram que os hormônios não provocariam mudanças imediatas, Danielle estava muito ansiosa começá-los. Desde então temos rido bastante do tempo quando me sentava chorando no canteiro de flores do posto de gasolina. Ela demonstrou madurez pela maneira que manejou a situação estressante e uma mãe “à beira.”

Tivemos que resolver o problema de encher o soutien vazio de Danielle. As garotas às vezes usavam lenços de papel, e existem próteses que se usa depois de uma mastectomia, mas Danielle precisava uma solução do meio. Ela achava que os soutienes com o máximo de enchimento já incluído não lhe dava busto suficiente. Tentamos várias soluções caseiras tais como ombreiras cortadas à medida exata, mas Danielle achava que era possível distinguir que não fossem reais. Danielle pensava que todo o mundo olhava o busto dela, em qualquer parte que andava. O que era que usaram com sucesso as outras pessoas?

Durante a primeira reunião de apoio que assisti do grupo Canto Neutral, perguntei a duas pessoas amistosas como enchiam o soutien. Eles se deram conta que era uma pergunta muito séria e me deram boa informação. Existem almofadinhas que se chamam formas ou moldes de seios. Há várias opções disponíveis, e as duas pessoas usavam tipos diferentes. Devido a que os moldes de seios são caros e difícil encontrar, eles ofereceram a se reunir com Danielle para mostrar o tipo de roupas de baixo e prendedores que usavam. Estas duas pessoas aceitaram meu convite a tomar café mais tarde durante a semana. Uma delas chegou vestida como uma senhora madura e



bastante formal e a outra vestiu um terno de negócios com camisa branca e gravata, e levava os seios numa caixa. A cena me parecia tão cômica que era difícil suprimir o riso. Eu estava com dois homens adultos, um deles vestido de mulher e o outro como homem de negócios, e eles mostravam a quem parecia uma garota adolescente as diferenças entre vários tipos de seios postiços. Mesmo assim, eu sabia que era uma questão crucial.

Eles nos mostraram um tipo de molde que era de silicone e parecia bastante uma prótese de seio que se usa depois de uma mastectomia, e se sentia melhor ao tato. Outro tipo era uma bolsa na forma de um seio, contendo bolsinhas redondas cheias de areia. Este tipo de forma de seio se podia alargar ou diminuir por acrescentar ou tirar umas bolsinhas de areia. Escolhemos o segundo tipo, que se chamava “Bosom Buddies” (companheiras de confiança) porque parecia mais durável, o que era importante para uma adolescente ativa. Eles nos informaram onde podíamos comprá-los por um pouco mais de \$100 o jogo.

Quando Danielle começou a usar as formas de seio, ainda se sentia insegura porque as formas pareciam se mover. Tinha medo que se afrouxassem do soutien e que acabassem por parar onde não queria. Para resolver este problema, cosí broches de pressão no pano exterior da cada bolsa e cosí outros broches de pressão no soutien para que se prendassem. Isto já tem funcionado bem durante mais de dois anos.

Quando os hormônios começaram a ter efeito nela e brotaram os próprios seios pequenos e ternos, só tirou das formas umas poucas bolsinhas. Era difícil usar estas formas durante a natação porque ela só tinha um jogo, e levaram várias horas em se secar.

Eu vou lembrar e vou lhes agradecer por muito tempo a ajuda que nos deram aqueles dois crossdressers. Foi cômico mas muito útil.

Danielle usava um tipo de roupa de baixo de faixa apertada, às vezes dois ou três delas, uma acima da outra para lhe dar confiança que as partes que deviam ficar escondidas se mantivessem assim. O termo em inglês para isso é “tucking” (é dizer, “se ocultar” ou “se enfaixar”). Também os hormônios sim ajudaram a manter as coisas sob controle.

Justamente antes do início das aulas, os pais de uma adolescente transexual da mesma idade que Danielle me ligaram para nos convidar à casa deles, mas fui sozinha para proteger Danielle de qualquer dificuldade imprevista.

Laura e os pais dela mostraram um grande interesse por Danielle e Laura ficava muito desiludida que ela não tinha me acompanhado. A mãe e padrasto de Laura desfrutaram de falar comigo, e eu com eles, e conversamos muito sobre a maneira que tínhamos criado nossas filhas especiais. Concordamos que não havia razão para nos sentir culpáveis. A mãe de Laura tinha desejado uma menina, mas sabia que este desejo não tinha resultado no que o filho fosse uma menina; por minha parte sempre tinha estado contente ter meninos.

Durante a conversa, aprendi que o filme favorito de Laura era Cinderella (Cinderela, A Gata Borralheira), e já sabia que o favorito de Danielle era Pretty Woman (Mulher Bonita); os dois filmes tinham a ver com mulheres que assumiam uma nova identidade. Laura tinha tentado fazer a transição de gênero enquanto ia a um colégio local, mas quando não resultou um sucesso, se registrou no mesmo programa alternativo que Danielle ia começar. Já que Laura também não tinha feito muito sucesso acadêmico, tinha estado fazendo um programa escolar em casa. Laura era muito franca ao explicar as mudanças que provocavam os hormônios no corpo dela—aumento

de seios, a redistribuição de gordura e a falta de ereções. Afortunadamente Laura nunca tinha muito pêlo facial.

Para mim era tranquilizante ver que os pais de Laura manejavam a situação com compreensão. Agiam como se fosse tudo muito fácil. Eles não tinham contato nenhum com a comunidade transgênero.

Ao voltar à casa dei a Danielle o número de telefone de Laura, e ligou para ela imediatamente. Conversaram durante horas o primeiro dia e seguem em contato até hoje. Compartilhavam roupas, dicas sobre maquiagem e amigos. Laura tinha uma coleção de bonecas Barbie da qual as duas desfrutavam muito. Laura era uma loura, tinha uma voz baixa e sedutiva, parecia uma estrela do cine e gostava de mudar a cor do cabelo cada semana. Parecia que ela necessitava mais atenção e excitação do que Danielle, e sempre sabia onde estavam acontecendo as coisas e queria estar ali. Era mais emotiva do que Danielle e dizia mais logo às pessoas que era transexual, mas não buzinava que também era transexual Danielle. Às vezes eu me perguntava se a influência de Laura era enteramente boa para Danielle, mas sim pensava que a de Danielle era boa para Laura. Estabeleceram um vínculo firme, já que compartilhavam uma experiência única.

Logo que Danielle obteve a carteira de motorista, ela e Laura saíam juntas todos os fins de semana. Elas freqüentavam vários cafés que também freqüentavam os gays e lésbicas, mas Danielle logo se cansou desses lugares porque ali os homens não lhes davam atenção. Também iam às casas noturnas de México onde Danielle flertava para poder entrar sem identificação.

Eu não via com freqüência os pais de Laura, mas todos nós sabíamos bastante sobre a adolescente de cada qual, e sabíamos onde ligar caso não chegassem à casa a tempo. Quando Danielle ficava fora muito tarde, eu só queria que estivesse se divertindo porque merecia um pouco de felicidade. As garotas passaram muitas noites na casa de uma ou outra, pelo menos assim me disseram. Eu esperava que não se metessem em encrencas com a lei, porque em nossa cidade existe uma lei que proíbe o travestismo durante a comissão de um crime ou fraude. A maioria das cadeias colocam as transexuais pré-operativas com as pessoas de genitais similares, é dizer, colocariam Danielle ou Laura com os homens.

Danielle nunca sentiu a necessidade dos grupos de apoio que eu gostava de assistir, mas ela e Laura às vezes chegavam lá por um tempinho para me divertir e para se badalar de que tudo lhes ia bem. Elas gostavam de que todos os participantes da reunião lhes diziam o linda que eram.

Eu achava que os pais de Laura faziam as vontades dela, e me dei conta que eu fazia o mesmo com Danielle. Um exemplo foi quando andávamos comprando bijuterias para um baile de gala. Ela gostava de uma peça que custava \$80, e eu tinha justificado que ela merecia. Então encontrou outra peça muito similar que só custava \$20 e compramos. Ao sair da loja me disse, “Já podemos gastar o \$60 que economizamos.” Não gastamos, mas pensei sem falar, “é uma verdadeira mulher.”

\* . \* . \* . \* . \*

A vida tinha dado a Danielle e Laura uma mão difícil de jogar—assim que nós, os pais, desejávamos fazer tudo possível para facilitar o caminho delas.

Tínhamos encontrado um apartamento que parecia um lugar respeitável e que estava perto da nova escola, e começamos a nos mudar. Estávamos preparadas porque já tínhamos mudado com freqüência, mas esta mudança era distinta. Tive que rir de socapa quando me dei conta que tinha

mudado minha atitude a respeito da minha filha. Nas últimas duas mudanças desde que tinham se ido embora Ben e David, eu tinha permitido que meu filho adolescente carregasse coisas pesadas e se empreendesse as tarefas difíceis. Agora queria lhe avisar de ter cuidado ao levar coisas pesadas, e eu estava disposta a carregar a maior parte para lhe salvar esforços. Até então, eu não tinha me dado conta de tais atitudes de preconceito de gênero, mas agora apareciam de vez em quando. Por parte dela, Danielle se sentia tão forte como sempre, e estava igualmente disposta a fazer o necessário para me salvar do trabalho pesado. Ela queria que fizéssemos a mudança nós mesmas sem a ajuda de homens. Ela não tinha adotado a atitude de uma mulher desvalida e indefesa—pelo contrário, queria ser uma mulher independente. Eu ficava orgulhosa de ter a mesma atitude, mas esse dia com gosto teria aceitado ajuda.

Outro exemplo de ter que examinar minha atitude à minha nova filha era que eu não queria que ela dirigisse no México embora os irmãos dela tinham feito à mesma idade.

Quando chegava o primeiro dia de aulas, eu estava muito apreensiva por Danielle. Uma das razões que escolhemos a nova escola foi o regime de campo aberto, para que ela pudesse voltar à casa em qualquer momento que não sentisse à vontade. Danielle ainda se sentia um pouco coibida e ela achava que devia voltar à casa à meio-dia para se barbear. Porém, não se sentia coibida com respeito ao vestuário--vestia as últimas modas e isso melhorou a confiança dela. Também se sentia muito insegura da voz. Devido a que tinha começado os hormônios antes do aprofundamento da voz, tinha uma probabilidade excelente de conservar uma voz mais feminina. A voz dela me parecia muito aceitável embora era um pouco baixa para uma mulher, mas para ela era uma preocupação grande.

Ao fim do primeiro dia de aulas, estive muito contente ao saber que tudo tinha ido muito bem. Ela estava contente com a situação e ninguém tinha adivinhado que tinha ido a outra escola como garoto o ano anterior. Tinha a opção de usar o banheiro da enfermeira da escola, mas tinha medo que fazer isso lhe chamaria a atenção, assim que usava o banheiro das garotas. Em caso de qualquer problema, lhe confortou saber que podia me localizar por meio do biper a qualquer hora. Já que trabalho por minha própria conta, fixava meu horário e podia sair em qualquer momento que me avisasse. Ela não queria me mortificar, mas houve várias ocasiões quando fui à casa para estar com ela. Ainda necessitava que eu tranquilizasse e abraçasse ela com frequência. Os hormônios pareciam provocar emoções similares a uma montanha russa. Alguns dias ela fazia pouco mais de chorar.

Eu lhe disse, “Às vezes as mulheres têm dias em que choram. Chama-se acumulação d’água e às vezes você tem de chorar para poder se sentir melhor.”

Certa vez ela me ligou quando chegou à casa cedo de um baile da escola porque tinha uma espinha no nariz, e no próximo baile dançou num novo vestido que tinha costurado para a ocasião, até que apagaram as luzes. Isso me alegrou—que tinha a oportunidade de ser uma garota, com espinhas e tudo. Ela e eu saímos juntas muitas vezes para dançar Country Western (música sertaneja) e mais tarde, ao conhecer mais amigos, ela fazia aulas de dança só para adolescentes. Uma noite levei ela de volta de um baile e as aias adultas me disseram que Danielle era um encanto e muito madura. Muita gente freqüentemente dizia isso e eu sempre pensava, “não têm a menor idéia.” Rumo à casa ela me disse de uma cena feia que tinha acontecido. “Algumas garotas maiores estavam escarnecendo e casuando de outras garotas,” disse ela. “Apontavam para mim enquanto eu dançava. Eu parei, cara a cara com elas e disse que eu estava cansada de que zombavam de todo o mundo. Elas me xingavam e me pediram ir para fora para brigar. Eu disse que não queria brigar, e que só estava farta de que se metiam comigo porque tinham ciúmes pelo bem que eu dançava.” Danielle sentiu que tinha manejado bem a situação e

achava que as outras garotas se tinham feito ridículas. Elas saíram depois de fazer ameaças de feri-la ou até matá-la. Ela me explicou, “Queimei aquelas garotas porque explodiram os quinze anos de suprimir a cólera para todos que zombavam de mim.” Eu estava orgulhosa dela, mas também triste que tinha sido tão difícil a vida anterior dela.



*Às vezes as mulheres têm dias em que choram.*

\* . \* . \* . \* . \*

Para meu trabalho, duas vezes por mês eu tinha que viajar e passar a noite fora da cidade. Deixava Daniel sozinho, mas agora era outra coisa deixar sozinha Danielle. Ela me assegurou que não haveria problemas durante essas noites, mas eu ainda queria estar perto, caso ela necessitasse proteção. Quando não podia estar ali, eu arrumava que amigas viessem a ficar com ela.

Danielle tinha um grande desejo de ter uma cama de garota. Eu não sabia que as camas tinham gênero, mas fomos procurar uma cama feminina. Encontramos uma cama individual com uma cabeceira bonita com espelhos e estantes. Tive que admitir que sim parecia como se fosse desenhada para o quarto de uma garota. Quando nos entregaram, lutamos sem sucesso para montá-la, assim que finalmente abrimos mão do orgulho e pedimos ajuda de um homem. Logo o filho da minha irmã, que é da mesma idade que Danielle, lhe enviou um frasco de vidro artesanal que trouxe de uma viagem à Europa, e ela colocou na cabeceira. Este gesto de amor e aceitação significou muito a Danielle.

O primeiro ano escolar passou bastante tranquilamente, e ela fez avanços surpreendentes nos estudos. Eu estava convencida que ia ter que lhe ajudar com a álgebra, mas ela dominou desde o

começo, sem ajuda. Também melhorou nas aulas de literatura e escritura e fez passos gigantes em todos os estudos. Era como si alguém tivesse acendido as luzes. Finalmente as coisas tinham sentido. Os professores falavam o idioma correto. Agora podia pensar nos estudos em vez de ficar oprimida com sentimentos e emoções inexplicáveis.

Um dia me encontrei com alguns dos professores dela num café antes das aulas. Estiveram muito afáveis—me elogiavam pela maneira que eu tinha criado minha filha. Quando me falaram de que boa adolescente era, tive que me trancar. Eles nunca pudessem ter imaginado as desvantagens que ela tinha que enfrentar. Cheguei a me acostumar a ouvir tais elogios sem revelar o segredo.

Eu queria que todo o mundo compartilhasse comigo o prazer e a beleza desta nova pessoa, mas Danielle não queria que todos soubessem, assim que tive que falar com cuidado ao redor dos amigos dela, os professores e os vizinhos. O grupo de apoio do Canto Neutral era um lugar onde podia compartilhar meus sentimentos e meu orgulho relativo às façanhas de Danielle. Eles entenderam a luta que tinha sido, e eu sabia que eles podiam guardar segredos. Eu esperava que com o tempo se desvaneceria minha necessidade de contar a história aos demais, mas não tem resultado assim.

\* . \* . \* . \* . \* . \*

Quando procurávamos uma escola para Danielle, a aula de ginástica era uma grande preocupação. O conselheiro Hunter nos recomendou que um médico familiar escrevesse uma razão, tal como um problema cardíaco, para isentá-la da aula. Temos um parente que é médica, e ela disse que ficava disposta a fazer isso, mas resultou que não tivemos que aproveitar da oferta. Na escola alternativa, os estudantes não tinham que usar uniformes atléticos para a ginástica, além de usar tênis. Ao ganhar auto-confiança, Danielle começou a desfrutar da ginástica, embora antes não tinha gostado dessa aula.

Em certa ocasião ela me mencionou o programa de prova de Aptidão Presidencial. “Estou tentando fazer mais do que se requisita das garotas porque me sinto como se eu faça um pouco de fraude.” Ela ainda ajustava a maneira de pensar para se acostumar ao novo gênero—avaliando o desempenho dela relativo aos requisitos masculinos anteriores, embora ela parecia uma garota.

O ano que vinha ela queria ir a um colégio ordinário e participar nas aulas normais de ginástica, calçando o uniforme atlético no vestiário com as demais garotas. Eu queria que ela evitasse possíveis embaraços ou problemas, mas outra vez me calei e permiti que ela tentasse qualquer coisa que se atrevesse. Não queria freá-la nem fazer com que se tornasse paranóica devido aos meus medos. A possibilidade de que outra mãe descobrisse me deu pesadelos. Se a política do distrito escolar tivesse permitido a substituição de uma aula de dança pela ginástica, ou não assisti-la absolutamente, para mim teria sido mais cômoda. Decidimos que caso alguém descobrisse, nos mudaríamos a outra parte da cidade.

Antes de fazer a decisão final sobre a escola ordinária, perguntamos sobre os chuveiros. Resultou que tomar banho de ducha depois da aula de ginástica era opcional devido aos pais de famílias de religiões orientais que não permitiam que os filhos se desvestissem em frente de outras pessoas. Eu pensava que esta era uma das poucas regras religiosas que tinha sentido. Ao meu parecer, é uma prática bárbara exigir que adolescentes, muitas vezes coibidos, em etapas diferentes da puberdade, se desvestam em frente dos demais. Danielle usava uma camiseta atlética sobre o soutien, e a roupa de baixo da faixa costumária para manter a discrição quando mudava de roupa.

Ao continuar o ano escolar, ela inclusive se juntou ao equipe de correr como um esforço para manter o corpo em forma. Minha preocupação esta vez era que ela competisse contra outras escolas, porque eu temia que alguém pudesse reconhecê-la e objetar ao que corria no equipe das garotas. Ela deu o melhor esforço, mas devido às doses grandes de hormônios, perdeu a energia antes de terminar a carreira. Quando eu assistia aos encontros das carreiras, escutava quando as demais mães falavam sobre os problemas que tinham com os filhos, mas tinha que ficar calada com respeito a Danielle. Eu queria lhes dizer o orgulhosa que estava da minha surpreendente e especial adolescente, mas não rompi o silêncio. Parecia o mais sabido falar com um treinador sobre Danielle, caso surgisse alguma pergunta inesperada, mas não fiz—e não houve problemas.

Danielle notou que algumas das outras garotas do equipe de correr não tinham mais busto do que ela, mas não estava convencida que podia deixar de usar as formas de seios.

Durante os anos de ensaios sucessivos, encontramos várias opções para uma estudante transexual lidar com a situação de ginástica numa escola preparatória. A enfermeira da escola me disse que era fácil ser isentada da ginástica em nosso distrito. Um estudante com um problema de saúde, defeito congênito ou outra condição que provoque uma dificuldade de adaptação social pode obter tal isenção. Ninguém me ofereceu esta informação quando começamos a fazer perguntas sobre a aula de ginástica. Nosso distrito escolar também dá crédito compensativo aos estudantes que fazem outra atividade física fora das horas escolares, tais como natação ou futebol.

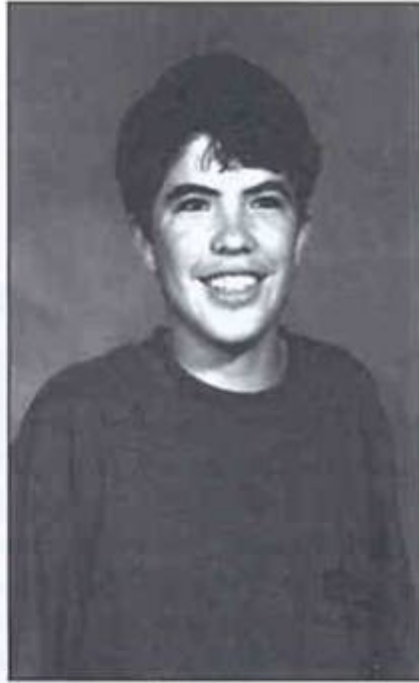
Danielle fazia uma aula de coro durante o segundo ano de colégio na qual os estudantes aprendiam tanto dança quanto música, e se preparavam para um espetáculo que montariam ao final do semestre. A roupa e os sapatos requisitados para o espetáculo custaram \$60 e lhe dei o dinheiro sem muito gosto.

Quando entregaram a roupa, Danielle desgustou dela, porque o vestido para as garotas era tão revelador--era muito decotado para pendurar dos ombros, e tinha uma saia muito curta que apenas cobria as pernas. Não podia usar o soutien nem a roupa de baixo costumária com esse traje, e em geral se sentia muito incômoda. Uns centímetros de pano acrescentado ao traje teriam feito uma grande diferença.

Eu duvidava o juízo do professor lascivo que escolheu o traje inapropriado que definitivamente não enquadrava com as normas escolares. Meu primeiro impulso foi fazer a guerra contra a escola, mas Danielle queria manejar a situação por ela mesma por se despedir da aula sem fazer barulho. Ela fez assim, mas mais tarde eu sim expressei minha opinião quando surgiram outras perguntas com respeito a essa aula. Danielle tinha tido que enfrentar umas situações difíceis, mas parecia estar se adaptando bem na escola. Embora em algumas ocasiões era muito valente, esta vez só queria se retirar. Mostrou uma madurez surpreendente ao reconhecer quais batalhas deve prosseguir. Escolheu sabidamente as guerras, não como eu, que elegia lutar todas as batalhas que se apresentavam.



*Daniel at 8 years*



*Daniel at 14 years*



*Danielle at 15 years*



*Danielle at 19 years*

## PARTE III...ACEITANDO

Durante os anos desde meu divórcio, tinha assegurado que os meninos ficassem em contato com a família mexicana deles, e eu tinha tentado manter uma relação civil com o pai para o benefício dos meninos. Os meninos e eu tínhamos ido a visitar aos parentes mexicanos em muitas ocasiões familiares especiais e sempre éramos aceitados como uma parte da família. Daniel e a avó mexicana dele tinham um vínculo especial, assim que era de cortar o coração dela quando saímos para morar nos Estados Unidos. Daniel passou várias férias de verão com ela no México.

Depois que se casou de novo, Salvador mudou para Califórnia e era o pai de dois filhos mais. Meus meninos se encantaram dos meios irmãos e Daniel em especial ficava emocionado de ter uma meia irmã. Meus filhos visitavam ao pai frequentemente e inclusive cuidavam as crianças dele. A madrasta era confortável com a presença dos meus filhos, e eles de vez em quando viajavam ao México com ela, o pai e o família deles para visitar vários parentes.

O pai de Danielle era católico romano com pouca educação e tinha uma mentalidade fechada relativo às pessoas que considerava diferentes. Durante a transição de Daniel a Danielle, ela falou certa vez com o pai sobre os sentimentos que na realidade era uma mulher. De propósito não vestiu de mulher durante essa conversa com ele. Quando ela me contou do encontro com o pai, me disse que ele tinha estado entendendo, assim que esperei o melhor. Um pouco mais tarde, uma noite Danielle voltou tarde por ônibus de uma visita com a família mexicana. Pedi a Salvador que levasse Danielle da fronteira à casa dele, porque ele morava mais perto da linha do que eu. Era a primeira vez que ele viu Danielle vestida de mulher. Depois que cheguei lá para pegá-la e quando saíamos da casa dele, vi que Danielle lhe agradecia e tentava abraçá-lo enquanto eles se despediam. O pai virou dela em rejeição. Era aparente pelas olhadas zangadas que me dava que ele pensava que eu tinha engendrado a situação. A aparente compreensão anterior dele sobre a mudança de gênero de Danielle desapareceu quando na realidade viu ela como uma mulher.

Desde então, quando Danielle estava de visita no pequeno povoado mexicana ao mesmo tempo que o pai, ele sempre tem se ido embora. Numa ocasião saiu da igreja católica ao entrar ela, e fez o mesmo ao chegar ela durante uma comida na casa de alguns parentes.

Em numerosas ocasiões falei com meu ex-marido sobre Danielle e quanto lhe significaria se ele visse ela. Pedi que ele falasse com um sacerdote católico que eu conhecia, uma pessoa que eu sabia que entendia a comunidade transexual. A resposta dele foi, “É Danielle que tem o problema, e é ela que tem de falar com o sacerdote.”

Os irmãos maiores de Danielle também falaram com o pai e com a esposa dele sem proveito nenhum. Depois de um ano ou mais, David e Ben começaram a se afastar do pai devido à rejeição contínua dele para Danielle. Danielle continuou ligando para ele, e ele falava com ela, mas ele não visitaria nem veria a ela face a face, e não assistiu a nenhum dos eventos importantes da vida dela. Embora era de cortar o coração, ela continuava a ligar para ele e ainda esperava ganhá-lo. Ela sentiu muita saudade do meio irmão e irmã. Quando nasceu outra menina do pai e a esposa dele, eles insistiram que Danielle tivesse absolutamente nada com ela.





*Era a primeira vez que ele viu ela vestida de mulher.*

A avó mexicana tentou não prestar atenção ao assunto da transição de gênero de Danielle, até que Danielle foi visitá-la em um vestido de babados, botas de salto alto e uma bolsa. As primeiras palavras da avó foram, “Por que é que você carrega uma bolsa?” Durante a visita Danielle e a avó riram e choraram juntas e a avó ficou convencida de que Danielle era mais feliz vivendo como uma mulher. Danielle enfrentou o resto da família da mesma maneira valente, e as tias e primos logo trataram ela como se sempre tivesse sido uma garota.

Um primo dela se tornou muito protetor e vigiava quando foram a bailes e rodeios. Ela assistiu aos bailes nesse povoado pequeno onde todo o mundo tinha conhecido a ela desde que era menino. Ao começo os rapazes não queriam dançar com ela, mas os primos dela sim faziam, e logo após os outros rapazes também dançaram com ela. Devido a que ela tinha valor e orgulho, os demais não tratavam ela como uma paria, pelo contrário, começaram a tratá-la como uma celebridade. Danielle voltou das visitas contente mas exausta porque ainda sofria o estresse de que todo o mundo sempre parecia estar olhando.

O pai e um dos irmãos dele continuavam a rejeitá-la e não assistiam aos eventos familiares caso ela também assistisse. O pai lhe enviava mensagens que diziam que ela não devesse assistir bailes no povoado natal nem falar com os meios irmãos. Ela não prestou atenção às mensagens, mas estava profundamente ferida pela contenda familiar e achava que era a causa dela.

Eu lhe disse várias vezes, “Não é sua culpa e seu pai é o único que pode pôr fim à contenda por mudar de atitude.”

O pai culpava o resto da família por aceitar Danielle, porque ele sentia que ela não teria continuado a transição de gênero se toda a família tivesse rejeitado a idéia desde o início.

Freqüentemente, agradeço não ter tido de enfrentar os problemas de gênero de Danielle enquanto morava com Salvador, porque as dificuldades da transição teriam chegado a ser enormes. O esforço de tentar proteger Danielle e também salvar o matrimônio me teriam destruído.

Às vezes fico triste ao me dar conta que o pai está perdendo tanto. Outras vezes odeio ele por fazer dano a ela e por ser tão egoísta, só pensando em si. Não posso entender um pai que rejeite um filho, especialmente uma filha tão bonita, bondosa e feliz como Danielle. Como é possível que ele tenha paz no coração?

\* . \* . \* . \* . \*



*Porque era valente y orgulhosa, os demais não viam ela como paria.*

Durante muitos anos meu passatempo predileto tem sido o teatro comunitário. Sou gerente de cena e participo em outras atividades detrás do cenário para assegurar que o espetáculo continue, mas não tenho nenhum desejo de ser atriz nos holofotes.

Durante os anos tenho ganhado vários amigos muito bons entre a comunidade teatral, e alguns deles são gays e lésbicas. Quando soube da situação de Danielle, eu trabalhava com meu diretor favorito e outros amigos no ensaio do “Ten Little Indians”(Os Dez Indinhos). Queria evitar que meus problemas pessoais interferissem com a obra, mas às vezes chorava sem razão aparente. Finalmente eu falei aos meus amigos do elenco sobre Danielle, porque ela ia assistir os ensaios comigo. Todos tinham conhecido meus meninos enquanto cresciam e ficaram muito interessados e prestes a me apoiar quando ouviram da situação.

Quando uma noite Danielle veio comigo ao teatro, meus amigos se comportaram como se tivessem conhecido ela sempre como uma garota, e não prestaram atenção à mudança. Inclusive chamaram ela do nome correto! Um dos atores favoritos dela lhe deu um abraço e disse que era linda. Os atores que não conheciam ela anteriormente não tinham idéia que ocorria uma coisa importante.

Houve algumas situações interessantes em que novos atores flertavam com Danielle, tentando conhecê-la melhor. Embora eu tentava protegê-la para que não fosse contrariada, e para impedir que os atores sofressem um embaraço, não havia muito que eu podia fazer. Porém, o diretor em certa ocasião advertiu a um recém-chegado que arriscava a cadeia se metesse com uma menor de idade. A realidade era que parecia bem maior de quinze anos. Meus amigos que sabiam da situação dela não tinham mexericado a nenhuma outra pessoa do teatro, o que me surpreendeu.

Danielle assistiu a um banquete anual de prêmios comigo onde muitos de nossos amigos saudaram calorosamente a ela e lhe deram cumprimentos sobre a aparência. Um homem lhe perguntou se fossem os hormônios que lhe deram a figura bonita. Achei que ela ficaria ofendida por uma pergunta tão direta, mas ela respondeu afirmativamente e eles se abraçaram mais tarde.

Também ela me disse mais tarde, “Ele foi a única pessoa que na realidade me falou diretamente sobre minha nova situação. Isso me fez sentir muito boa. Os demais só me diziam do que boa eu parecia, mas evitaram o tema principal.”

Achava que meus AMIGOS entenderiam, e sim entenderam.

\* . \* . \* . \* . \*

Daniel tinha começado a se barbear quando tinha treze anos porque tinha bastante crescimento de pêlo facial, ao contrário do pai e dos irmãos maiores que tinham pouca barba. Anteriormente eu tinha comentado que as garotas gostam dos rapazes com muita barba, sem me dar conta da angústia que lhe causava todo esse pêlo. Justamente quando tratávamos com hormônios, conselheria, e uma mudança a um novo apartamento e a outra escola, também tivemos que começar o eletrólise para eliminar o pêlo facial de Danielle.

Um dos nossos amigos crossdressers recomendou uma eletróloga e Danielle marcou um encontro. Fomos juntas ao primeiro encontro e a eletróloga explicou o procedimento, mas ela não podia responder a todas as perguntas que lhe fiz. Durante quanto tempo ela necessitaria o eletrólise e quanto custaria? Ela disse que dependia de muitas variáveis, como a tolerância à dor, o tipo de pele e características genéticas.

Além disso ela explicou que Danielle eventualmente necessitaria o eletrólise na área genital como preparação para a cirurgia, assim que queria—e tirou--uma foto desnuda de Danielle. Não parecia importar a Danielle, assim que também não me importava, mas mais tarde soube que tirar fotos desnudas não é uma prática aceita. Embora a eletróloga e eu nos tornamos amigas, nunca vimos nem falamos mais dessa foto.

Assim começaram as muitas horas que levou Danielle no eletrólise e os muitos dólares que paguei. O eletrólise é um processo lento e alguns dias era quase impossível saber se adiantássemos. Ouvimos que pode ser preciso até 300 horas. Houve dias em que Danielle ficou em casa sem ir à escola porque o pêlo facial dela era demais longo para esconder, devido a que não lhe era permitido barbear no dia de um encontro. Aqueles dias chamávamos “dias de mau

pêlo.” Os dias em que eu ficava fora da cidade, Danielle se responsabilizava ir aos encontros por si mesma por ônibus ou de patins.

Enquanto eu observava o procedimento de eletrólise, achei que eu mesma podia fazer. Eu poderia economizar bastante e eventualmente poderia converti-lo em outro negócio de meio tempo. Ao pesquisar, aprendi que se requisitava 600 horas de aulas, e também um exame para obter um certificado do Conselho Estadual, mas a escola mais perto estava a uma distância de 160 quilômetros. Comecei as aulas justamente depois que Danielle tinha terminado o primeiro ano de eletrólise. Eu desfrutava da aprendizagem e as horas de prática com Danielle. Ensinou-me a ser meiga, paciente e cuidadosa durante o procedimento e poder conversar ao mesmo tempo. Tivemos muitas conversas boas enquanto trabalhava com ela e nos tornamos mais unidas ao passar essas horas juntas.

A eletrólise não é uma ciência, mas propriamente uma arte. A dor, o dinheiro e o tempo investido no eletrólise separa aquelas que só tenham um capricho passageiro de querer passar ao gênero oposto.

Danielle me acompanhou em várias ocasiões à aula onde os outros estudantes estavam surpresos da aparência feminina dela. Passamos muitas noites em hotéis perto da escola de eletrólise para que eu pudesse ganhar meu certificado o mais rápido possível. Quando eu não ia às aulas, trabalhava no meu próprio negócio. Nunca perdi nem um minuto—isto era um hábito que tinha cultivado enquanto criava meus filhos.

Ao terminar as aulas e as horas de prática exigida, e ao ser certificado no exame do Conselho Estadual, já tinha alugado um consultório. Meu negócio de meio tempo de eletrólise crescia entre a comunidade transgênero por meio de boas recomendações. As pessoas transgênero parecia sentir confortável comigo já que eu entendia bem os problemas que tinham nas transições. Com o tempo meu negócio vinha sendo um asilo onde os transgênero sabiam que eram aceitados e recebidos com amizade. Meus clientes começaram a chegar fora das horas dos encontros, para ter contato com outros da comunidade transgênero, e logo começaram a ter lugar reuniões sociais em horas determinadas, e consegui estimular um maior sentido comunitário entre os transexuais.

Assim era mais que financeira a recompensa deste negócio. Minha irmã às vezes me diz, “De limões, parece que fez limonada,” ao que Ben sempre acrescenta, “E uma limonada muito legal!”

Nunca fizemos a eletrólise na região genital de Danielle porque nossas amigas que tinham se submetido à cirurgia nos informaram que não era preciso e que não havia complicações. Havia alguns relatos de pêlo na nova vagina, o que pode ser desagradável mas não tinha causado outros problemas como infecção. Parece não existir um consenso entre os cirurgiões relativo à questão de eletrólise dos genitais, e até este momento acho que o remédio é pior do que o problema.

\* . \* . \* . \* . \*

Um amigo de Danielle lhe convidou a ir com as escoteiras ao Ríó Colorado em uma viagem por canoa. Ela precisaria trazer comida, água e tudo necessário para os quatro dias de viagem numa pequena canoa. Tinha que aprender a remar a canoa e poder nadar. Quando levei ela a um lago pequeno para as lições de remar, ela estava muito ansiosa aprender e saiu muito bem.

O grupo da viagem ia consistir tanto de escoteiros quanto escoteiras, assim que Danielle dormiria numa barraca junto com as outras garotas. O grupo incluía alguns adultos que me pareciam muito amistosos. Pensava que seria sabido falar pelo menos a um deles sobre Danielle, mas ela

não queria que eu fizesse. Depois de considerar o assunto seriamente, decidimos que se houvesse um problema, eu poderia chegar lá dentro de três horas para levar ela de volta a casa.

Danielle foi treinada em técnicas de sobrevivência e teve que passar algumas provas de natação, caso capotasse a canoa. Cada escoteira tinha que se lançar vestida n'água, com o maiô baixo da roupa, tirar a roupa e nadar uma volta. Não deviam se vestir de jeans ou de moletom porque ao se molhar estariam pesados demais. Para a prova, Danielle vestiu uma calça de cooper de nylon com elástico ao redor dos tornozelos. Eu olhava desde um assento com interesse mas sem preocupação porque sabia que ela era uma nadadora forte. Ela se lançou n'água e quase imediatamente começou a lutar e parecia estar com medo. O que aconteceu era que a calça de nylon encheu d'água imediatamente—o nylon e o elástico impedia que a água saísse da calça e o peso puxava ela embaixo. Antes que eu pudesse sair do assento, ela gritou “socorro” ao salva-vidas. Ele se lançou n'água e puxou ela à margem. Fiquei surpresa como rapidamente inclusive um bom nadador pode se encontrar com dificuldades. Os chefes não lhe exigiram que Danielle repetisse as provas já que tinha completado satisfatoriamente as demais atividades aquáticas, mas disseram que ela não deve usar essa calça durante a viagem. Depois que ela parou de tremer e se calmou, dirigimos à casa.

Mais tarde ela me perguntou, “Você viu esse bonitinho de salva-vidas? Será que se deu conta que eu levava formas de seios quando pôs o braço ao lado do meu peito?”

Compramos tudo necessário para a viagem, inclusive um maiô muito conservador—de uma peça, cano longo e pouco decotado para que ela pudesse usar o soutien. A maior parte do tempo vestia de short apertado e uma camisa atada em frente. Não importava como se vestia, parecia bonita sem mostrar nada mais que a barriga. Fizemos uma bolsa para as formas de seios molhadas para pendurá-las para secar durante a noite. Então, ela saiu e tentei ficar ocupada para não me preocupar.

Ela dormiu numa barraca com quatro outras garotas e uma conselheira. Iam em duplas ao banheiro (é dizer, à mata), e ela tomou cuidado ficar bem escondida. Numa das paradas para passar a noite, havia chuveiros, e quando duchava não despiu a roupa de baixo porque as cortinas não encobriam muito.

Danielle desfrutou muito do passeio e não teve problemas, mas lhe era chato remar e viajar de canoa. Foi bom para ela participar na experiência escoteira, como uma das coisas que fazem muitas garotas. Senti a tentação forte dizer aos chefes das escoteiras que tinham levado uma transexual com elas na viagem do rio e que não houve nenhum problema, mas não fiz. Mais tarde, num congresso, falei à platéia sobre essa viagem, e mais tarde um chefe das escoteiras me apresentou e me disse que se tivesse sabido da situação, teria tido que colocar Danielle numa barraca sozinha, embora entendia tudo muito bem porque ele mesmo era um crossdresser.

\* . \* . \* . \* . \*

Danielle se informou do Grupo Teatral Novas Imagens, patrocinado pela Paternidade Planejada. O grupo consistia de adolescentes que faziam peças cômicas e obras teatrais que tratavam assuntos de adolescentes. Ela deu audição para entrar no grupo. Embora eu me preocupava das audições porque tinha medo que ela se desiludisse se fosse rejeitada, ela tinha bastante confiança que podia dar uma boa audição e entrar no grupo.

Os candidatos tinham que personificar um animal durante as audições, e Danielle decidiu imitar uma gata. Todo o mundo riu quando, na personificação, ela soou como uma gata no cio. Ela

ficou um pouco embaraçada. Requisitaram outros atos improvisados como dançar e cantar. Danielle ficava com muito orgulho quando foi selecionada para ser associada do grupo.

Os membros do teatro representavam uma diversidade étnica e sexual. Eles escreviam e produziam peças cômicas que eram sem dúvida bem feitas. Danielle aprendeu sobre abuso de meninos e assédio sexual, anticoncepcionais, partes do corpo, conselheria e aceitação da diversidade. Durante uma palestra de treinamento sobre transexuais, o chefe relatou o que sabia, e logo Danielle acrescentou à esta informação, constatando que tinha uma amiga transexual.

O grupo teatral fez uma viagem a acampar e passeios noturnas e chegou a ser muito unido. Eu queria falar com o líder sobre Danielle porque achava este grupo muito compreensivo e de apoio, mas Danielle ainda queria que não soubessem. Parecia mais à vontade entre pessoas que não sabiam do passado dela.

Quando o grupo tinha estado junto quase um ano, passaram uma noite fora depois de uma função. Todos os adolescentes ficavam muito emotivos depois da função, e como acontece às vezes quando se juntam para dormir, contavam os vários segredos deles. O líder tentava dividir o grupo em um arranjo aceitável para dormir na grande sala onde passariam a noite. Cada adolescente tinha um saco de dormir, e nenhuns deles tinham uma relação romântica, mas o líder mandou os garotos a um lado da sala e as garotas ao outro. Uma das garotas disse ao líder que isso não daria certo, se o objetivo fosse evitar o sexo, porque pelo menos uma das garotas era lésbica, e pelo menos um dos rapazes era gay. Então o líder tentava separar os homossexuais dos heterossexuais. Nesse momento Danielle decidiu que era hora de revelar o segredo. O líder me disse mais tarde que foi então que sabia que tinha que abrir mão da idéia de controlar onde dormiriam os adolescentes, e todos dormiram juntos no meio da sala. O líder não podia ser de pedra e mandar que Danielle dormisse sozinha num canto depois de tal revelação. Fiquei muito agradecida a esse líder tão compreensivo. Os outros adolescentes estavam surpresos pela revelação e abraçaram ela e também choravam com ela. Danielle estava feliz de ter informado aos amigos, e agradecida pelo apoio que lhe mostraram.

Quando acabou o ano de Danielle com o grupo Novas Imagens, Danielle ajudou com o treinamento do próximo grupo sobre transexualismo. O ano com o grupo foi muito bom para a auto-estima dela e eu estava contente que tinha aprendido muito sobre vários temas contenciosos.

\* . \* . \* . \* . \*

Em uma ocasião Danielle foi a uma festa com vários amigos, mas o rapaz que dirigia o carro ficou tão bêbado que Danielle teve que procurar outra maneira de voltar à casa. Em outra ocasião ela tinha medo porque o condutor dirigia com excesso de velocidade. Eu queria que Danielle obtivesse a carteira de motorista, e comprei para ela um picape usado logo que conseguiu a carteira, para evitar tais circunstâncias tão incômodas e perigosas. Se ela fosse a dona do veículo, poderia se afastar caso se encontrasse numa situação estranha ou insegura. Ela tinha mais sentido comum e era mais responsável e madura do que os outros adolescentes que eu conhecia.

Acabaram de aprovar uma nova lei em nosso estado que requisitou que cada pessoa que solicitasse uma carteira de motorista teve que mostrar o assento de nascimento. Isso teve o objetivo de verificar idade e cidadania—não gênero. Eu estava tentando evitar que o governo se metesse na transição da minha filha, e assim considerávamos vários jeitos para resolver o problema. O estado tem um protocolo para a mudança de nome e sexo no caso de uma carteira vigente. Um endocrinólogo tem que evidenciar numa fórmula do Departamento de Veículos Motorizados que a pessoa vive de tempo completo como mulher e intenta se submeter à cirurgia

de redesignação de sexo. Se diz que tal informação médica é confidencial mas que qualquer nome suposto aparecerá numa busca por computador. Não é preciso ser um gênio concluir que quem mude o nome de João a Joana provavelmente sea transexual. Já podia imaginar um burocrata com uma gaveta etiquetada “mudanças de nome confidenciais (transexuais).”

Tínhamos várias opções. Uma era comprar um assento de nascimento contrafeito. Outra era procurar uma máquina de escrever velha com o mesmo tipo como o assento de nascimento original e mudar a informação. Tentamos gerar, por computador, um assento similar ao que emitia o governo atual. Nenhuma destas idéias parecia boa, mas Danielle encontrou uma solução que deu certo. Um belo dia se sentou com meus óculos magnificatórios e com um lápis escreveu as duas letras adicionais trás o nome masculino, para feminizá-lo. Também escreveu “fe” antes “male” (masculino) para formar “female” (feminino), sujando as letras um pouco para que coincidissem, e assim acabávamos de cometer um delito maior. Alguns não concordariam com nossos métodos, mas agora o assento mostrava a verdade—só era que não contávamos com toda a informação correta quando ela nasceu.

Rumo ao Departamento de Veículos Motorizados, Danielle me disse, “Sinto como se eu esteja no filme ‘Thelma e Louise.’”

Eu respondi, “Não faz uma cena sobre o assento de nascimento. Só lhes dá um desses sorrisos maravilhosos.”

Não havia problema. Deram um golpe de vista à data de nascimento, e não ficaram com uma cópia do documento, assim que não tinham prova da alteração dele, e Danielle saiu com uma carteira de motorista que mostra que é mulher, com o nome que desejava.

Quando ela solicitou uma carteira de motorista no estado de Arizona, lhe requisitaram o número de previdência federal como identificação, mas ainda não tínhamos mudado esse documento. Isso podíamos ter feito muito facilmente com as fórmulas disponíveis, mas outra vez quisemos evitar dar aviso ao governo.

Danielle mostrou a carta de previdência que tinha ao funcionário, que lhe perguntou, “Esta é uma forma alternativa de escrever o seu nome?”

Ela respondeu simplesmente “É,” e não havia mais perguntas.

Em outra ocasião, ela teve que mostrar a carta de previdência para procurar emprego num restaurante de comida pronta. Eu lhe disse, “Não dá importância—mostra a carta como se fosse nada.”

Quando Danielle voltou à casa, lhe perguntei, “Como foi com a carta de previdência?”

Ela respondeu, “Eles nem sequer falam inglês.” Parece que a gente de outros países não sabem sempre quais nomes são tradicionalmente femininos ou masculinos, assim que não perceberam nenhum problema.

## **SOBRE SER NORMAL**

Normal é uma palavra que tento não mais usar. Danielle conheceu um garoto que ia ao grupo Narcóticos Anônimos, porque era viciado em drogas. Ela foi a uma reunião do grupo com ele para ver do que tratava, e quando voltavam à casa, ele tentava jogar com as emoções dela.

“Você tem uma vida normal,” disse ele. “Nem tem idéia do difícil que é deixar de usar as drogas.”

Ele não obteve simpatia dela, e lhe respondeu, “No primeiro lugar, não fiz nada tão estúpido como começar com as drogas.”

E assim foi que este rapaz se sumou aos outros que ela encontrou e deixou ao lado.

Embora eu sabia o difícil que era a vida dela, parecia ao mundo simplesmente mais uma adolescente, e isso me parecia um verdadeiro cumprimento.

Normal não é nada mais que uma opção da lavadora.

## **AS COMIDAS DA FAMÍLIA**

Danielle falava por telefone e defendia nossas comidas pouco tradicionais. Eu escutava quando explicava a um amigo, “Minha mãe está muito ocupada com o trabalho e vamos e vimos a horas diferentes. Assim é que comemos o que queremos quando queremos e dividimos se estarmos em casa e termos fome ao mesmo tempo.”

Quando meus filhos estavam pequenos e nos faltavam muita grana, todos nós comíamos muitas tortillas e feijão. Tivemos mais opções quando aumentou meu salário, mas aprendi que o que meus filhos queriam comer e quando queriam comê-lo nem sempre enquadrava com minha rotina nem com minha idéia de uma comida saudosa. Eles não gostavam de caçarolas e quando cuzinhei uma, eu mesma tinha que comê-la durante dias. Eu não gostava de cachorros quentes nem de sanduíches de mortadela cada terceiro dia. Às vezes todos nós estávamos em casa ao mesmo tempo, e nos sentávamos a comer espaguete ou tacos mexicanos, comidas de que todos gostamos. Danielle tinha passado pela etapa vegetariana e a etapa de “estou muito gorda” e em geral comia melhor do que eu, porque eu tinha que comer fora constantemente.

Depois que Danielle falou com o amigo dela, lhe comentei, “Seu amigo não parecia muito convencido.”

Danielle disse, “A mãe dele prepara o jantar e a família se senta juntos a comê-lo todas as noites. Mas ele é gay e não tem dito aos pais porque sabe que eles não compreenderiam.”

Assim é que é uma boa--a unidade e a qualidade do tempo durante as comidas familiares!

## **O OLHO DA MENTE**

Depois que passou uns meses da transição de Danielle, um bom amigo me visitava quando Danielle atravessou exuberantemente pela sala da maneira juvenil de adolescente.



Quando ela tinha saído, perguntei ao meu amigo, “Não parece que é bonitinha?” A resposta dele ecoava nos meus ouvidos durante dias. “No olho da minha mente,” disse, “ainda vejo o rapaz que conhecia.”

Essa frase reverberava por minha mente continuamente. O olho da minha mente tinha se acostumado, e agora só via uma garota, mas eu compreendia a reação desse amigo. Ao início, embora meus olhos literais podiam ver uma garota, minha imagem mental antiquada fez com que eu usava pronomes masculinos. Depois desta experiência com meu amigo, compreendi melhor por que alguns pais têm dificuldades em permitir que os filhos cresçam e mudem—ainda têm na mente a imagem de uma criança querida, um menino inocente de sete ou oito anos, ou um adolescente rebelde. É preciso algum tempo para o olho da mente substituir a imagem juvenil com o novo retrato adulto. Isto pode explicar por que um esposo não nota um novo penteado ou por que a família não nota as rugas da avó. É ainda mais difícil substituir uma imagem velha com uma do gênero oposto.

Já que via Danielle todos os dias, o olho da minha mente ficou retreinado para não ver mais o menininho, mas só uma adorável adolescente. Foi mais difícil para os outros parentes de Danielle retreinar as mentes, porque viam ela com pouca frequência ou só em fotos. Porém, mesmo quando nossos olhos tinham visto a mesma pessoa, meu amigo via o rapaz do passado e eu só via uma filha alegre.



*Meu amigo viu o rapaz que era,  
e eu só via a uma filha jubilante.*

## CRUZES

Todos temos nossos segredos  
Y cruces que carregar. Podemos ver  
Alguns, e outras, nunca saberemos  
Que estão ali.

Minha filha especial uma vez era filho.  
Você não saberia se  
Conhecer ela.  
Quantas temos conhecido sem saber?

Por favor não julga ela  
Por como deveriam ser as coisas  
Porque não o são.

Aprecia a beleza e a ironia.  
Ela não danará nem mudará você  
Salvo para amolecer seus preconceitos.

É difícil imaginar como é que se sente por dentro,  
Mas todos têm alguma carga  
E a necessidade de ser quem são.

## PARTE IV... TOQUES FINAIS

Depois de algumas semanas, o conselheiro Hunter encaminhou Danielle a um endocrinólogo embora as normas de cuidado Harry Benjamin recomendavam três meses de conselheria antes de começar os hormônios. Danielle já entrava a puberdade e não podíamos perder muito tempo. O primeiro endocrinólogo fez um exame físico completo e muitas provas de laboratório, lhe receitou o estrogênio Premarin, e nos cobrou \$360. O médico era o dono do laboratório e isso me fez perguntar se houvesse algum conflito de interesses. Danielle estava emocionada e ansiosa de aviar a receita e começar o estrogênio.

Os hormônios não obraram nenhuma magia, mas ela começou a ter um pouco de sensibilidade nos seios, e o pêlo facial parecia crescer mais lentamente. A voz dela estava começando a se aprofundar e esperávamos que os hormônios interrompessem isso. Mas os hormônios tinham efeitos colaterais incômodos, assim que ela começou a experimentar fadiga, náusea e altibaixos emocionais. Tornou-se hipersensível ao que a gente olhasse ela; não era paranóica mas só muito consciente de que outras pessoas pareciam notar ela. Tornou-se inquieta inclusive entre as pessoas que amavam e aceitavam ela, e necessitava se afastar para descansar depois de passar algumas horas com eles.

Durante o primeiro exame físico de Danielle, perguntei ao endocrinólogo sobre a fadiga, mas ele não pensava que o Premarin fosse a causa disso. A testosterona já não tinha baixado a um nível aceitável, assim que receitou uma dose maior de Premarin. Com a dose menor ela já tinha perdido algumas aulas porque estava cansada e não sentia bem.

Depois de conferir com outras pessoas transgênero, aprendi que a fadiga é um efeito colateral muito comum, como se explica claramente no panfleto incluído com o Premarin. Eles também me disseram que havia outro endocrinólogo que não custava tão caro, e este lhe receitou um anti-andrógeno (o spironolactone) em adição ao Premarin.

Durante a primeira consulta com o novo endocrinólogo, o médico perguntou a Danielle por que tinha vindo, e ficou surpreso ao saber que ela era transexual. Ele reduziu a dose de estrogênio e acrescentou o spironolactone. Também disse que não pensava que a fadiga fosse relacionada aos hormônios. Os honorários pelo exame físico completo e o análise de laboratório de sangue somaram \$160.

Depois de ler todos os livros de consulta que pude encontrar sobre hormônios, e falar com mais pessoas, cheguei à conclusão que existem várias alternativas no tratamento hormonal das transexuais, e que cada uma tem vantagens e desvantagens. Parece que cada médico tem um tipo e uma dose de estrogênio que prefere receitar. Eu realmente ficava assombrada de que os endocrinólogos não se davam conta do preço emocional que pagavam os pacientes como resultado da terapia hormonal. Fazem provas para avaliar dano hepático e problemas cardíacos mas não existe maneira de medir a fadiga, a depressão e a distração. Nossos amigos transgênero tinham descoberto o que dava certo para eles, incluindo injeções de hormônios e hormônios suplementares do mercado informal do México. Cada uma experimenta um sortimento de benefícios e efeitos colaterais da terapia hormonal, e algumas não experimentam fadiga nem depressão.

Danielle também pesquisou os hormônios e reduziu a dose para poder manejar a fadiga e as emoções, mas a dose não parecia o suficiente para que desenvolvesse seios. Finalmente ela

decidiu que preferiria comprar os seios de um cirurgião cosmético e continuar com uma dose de hormônios que lhe permitisse funcionar.

O primeiro psicoterapeuta (o hippie) que consultamos a respeito da disforia de gênero me impressionou, mas Danielle ainda não estava pronta para a consultoria. Ela achava que não tinha problemas emocionais e que só queria ser uma garota. Porém, nisto não havia solução porque necessitávamos um conselheiro para nos referir a um endocrinólogo para os hormônios e algum dia mais tarde a um cirurgião. Embora eu pudesse ter confiado no primeiro conselheiro, não podíamos desperdiçar nosso tempo com alguém que não podia referir à cirurgia, a pesar de tão amável que fosse.

Depois de esperar três meses sem resposta do conselheiro Hunter, liguei para ele para perguntar se havia outra coisa que podíamos fazer. Marquei outra consulta durante a qual Danielle lhe informou que sofria de fadiga anormal e que frequentemente chorava sem razão aparente. Recusei a sugestão dele de Prozac porque o remédio tinha reputação para tratar anomalias mentais, e não queria que ela acrescentasse mais remédios ao corpo novo dela. Era evidente pelas perguntas que ele fazia que não tinha lido o questionário informativo que temos lhe devovido (junto com \$150) três meses antes. Não me parecia que estivéssemos recebendo nada de “conselheria,” e saímos sem marcar outra consulta e sem mencionar se marcaríamos outra.

Danielle queria se submeter à cirurgia SRS, mas eu precisava saber o custo aproximado dela e se havia um cirurgião que faria a cirurgia a uma transexual tão nova. Eu queria uma estimativa realista do tempo total de transição para que Danielle não tivesse ilusões.

Descobrimos que só havia quatro ou cinco bem conhecidos cirurgiões da SRS nos Estados Unidos e no Canadá. Um deles não executaria a cirurgia a ninguém que tinha menos de 21 anos. Outro não era muito conhecido em nossa área e havia pouca informação disponível sobre ele. A cirurgia custava menos no Canadá mas tínhamos ouvido boatos de complicações pós-operativas. Esta não era a hora de mesquinhar porque desejava o melhor para minha filha. Quando falei com transexuais pós-operadas, o Dr. Schrang de Wisconsin recebeu grandes elogios, e eu soube que tinha tratado pacientes novas. Sentimos que era importante que Danielle se submetesse à cirurgia cedo para lhe dar a oportunidade de se adaptar à vida de um jovem adulto. Quando comunicamos com o Dr. Schrang e ele entendeu nossas circunstâncias, ele disse que ficaria contente de lidar com Danielle. Especificou um preço que incluía os honorários, a estadia no hospital e todos os gastos conectados à cirurgia.

Eu tinha estado sem seguro de saúde durante muitos anos, uma aposta que meus filhos e eu evitássemos qualquer injúria ou doença catastrófica. Depois que me informei sobre as despesas que podia esperar da terapia hormonal e a cirurgia de Danielle, perguntei sobre um plano de seguro de saúde que podia arcar com estas despesas, embora sabia que provavelmente seria preciso esperar um ano para satisfazer o período de limitação de condições pré-existentes. Várias companhias de seguro de saúde nunca voltaram a me chamar. A representante de uma companhia disse que provavelmente cobririam os custos dos hormônios—dado a cooperação do médico—mas que de nenhum jeito pagariam o custo da cirurgia.

Solicitei ajuda do Crippled Children Funds (Fundos para meninos aleijados) pelo Estado de Califórnia e descobri que não cobririam despesas médicas que consideravam desnecessárias. Falei com os Shriners e outros grupos que ajudam com necessidades médicas especiais de meninos. Todos eram muito afáveis comigo por telefone, mas as organizações não podiam ajudar nesta situação. Falei com um grupo que só cobria os custos de meninos que padeciam uma doença terminal. Há muitos programas para “sentir bem” disponíveis para adolescentes com a

meta de prevenir o suicídio e o abuso de drogas ou álcool, mas não havia fundos disponíveis para minha filha. Finalmente, conclui que meus recursos financeiros cobririam o custo de cirurgia em um ou dois anos se recorresse a cartões de crédito para uma parte do custo.

Já que sabíamos que a cirurgia era uma opção realista, devíamos prosseguir seriamente com a consultoria para poder obter as duas cartas de autorização.

Liguei para o conselheiro Hunter para marcar uma terceira consulta, embora ele não tinha nos ligado durante seis meses. Nesta consulta falamos dos exames psicológicos que ele mencionou antes, que custariam \$700. Os exames incluíam:

**MCMI-III (Inventário Multi-Axial Clínica Milhão)**

**Bendar Gestalt**

**Desenhar Uma Pessoa/Família**

**Wechsler (Quociente Intelectual)**

**TAT (Prova Aperceptual Temática)**

**Rorschach**

**MMPI (Inventário Minnesota Multi-Fásico de Personalidade)**

Duvidei a necessidade de fazer as provas, já que ele tinha me escrito uma nota afirmando que “Danielle parece realmente estável, considerando tudo.” Ele disse, “A meta das provas não é aprová-la ou reprová-la. Só é que tenho que fazer para não ser processado. Todos meus associados prévios têm saído desta profissão por causa de processos. Minha esposa é quem faz as provas, e o preço de \$700 que lhes dou é uma pechincha de verdade, porque custariam o dobro na universidade.”

Em certo sentido ainda sentia como uma vítima porque ele tirava dinheiro de mim sem nos dar consultoria. Tudo bem que não tivemos que esperar durante três meses de consultoria para poder ir a um endocrinólogo, e não estávamos desperdiçando nosso tempo com muitas consultas, mas não recebíamos ajuda dele e parecia que só queria dinheiro.

Ao entender melhor a situação, nos damos conta que tínhamos poucas opções. Se fôssemos a outro conselheiro, teriam que começar de novo os seis meses de consultoria requisitada (a \$100 por hora) antes da cirurgia. Para economizar tempo, melhor que paguemos o \$700 ao conselheiro Hunter e adiante. Liguei para o conselheiro e de forma pouco diplomática disse, “Tudo bem, estou pronta para que me limpe.”

Logo me chamou para me dizer, “Na realidade não quero a Sra. como cliente, mas vou enviar seu arquivo ao conselheiro Bell.”

Já tinha conhecido ao conselheiro Bell quando assisti a uma reunião de apoio para transexuais, a qual conduzia com uma associada, a conselheira Jenny. Na ocasião tive a oportunidade de lhe perguntar se havia mais uma coisa que podia fazer para ajudar a Danielle. Ele me disse que tudo ia bem com ela e não tinha outros conselhos. Quando eu lhe disse que sentia que o conselheiro Hunter não nos ajudava, o conselheiro Bell me disse que não podia nos aconselhar a menos que o Sr. Hunter referisse Danielle a ele, devido aos protocolos profissionais.

Continuei a assistir às reuniões de apoio e me fiz uma parte do sistema de apoio. O conselheiro Bell sugeriu que Danielle assistisse aos grupos de apoio para conhecer outras

como ela. Danielle foi uma vez só. Ela já tinha conhecido várias transexuais que eu tinha convidado à nossa casa para conversar, e ela e Laura para então já eram boas amigas.

Os conselheiros descontinuaram as reuniões de apoio ao final do verão, mas Danielle continuou a ver o conselheiro Bell em particular. Era um homem muito calado, de falar soave, e eu conhecia ele suficientemente bem para sentir à vontade que Danielle fosse sozinha às consultas. Danielle me disse que tinha que preparar temas de conversa antecipadamente porque o conselheiro não falava muito. Danielle sempre chamou ser transexual como “a situação” dela—nunca como um problema. Depois da primeira consulta, o conselheiro me disse que Danielle parecia estar bem, e não via nenhum problema com autorizar a cirurgia ao chegar o momento, e que também arrumaria uma segunda opinião por meio de um associado do consultório dele. O conselheiro Bell achava que os exames psicológicos eram desnecessários.

Finalmente marcamos a data para a cirurgia e tínhamos no bolso a primeira carta de autorização. O Dr. Bell nos referiu ao Conselheiro Wolf para outra carta, mas isso não era tão fácil como parecia. Nosso encontro com o Dr. Wolf está bem documentado pelas duas cartas reproduzidas abaixo:

Dr. Tim Wolf  
Psicoterapia individual, de meninos, adolescentes e parselhas  
5 de Abril 1996

Sra. Evelyn...  
San Diego, Califórnia 92109

Referente a: Danielle...

Sra...

Depois da minha avaliação de Danielle o 15 e 29 de março de 1996, não vou recomendá-la para a cirurgia de redesignação de sexo. Embora no futuro Danielle possa ser um candidato excelente para a SRS, neste momento não parece exibir a maturidade social e psicológica para tomar tal decisão.

Danielle parece estar experimentando alterações emotivas, comportamentos impulsivos, oposição social e ajustes aos companheiros. Embora possam ser apropriados estes características para o desenvolvimento psicológico da idade dela, podem nublar o juízo a respeito do futuro.

Danielle fez três exames acessórios da Escala de Inteligência Wechsler para medir a maturidade social. A Wechsler é um exame de inteligência padronizada que se refere como norma aos jovens de 17 anos. Os resultados são os seguintes: Similitudes: esta é uma prova de habilidade para compreender conceitos abstratos, pensamento lógico e formação de conceitos. Nisto, Danielle saiu na escala média. Compreensão: esta é uma prova de sentido comum e juízo prático a respeito de situações sociais. Nisto, Danielle saiu na escala meia baixa. Organização de imagens: esta é uma prova de habilidade de planejar relacionada com a inteligência social. Nisto mostrou uma proeza significativamente baixa.

Eu recomendaria que Danielle espere dois anos antes de tomar a decisão de se submeter à SRS.

Atenciosamente,

(assinatura)

Tim Wolf, Ph.D  
4525 Park Boulevard, Suite 207, San Diego, Ca. 92116. Tel. (619) 542-0088.

Dr. Tim Wolf.  
Psicoterapia individual, de meninos, adolescentes y parejas.  
4525 Park Boulevard, Suite 207  
San Diego, Ca. 92116

Tenho que discutir vários assuntos com o Sr. sobre a disforia de gênero de adolescentes e da minha filha em especial. Chamo atenção aos fatos seguintes, que percebemos em nossos encontros do 15 e 29 de março:

O Dr. Chris Beletsis nos referiu ao Sr. para uma carta de segunda opinião para a cirurgia SRS. Citou um mínimo de duas horas a \$90 à hora com \$25 pela carta. Preenchemos as fórmulas costumárias de consentimento, o Sr. disse que faria algumas provas a Danielle, e o Sr. disse que ligaria para nós para marcar uma segunda consulta.

Depois da primeira consulta, Danielle me disse que falou com o Sr. uns minutos e logo fez certo tipo de provas bobas nas quais o Sr. lhe fazia perguntas sobre situações hipotéticas, e também pôr em ordem imagens, as quais ela sentiu que pudesse ter colocado corretamente em várias ordens, dependendo de raciocínios alternativos.

Já que o Sr. não parecia precisar da minha opinião durante a primeira consulta, ela sentiu que podia ir sozinha à segunda, e assim eu não perderia tempo de trabalho.

Ela me chamou ao redor das 4:30 da tarde depois da segunda consulta, que durou menos de uma meia hora, para me contar da segunda experiência com o Sr. Ela sabiamente esperou até que terminou meu dia de trabalho porque sabia que eu ficaria indignada. Ela me contou que o Sr. lhe disse que não cria que ninguém menor de 21 anos deve fazer a cirurgia SRS, mas que o Sr. podia considerá-lo caso ela saísse superior da média nas provas. Então o Sr. lhe disse que os resultados mostraram que ela era de inteligência inferior da média.

Liguei para o Sr. e pedi um resumo escrito da avaliação de Danielle, a qual o Sr. me enviou. Na carta o Sr. disse, “Danielle parece estar experimentando alterações emotivas, comportamentos impulsivos, oposicionismo social e ajustes aos companheiros.” E o Sr. recomendou que ela esperasse dois anos antes de tomar uma decisão sobre a SRS.

Danielle tem tido uma desvantagem de aprendizagem com a qual temos estado lutando por muitos anos. Tenho trabalhado muito duro para que ela mantivesse uma auto-estima positiva a respeito da inteligência dela. Os dois irmãos maiores dela sempre fizeram um bom desempenho escolar, e ela se sentiu má não poder igualá-los. Eu sempre dei ênfase aos outros talentos que ela tem. Desde a transição dela, tem adiantado assombrosamente as habilidades acadêmicas, e tem sentido muito bem de si mesma. Ela ficou devastada ao ouvir o Sr. dizer que fosse de inteligência inferior da média. E ela fica muito desanimada de pensar em dois ou até quatro anos mais de esconder o pênis, de tomar doses industriais de hormônios (o que ela mesma sabe que altera a personalidade e também lhe provoca náusea), de pensar que não podia sair com os rapazes como fazem as amigas dela, e de sentir o temor de ser descoberta. Uma adolescente com menos madureza teria pensado em se suicidar.

1. O Sr. sabia que Danielle tinha 17 anos quando marcamos a consulta. O Sr. deve ter sido honesto com nós sobre a crença aparentemente preconcebida que ninguém que tenha menos de 21 anos deve se submeter à SRS.
2. Eu achava que o Sr. ia basear a decisão na entrevista com ela, não em provas padronizadas. Eu não sabia que as provas padronizadas implicavam uma situação de aprovar ou reprovar.
3. Eu supunha que o Sr. compreendia que as pessoas usando grandes doses de hormônios são emotivas e impulsivas. Isso é o equivalente do síndrome pré-menstrual ou pior.

4. Se o Sr. sequer tivesse falado comigo, teria entendido que ela herdou de mim o oposicionismo social. Isto explica por que ela funciona tão bem na situação em que se encontra. Sempre tenho promovido os conceitos de ser um indivíduo, questionar a autoridade e não prestar atenção ao que os demais possam pensar.

5. O Sr. nunca deve ter dito a uma adolescente que está lutando com tantos outros assuntos que seja de inteligência inferior da média. Isto para mim é imperdoável, especialmente sendo que o Sr. se afirma ser especialista em psicoterapia de adolescentes e parêntes. Arrependo-me ter exposto minha adolescente ao Sr. O Sr. fez mais dano do que bem. Várias vezes desde a última consulta com o Sr., ela tem me pedido que lhe assegure que realmente seja inteligente. Que vergonha!

6. Se o Sr. tivesse tomado o tempo para conhecê-la pessoalmente, em vez de basear a opinião em provas, o Sr. teria entendido que ela está se desenvolvendo bem, dado as circunstâncias. Vai a um colégio público e recebe notas acima da média. Não usa drogas, álcool nem tabaco. Tem emprego na Paternidade Planejada aconselhando jovens da mesma idade dela. Com frequência tenho que passar a noite fora da cidade, e ela é suficientemente responsável para ficar sozinha em casa sem se meter em encrencas. Sinto que para uma adolescente da idade dela, é muito sábia, julgando pela introspecção que expressa ao lidar com a situação e com o mundo real ao redor dela, e estas não são situações hipotéticas.

7. Minha filha e eu somos bem-conhecidas e respeitadas na comunidade transgênero e nossas opiniões importam. Uma cópia desta carta será distribuída amplamente. O nome do Sr. será colocado na lista de aqueles que estão esfolando nossa comunidade.

[Evelyn...]

\* . \* . \* . \* . \*

Nunca respondeu à minha carta.

Quando queixei ao Conselho Médico Estadual a respeito do Dr. Wolf, me informou que ele tinha completado os estudos para o doutorado, mas mesmo assim lhe faltava a licença de praticar psicologia.

As normas de cuidado Harry Benjamin constataam com que um psicoterapeuta com conhecimento das normas e do transexualismo poderá ajudar durante o processo de transição de gênero. No caso de Danielle, soubemos que a maioria dos psicoterapeutas pareciam impedir o progresso em vez de ajudar. Os conselheiros, que admitiram ter muito pouca experiência com transexuais adolescentes, mesmo assim cobravam como si fossem especialistas. Nenhum dos conselheiros fizeram caso ao que pensava eu, tal vez com a esperança que eu me fosse embora.

A data da cirurgia chegava rapidamente e a situação se tornava desesperada. Ainda não tínhamos uma segunda carta de autorização e eu jamais queria consultar a outro conselheiro, mas não tínhamos alternativa.

Com lágrimas mostrei à conselheira Jenny a carta do Dr. Wolf. Ela e eu tínhamos sido oradores em várias ocasiões no Departamento de Oradores Educativos e uma vez pesquisamos uma escola alternativa para Danielle em outra cidade, assim que ela também conhecia a Danielle. Jenny considerou o assunto cuidadosamente e se decidiu que provavelmente podia escrever uma carta da autorização para a cirurgia, apesar de não tê-lo feito antes. Sentimos muito alívio quando escreveu a carta de segunda opinião depois de uma consulta só com Danielle.



Havia outros conselheiros em nossa comunidade. Uma delas acreditava na “teoria de criação,” é dizer que um pai ausente e uma mãe dominante, ou uma mãe que desejava ter uma menina, conduzia ao transexualismo, com o qual eu não estava de acordo. Ela cria que as transexuais são todas homossexuais que não podem se aceitar como tais. Isso é uma teoria antiquada já que agora se considera a orientação sexual e a identidade de gênero como dois assuntos distintos, assim que algumas transexuais procuram como namorados outros do mesmo sexo ao que pertencem depois da cirurgia. Alguns conselheiros crêem que a disfória de gênero, ao ocorrer em meninos muito novos, não é nada mais que uma fase. Eu me pergunto se só é uma fase ou se os meninos aprendem muito cedo a esconder os sentimentos que as demais pessoas desaprovam.

Neste mundo devem de existir bons conselheiros que realmente querem ajudar à comunidade transexual para que resolvam os problemas. Devido a que as normas de cuidado da HBIGDA (Associação Internacional de Disfória de Gênero Harry Benjamin) requisitam conselheria como preparo para a cirurgia, as transexuais acabam por ser objetos num jogo de conflito de interesses. Os profissionais autorizados a praticar a conselheria mantêm e emendam as normas de forma contínua, ao mesmo tempo que são eles que estão na posição de aproveitar financeiramente. Embora a conselheria possa ser beneficente antes de uma decisão importante como uma mudança de sexo, também seria beneficente antes do matrimônio ou o planejamento duma família. Os benefícios da conselheria são disputáveis também porque as transexuais logo aprendem a falar as respostas que o conselheiro deseja ouvir.



*As Normas de Cuidado Harry Benjamin*

Espero que as normas da HBIGDA mudassem no futuro para levar em conta que algumas transexuais (tal vez a maioria) não estão desequilibradas psicologicamente. Se as transexuais estivessem assim, provavelmente não poderiam arrumar o dinheiro suficiente para a cirurgia. Além disso, não existe evidência que uma transexual com aparentes problemas psicológicos esteja pior depois da cirurgia.

Tive correspondência recente com o psicoterapeuta Jude Patton, e ele escreveu, “Absolutamente

não sou como os outros psicoterapeutas que a Sra. tem conhecido, nem o são outros psicoterapeutas experimentados que tratam com disforia de gênero. É possível que eu tenha a vantagem em termos de empatia, porque sou tanto um profissional quanto um igual (durante mais de 25 anos tenho sido um transexual pós-operado mulher a homem). A verdade é que meus conselheiros relaxaram as regras para que eu conseguisse o cuidado que eu precisava durante minha transição, e nunca tenho esquecido.”

Ele explicou, “Cada cliente deve ser o capitão do barco com o psicoterapeuta no papel de navegador. O psicoterapeuta deve ser um guia, educador, sistema de apoio e defensor—não um porteiro. As metas do tratamento devem ser um esforço em comum entre o cliente e psicoterapeuta, com o cliente como um associado no planejamento do tratamento.”

Concordo completamente com essa filosofia e creio que há pessoas que não necessitem de psicoterapia emocional durante o processo de transição de gênero, especialmente se tiverem o apoio de familiares e amigos.

Um amigo me emprestou um videocassete que mostrou a cirurgia planejada pelo Dr. Schrang para a mudança de sexo. Eu disse a Danielle que eu tinha, mas duvidava que ela quisesse vê-lo, mas estava errada e ela se interessava muito. Era eu que não queria saber todos os detalhes da cirurgia, mas achava que devíamos vê-lo juntas caso ela tivesse perguntas. Quando assistimos ao vídeo, ela se tornou absorta nele, e inclusive voltou a ver determinadas partes uma segunda vez para assegurar que tivesse entendido tudo. Não fiquei muito impressionada com as fotos dos resultados finais, mas Danielle comentou, “Tudo ficou tão raso e arrumado depois. Tudo desapareceu.”

Logo o Dr. Schrang nos apresentou outro obstáculo—não executaria a cirurgia sem o consentimento escrito dos dois pais dela, ou de um pai caso aquele tivesse custódia total. Meu matrimônio e divórcio tinham tomado lugar no México, onde o decreto não tratou da questão de custódia legal. Danielle tinha morado comigo desde que tinha dois anos e eu tinha pagado todas as contas, assim que assumi que eu tinha custódia total. O lema diz que “a posse é o 90% do direito.” Pedi conselhos de um amigo advogado relativo ao custo e implicações de obter uma ordem jurídica de custódia legal. Com tal ordem, podia demandar do pai uma mensalidade para o filho por todos os anos passados, embora sendo realista, não havia mais esperança de obter ajuda financeira agora do que havia no passado. Descobri que a ordem para custódia total, contanto que o pai não reclamasse, provavelmente me custaria ao menos \$400.

O melhor seria que o pai assinasse o consentimento para a cirurgia, mas isso não seria muito fácil arrumar, porque ele ainda ficava revoltado que Danielle vivia como garota. Sem muita esperança, liguei para ele para tentá-lo. Quando ele recusou assinar, lhe roguei, ameacei e fiz tudo para dar um jeito.

“Vou ir ao tribunal e obterei custódia total,” eu lhe disse, “e não me importa que custe dinheiro.”

Ele respondeu, “Vou disputar a ordem do tribunal.”

“Tudo bem, porque daí o juiz vai mandar que você pague a mensalidade do menino por todos os anos que não pagou nada.”

Se ele pensava que merecia ter uma palavra sobre o futuro de Danielle, teria que pagar pelo privilégio. O dia seguinte me chamou para dizer que estava pronto para assinar os documentos, e arrumei rapidamente que ele me encontrasse no escritório de um tabelião antes

que podia mudar de opinião. Com a assinatura do pai na mão, Danielle e eu tínhamos feito um passo gigante.

Programamos a cirurgia para os princípios do verão de 1996, entre o penúltimo e último ano de colégio quando Danielle teria 17 e meio anos, sendo dois anos depois do momento de eu saber que era transexual, e supunha que teríamos feito a conselheria requisitada.

Danielle tinha um namorado ao fim do segundo ano do colégio, enquanto nos preparávamos para a cirurgia. Ele passava muito tempo em nossa casa, porque era difícil a vida familiar na casa dele. Isso não me chateava porque eu gostava do rapaz. Ele acompanhou Danielle ao baile de gala do colégio e inclusive passou várias noites em nossa casa. Na hora que fazíamos os arranjos para ir a Wisconsin para a cirurgia, ela finalmente lhe revelou a verdade. Ela achava que não podia enganar mais, porque ia estar fora durante duas semanas, e ia ter que recuperar durante outras semanas mais. Ele ficou calado e retraído por muito tempo e logo comentou que Danielle lhe ficava ainda mais interessante.

Quando ela disse a verdade a outro namorado, ele perdeu interesse romântico nela mas continuou sendo um amigo. Alguns rapazes tinham perdido interesse nela porque era recatada e não permitia nenhuma manuseação. Nunca sofreu nenhuma violência por ser transexual, embora teve que fugir de uma situação no México com um cara muito agressivo.

Tive que trabalhar longas horas extra antes de nossa saída a Wisconsin para poder estar ausente durante as duas semanas requeridas para a cirurgia. Eu podia sentir o estresse durante os últimos preparos. Danielle ficava um pouco emocionada ao chegar a data, mas parecia bastante calma. Porém, durante as últimas semanas antes da saída, teve vários ataques de ansiedade. Eu continuava explorando minha alma, me perguntando se fosse correto fazer a cirurgia.

Durante nosso vôo a Wisconsin, eu pensava nas sérias conseqüências da viagem. As demais pessoas no avião não tinham nenhuma idéia que esta adolescente bonita viajava rumo a um hospital para uma cirurgia tão complicada, para poder alcançar paz interna. Me perguntava sobre o que os demais pais pensariam de mim por facilitar esta cirurgia. Também me preocupava a possibilidade de complicações cirúrgicas. Todo o dia estive à beira de lágrimas, mas não queria que Danielle soubesse que experimentava tanto estresse. Teria sido um erro aumentar a ansiedade dela, assim que suprimi minhas dúvidas. Danielle ainda parecia calma, embora mais tarde me disse que sim tinha suprimido muita ansiedade.

Pousamos no aeroporto enorme de Minneapolis/St. Paul com só uns poucos minutos antes do outro vôo a Appleton em Wisconsin. Ao sair do avião, a aeromoça nos indicou o nosso próximo portão de embarque ao outro extremidade do aeroporto. Danielle adiantou para conseguir os cartões de embarque porque podia andar mais rapidamente do que eu. Quando cheguei ali, ela tinha más notícias—o portão que precisávamos na realidade estava atrás, de onde vínhamos, perto ao portão onde tínhamos chegado. Eu sabia que não nos ficava tempo para voltar, mas Danielle adiantou outra vez, para arrumar os cartões caso o avião fosse atrasado. Meus pensamentos não podem ser imprimidos aqui. Por que tem que ser tão difícil trocar de aviões? Eu maldizia as linhas aéreas e muitas outras pessoas e coisas ao andar, xingando e chorando, enquanto atravessava a longa distância de volta aonde começamos.

Como eu tinha temido, ao chegar ao portão correto, tínhamos perdido o vôo. Lançei-me num banco e desintegrei. Disse a Danielle que simplesmente não podia continuar e que ia voltar à casa. Ela disse ao pessoal do aeroporto que não precisávamos de ajuda, me calmou, foi a trocar

as passagens por um vôo mais tarde, e logo foi a comer e passar pelas lojas de regalos.

Minha família e muitos conhecidos me tinham admirado por manter uma atitude calma e razoável durante todo o processo de mudança de gênero. Eu estava feliz que não podiam me ver numa poça de lágrimas no meio do aeroporto. Embora eu sabia que sofria de estresse, não tinha me dado conta de quanto. Uma das minhas lemas é, “Vai chorar um poquinho, e logo junta os pedaços e segue adiante.” Este sistema de manejar o estresse tinha funcionado antes e agora também funcionou. Depois de chorar um bom tempo, recobrei a calma e continuamos rumo a Appleton.

Depois de alugar um carro, não era muito difícil encontrar o consultório do Dr. Schrang, o hospital, o centro comercial e o motel nessa cidadezinha. Depois de nos instalar no motel, fomos a um restaurante para a última comida de Danielle antes da cirurgia.

Quando nos encontramos com o Dr. Schrang no consultório à manhã seguinte, ele esteve muito agradável. Dado que Danielle era a paciente, se dirigiu apropriadamente a ela, quase como se eu não estivesse presente. Ele deu ênfase ao que a cirurgia não mudaria a maneira que o mundo trataria ela, nem mudaria magicamente a vida dela, nem resolveria todos os problemas dela. Ele disse que Danielle teria que seguir cuidadosamente todas as instruções pós-operativas, e tomar a responsabilidade de “se cuidar.” Ele poderia fazer a cirurgia mas estava nas mãos dela que resultaria um sucesso.

Depois de nos registrar no hospital, passeamos pelo andar onde se alojam as pacientes da SRS. Ao final de um corredor havia uma sala de estar com uma vista ao Rio Fox, e este lugar tranqüilo se converteu no meu favorito. Conhecemos à Glória, a companheira de quarto de Danielle, que acabava de voltar da cirurgia, e a esposa muito atenta dela, e elas estavam impressionadas pela juventude e beleza de Danielle. Durante as seguintes dez dias nos tornamos muito unidas a elas, e elas nos animaram e ajudaram. Descobrimos que a maioria das transexuais do andar estavam sozinhas, sem ninguém que lhes apoiassem durante uma prova tão penosa.

Danielle parecia estar calma e sem medo durante todos os preparos necessários esa tarde e a manhã seguinte, e foi à cirurgia sem ter expressado nenhuma ansiedade, simplesmente esperando um futuro com prazer antecipado.

(Eu tinha pensado em dar este poema/oração ao cirurgião, mas me faltava a coragem.)

## **"BENDITO SEJA"**

Que seja bendito ao corrigir as formas erradas da Mãe Natureza.

Que as mãos dele estejam seguras ao realizar o trabalho artístico que pode ser visto por poucos.

Que os olhos dele estejam claros ao fazer os toques finais na vida de nossa amada.

Que a mente dele esteja aguda ao tomar as decisões peritas.

Bendito seja ao cuidar delas incompreendidas por muitos y amadas por poucos.

\* . \* . \* . \* . \*

Relatos passo a passo da cirurgia estão disponíveis de outras fontes, assim que não incluo aqui essa informação técnica.

Minha mãe chegou quando Danielle ainda estava na cirurgia, e para passar o tempo falávamos e armávamos uma quebra-cabeça na sala de espera. Eu tinha levado comigo a quebra-cabeça porque sabia que não ia poder ler, e armar quebra-cabeças sempre era um passatempo muito relaxante para mim. Só podia pensar em Danielle e no que fazia o cirurgião, mas já tínhamos tomado a decisão e íamos ter que lidar com o resultado.

Trouseram ela ao quarto, e ao emergir da neblina da anestesia geral, me perguntou, “Já acabou tudo?”

Quando eu disse “Já acabou,” deu um sorriso muito grande. Se via muito pálida, e vi que estava atada a tantas sondas e arames que eu não podia agüentar e comecei a chorar, porque a mãe sofre também quando dói um filho. Eu sabia bem que esta dor era temporária e muito melhor do que a angústia mental e a miséria que ela tinha sofrido durante os anos que viveu no corpo errado. A esposa de Glória e outras pessoas pensaram que eu chorava porque eu tinha perdido meu menino, e me asseguraram que meu menino não tinha ido embora, mas ficava presente como uma pessoa nova e mais feliz, mas eu já tinha aceitado a nova pessoa, e quase tinha esquecido que alguma vez tinha sido outra coisa que uma maravilhosa filha.



*Ela deu um sorriso muito grande*

Os dias seguintes eram bastante ásperos para nós. Pensei que podia me sentar para escrever mais deste livro enquanto ela dormia, mas não havia muito tempo para descansar porque eu precisava ajudar com tantas pequenezes. Havia muitas chamadas de amigos que lhe desejavam o melhor, e entregas de flores de amigos de Califórnia e outros lugares. Inclusive recebemos uma chamada de uma transexual nova que tínhamos conhecido pela internet e quem logo ia se submeter à SRS.

Danielle não parecia compreender o tremendo efusão de amor e esperança para ela. Eu sentia como se ela fosse “a garota de cartaz” da comunidade transexual. Danielle tinha uma oportunidade que muitas só sonham--o apoio da família e a cirurgia quando ainda nova. Todas esses vantagens não estavam perdidas em Danielle, já que ela me expressava repetidas vezes a gratidão de poder ter a cirurgia.

A avó dela ficou dois dias depois da cirurgia e lhe deu o presente de um ursinho de pelúcia para abraçar, e lhe parecia um conforto.

\* . \* . \* . \* . \*

Glória, a companheira de quarto de Danielle, lhe escreveu um poema:

## **HOJE SOMOS BORBOLETAS**

Temos viajado nossos respectivos caminhos como lagartas, consumimos toda a informação que pudemos sobre nossas vidas confundidas, e aprendemos e crescemos.

Finalmente nossos caminhos que temos viajado se juntaram para nossa viagem final. Fiamos nossos casulos e com muitos cuidados e amor entramos na etapa de pupa. E por meio das mãos destras de um médico, pudemos nos desfazer de nossos laços de pupa e ao fim nascemos para viver as vidas que devemos viver.

Ao secar nossas asas e nos preparar para adiantar em nossas novas vidas como formosas borboletas, fazemos uma pausa para dar as graças.

\* . \* . \* . \* . \*

Danielle sofreu de vômito pós-operativo, o que não era sério, mas perdeu sangue suficiente durante os dias seguintes assim que tiveram que lhe dar três unidades por transfusão. Embora muitas pessoas ofereceram doar sangue, o hospital não participava no programa de doação, mas foi pequeno o custo da transfusão. O Dr. Schrang fazia tudo muito rapidamente sem explicá-lo em antemão a Danielle. Ele não me falou mais de duas palavras durante os nove dias que estivemos ali. Eu tinha a impressão que para ele éramos corpos sem nome nem cara. Vinha e ia tão rapidamente, assim que corria a piada que a única maneira que sabíamos que ele tinha estado aí era o aroma que ficava do colônia dele. As enfermeiras eram muito atenciosas e nos agradeou a ajuda delas.

Ao voltar ao motel, um de dois da cidadezinha, Danielle começou a rotina de dilatar a neovagina, seguindo meticulosamente as instruções do médico. Teria sido quase impossível para Danielle tê-lo feito sozinha. Eu me mantinha ocupada com sair para procurar coisinhas e comida que Danielle queria comer. Já que Danielle ia ter que ficar boca acima na cama durante sete dias no hospital, levei vários dias em arrumar a massa confusa do cabelo dela. Logo após comecei a experimentar claustrofobia. Depois de outra consulta com o médico, sentíamos prontas para voltar à casa.

A viagem de volta era longa e exaustiva. O namorado de Danielle nos encontrou no aeroporto para ajudar que ela voltasse à casa e se instalasse ali. Danielle ficava cansada demais para fazer a dilatação essa noite e queria abandoná-la completamente, mas depois de um bom descanso

estava pronta para continuar o horário de dilatação exigente. Durante as seguintes três semanas ela passou o tempo seguindo as instruções de cuidado do cirurgião. Só podia sair da casa por mais ou menos uma hora entre as dilatações, e quando o namorado e outros vinham a visitar, ela não tinha muito tempo para estar com eles porque sempre devia voltar ao quarto para se dilatar. Houve uma infecção no sítio onde havia uma sutura de arame apertado e ainda tem uma cicatriz nesse lugar, a qual está agora coberta de pêlo púbico. As cicatrizes nos sítios de doação de pele dos quadris eram muito maiores do que eu tinha esperado, mas não lhe parecia importar. Eu ficava satisfeita com o resultado visual da cirurgia vaginal, pelo menos desde uma olhada casual. Danielle andava muitas vezes despida pela casa, para desfrutar da sensação de não ter “isso” ali embaixo. Outra cirurgia (a labioplastia) seria necessária no futuro para dar os toques cosméticos finais à região genital.

Depois de um mes de dilatações, Danielle começou a usar um molde de circunferência maior. O cirurgião tinha nos dado um panfleto de uma companhia que oferecia cinco moldes de dilatação, em dimensões graduadas, por \$90. Estes moldes eram sólidos e não vibravam, e dois deles eram menores do que ela precisava. Eu sabia que se podia comprar moldes de vários tipos em uma “livraria adulta” na vizinhança, assim que não compramos os moldes caros. Depois de comprar duas vibradoras diferentes que não satisfizeram ela com respeito à cor, à forma, ou qualquer outra coisa, fiquei frustrada e lhe disse que não sabia o que era que ela realmente queria, assim que ela disse que compraria o que precisava. Só tinha 17 anos e assim era proibida que entrasse nesse tipo de loja, mas tinha decidido ir, e lhe adverti não dar meu nome caso fosse descoberta sendo menor de idade. Vestiu um estilo “maduro” e foi à loja. Escolheu o que procurava e perguntou ao caixa a circunferência para verificar que era maior do molde que já tinha em casa. Ele foi a revistar o catálogo de mercadoria e voltou, anunciando em voz alta no meio da loja “um tamanho que basta para todas.” Ela pagou a compra e ninguém lhe perguntou a idade nem pediu identificação. No meu caso, não foi até que tinha 40 anos que podia dar as caras numa loja dessas.

\* . \* . \* . \* . \*

No Canadá se executam as duas cirurgias (vaginoplastia e labioplastia) durante um procedimento só, e não usam enxertos de pele. Laura mais tarde fez a cirurgia lá com uma recuperação mais rápida, um programa de dilatação menos rigoroso, e um resultado magnífico. Algumas de nossa comunidade recentemente têm ido a Oregon com bons resultados. O Dr. Schrang requisitou mais tempo de recuperação na cama e um programa de dilatação mais rigoroso, mas os resultados dos outros cirurgiões pareciam igualmente satisfatórios. Tanto no Canadá quanto em Oregon há instalações residenciais para cuidado pós-operativo, o que é importante levar em conta para quem viaje sozinha.

Todas as transexuais que tenho conhecido estão tão contente com a cirurgia que elogiam a experiência e ficam felizes com os resultados. Logo esquecem qualquer complicação ou inconveniente que tenha acompanhado a experiência. Eu chamo isto “o síndrome do salvador”—é dizer colocar o cirurgião num pedestal, e não sempre são objetivas sobre a experiência da cirurgia.

Eu tomei a melhor decisão possível com a informação que tinha na hora, mas se pudesse fazê-lo novamente, tal vez seriam diferentes os resultados. Os cirurgiões sempre estão tratando de melhorar o desempenho, por se basear nos conhecimentos mais avançados e por meio de experimentar com diferentes técnicas.

A terapia hormonal de Danielle continuou, e com isso continuaram os altibaixos mentais e emocionais que eram muito agustiosos. Fizemos o que pudemos para tentar estabilizar as emoções dela, inclusive uma dieta melhor, muito descanso, uma atitude positiva e remédios naturais. Finalmente, depois que nada parecia funcionar, e depois de muita pesquisa, lhe sugeri que tentasse o Prozac, embora não queríamos usá-lo antes porque eu acreditava no mito que eram só os malucos que usavam o Prozac. Agora, o Prozac tem ajudado a calmar a ansiedade e sentimentos opressivos dela.

Durante as festas de Natal, Danielle e eu fomos a visitar Ben. Já era estudante do segundo ano numa universidade em Flagstaff, e com outro rapaz compartilhava um condomínio de três quartos. Danielle e Ben desfrutavam de estar juntos enquanto esquiavam, e iam às lojas e aos filmes durante as férias cortas. O irmão maior era galante, protetor e orgulhoso dela. Eles conspiraram e fizeram uma proposta—que Danielle mudaria a Flagstaff para começar outro colégio onde ninguém conheceria ela, e Ben achava que seria maravilhoso que ela fosse a terceira companheira do apartamento. Ben não admitia, mas provavelmente sentia um pouco de solidão e saudade da família.

Embora eu tinha sonhado do dia em que meus filhos estivessem independentes, para que eu pudesse recuperar um pouco de liberdade e retiro na minha vida, agorinha não estava preparada para isso. Mas eu podia ver a emoção e desejo pela aventura nos olhos deles, e depois de conversar bastante, decidi não deixar que meus sentimentos retardassem que fossem à procura de felicidade e um futuro. Era comovedor para mim ver que se desenvolvia um novo vínculo entre eles.

Eu sabia no meu coração que para Danielle esta seria uma mudança positiva, já que acabava de cumprir 18 anos e parecia sinalizar que queria formar um ninho. Se ela pudesse cozinhar e arrumar a casa para estes rapazes, podia adiar a hora de cair no papel de fazer as tarefas domésticas para um namorado. Ela e o namorado anterior tinham se separado quando ela ficou ocupada com o colégio e ele tinha ido à universidade. Havia outro motivo para a mudança dela. Meus esforços ativistas na comunidade transgênero lhe deram pouca oportunidade de esquecer da penosa prova que ela tinha experimentado para se estabelecer numa nova vida como garota. Eu tinha visto que outras mulheres transexuais tinham saído da comunidade depois da cirurgia para poder se misturar na sociedade e prosseguir a vida como mulheres. O propósito da cirurgia, sobretudo, era permitir que ela vivesse como uma garota adolescente.

Um pouco depois de voltar à casa das férias do Natal, Danielle carregou todos os pertences no picape—uma televisão, uma bicicleta, a cama feminina, muitos de nossos artigos de cozinha, um grande saco de lixo cheio de sapatos (uma verdadeira mulher), e mais outras coisas que possivelmente pudesse precisar.

“Você pode voltar à casa sempre que quiser,” lhe disse, “mas pode trazer uma mala só.”

Danielle sumiu como um nômade no deserto com o picape carregado de tudo que possuía. Ela me ligou várias vezes desde o caminho mas esqueceu me ligar ao chegar segura. Esse foi um dia muito longo para mim, e para as cordas pouco usadas do meu avental. Ao início eu ligava para ela diariamente, mas ia deixando de tanto ligar porque chegava a ser mais difícil encontrar ela em casa, entre o colégio e as atividades sociais. Por agora Danielle tinha se ido embora, e me mudei a um apartamento pequeno.





*Você pode trazer uma mala só*

Devido a que Danielle tinha que tomar doses pequenas de hormônios para evitar os altibaixos emocionais, não tinha crescido muito busto. Quando tinha 18 anos não tinha o suficiente para ser notado. Há aquelas que pensam que com espera suficiente, os seios chegarão. Há aquelas que pensam que a combinação mágica de hormônios dará o resultado desejado. Há outras que pensam que está tudo bom estar plana, mas Danielle realmente queria seios. Recordo quanto eu desejava tê-los quando era adolescente, mas não foi até que comecei a ter filhos que cresci seios. Dado que isso não era uma opção para Danielle, decidimos adiantar com os implantes de seios durante o verão seguinte. Ela fez todos os arranjos para a cirurgia depois de consultar com vários cirurgiões cosméticos em Phoenix. Um cirurgião requisitava uma avaliação psicológica corrente, o que ela achava injusto, já que todas as demais podiam ter a cirurgia para aumentar o busto à ordem. É provável que algumas mulheres necessitem conselheria para descobrir por que seja tão importante para elas ter seios enormes. Por que há de supor que as transexuais são desequilibradas só porque desejam ter seios?

Fui a Phoenix para estar com ela antes e depois da cirurgia. Ela era outra vez muito corajosa e nunca queixou. Ao sair da anestesia, dizia coisas engraçadas—“Silêncio. Você fala muito alto. Não me toque. Já não quero meus seios porque doem.” Logo se desculpou por ter falado besteiras. Eu não sabia por que pensava que tinha falado besteiras, mas mais tarde ela disse que achava que tinha dito que nos calássemos e que deixássemos ela em paz.

Ela fez a cirurgia como paciente ambulatorial, assim que voltamos ao nosso motel em Phoenix algumas horas depois que terminaram. Esses dois dias no motel eram muito longos e incômodos para ela porque teve problemas com reter comida e líquido no estômago, mas tinha que comer ou beber alguma coisa ao tomar os comprimidos para a dor severa. Cada vez que precisava se mover, eu tinha que ajudar a mudar a posição dela, e colocar de novo a bolsa de gelo nos novos seios para diminuir a inchação. Só podia dormir mais ou menos uma hora de uma vez. O irmão dela tinha oferecido a cuidar dela depois da cirurgia, mas eu estava contente estar aí embora ela precisava de mais atenção do que eu tinha esperado. Mas tudo deu certo.

Agora está feliz com o corpo que enquadra com a mente, e me sinto feliz que pudemos fazer todas as coisas para que ela se convertesse numa garota.

Danielle continuou morando em Flagstaff com Ben e começou lá o último ano do colégio. Um dia meu biper mostrou um número de telefone desconhecido de um lugar no estado de Arizona. Enquanto eu ligava o número de volta, eu imaginava, “a polícia, um hospital, um acidente.” Mas era o vice-diretor do colégio de Danielle que queria falar comigo.

"A Sra. é a mãe de Danielle?" perguntou.

"Sou."

"Só desejo confirmar uma coisa que Danielle falou hoje durante uma aula."

"Que coisa é essa?" disse em expectativa.

"Hoje disse na aula que teve uma cirurgia de mudança de sexo."

"Caralho!!"

"Muito bem," disse ele, rindo, "Acho que a Sra. confirmou."

Perguntei a ele, "¿O Sr. sabe como aconteceu que ela contou isso?"

Ele disse, "Corriam boatos e aparentemente ela achou que era o momento apropriado para informar a todos sobre o passado dela para que deixassem de falar fofocas."

Respondi, "Eu teria preferido que ela não tivesse contado a todos."

"Ela tem o direito de lhes contar. Tem o direito de estar segura nesta escola e de completar os estudos aqui. Gostamos dela e vamos ajudá-la o mais possível. Vamos guardar a privacidade dela caso a prensa ou alguns pais perguntem sobre ela. Vamos a nos assegurar que não zombem dela e que não assediem ela nesta escola. Já lhe aconselhei que não se isolar. Pensa a Sra. que ela seja suficientemente forte para manejar tudo?"

"Alguns dias está mais forte do que outros," lhe disse com toda franqueza; "Vou ligar para ela e falamos."

Eu lhe agradecei profusamente pela compreensão e ajuda e lhe disse que estaria em contato com ele. Eu senti um pouco de enjôo. Ela nunca ia poder se afastar do passado? Foi em vão a mudança a Flagstaff? Caso ela tivesse que mudar de novo, ainda havia David, que se encontrava em São José, Califórnia onde tinha conseguido um bom emprego depois de bacharelar no mesmo ano que Ben tinha se graduado do colégio.

Depois que falei com o vice-diretor, não havia nenhuma possibilidade de concentrar no meu trabalho e imediatamente liguei para Danielle. Ela me disse que não tinha me chamado porque não queria me preocupar. "De todas maneiras," me assegurou, "não tem importância."

Ela me contou as circunstâncias que conduziram à revelação. Recentemente tinham corrido boatos sobre ela. Uma garota tinha lhe feito a pergunta se tivesse se submetido a uma cirurgia de mudança de sexo. Danielle tinha respondido, "É uma bobagem fazer uma pergunta dessas a qualquer." Ela teve que escrever uma autobiografia numa aula de sociologia, mas sem revelar a verdade, sabia que o que escreveu não tinha sentido. Ficava triste não poder revelar o próprio ser, especialmente quando recebeu uma nota baixa na lição. Depois de muita reflexão, e por si

mesma, decidi pedir a uma professora substituta licença para fazer um discurso curto antes do final da aula. Foi então que contou a história aos companheiros e à professora, e logo partiu imediatamente porque era quase o último dia escolar.

Depois de cinco minutos a história tinha se propagado por todo o colégio. Logo após que ouviram as notícias, o diretor e o vice-diretor do colégio foram a visitar Danielle em casa para assegurar que estivesse bem e não sozinha. Ben já estava ali porque uma amiga de Danielle tinha lhe avisado por telefone que Danielle podia precisar de ajuda. Os representantes do colégio falaram por um tempo com Ben e Danielle e voltaram à escola, e foi então que o vice-diretor me chamou. Mesmo depois de falar com os meus filhos, ainda lhe era difícil acreditar que Danielle tivesse sido alguma vez um rapaz.

Enquanto Danielle me contava de tudo que tinha acontecido, tentava me tranquilizar: “Não tem importância, tudo vai dar certo, não preocupe.”

"Sou sua mãe e preocupar-me é o meu dever."

Queria correr ao carro, dirigir as oito horas a Flagstaff e levar ela à minha casa segura, mas me dei conta que realmente não podia lhe oferecer segurança em nenhuma parte. Ela mesma tinha que manejar isso, seja que fosse corajosa e orgulhosa e agüentasse, ou que mudasse a um novo lugar, se calasse e assim negasse uma parte de quem é.

Quando liguei para um amigo para que me apoiasse, me disse, “Você deve estar orgulhosa dela. Está se tornando uma ativista como você, e eu não esperava menos porque tenho visto nela a coragem e a determinação de ser ela mesma.”

O dia seguinte liguei para o vice-diretor do colégio para lhe dizer que Danielle achava que tudo ia estar bom. Ele me disse que teve lugar uma reunião entre ele e os professores de Danielle para atualizá-los sobre a situação e para pedir que ajudassem a evitar que alguém zombasse ou assediasse ela de qualquer maneira.

Teve uma pergunta só: "Está terminada a cirurgia para poder dizer que legalmente é mulher?"

Essa era uma pergunta importante porque ia a uma aula de ginástica com as outras garotas. Eu lhe assegurei que era legalmente uma mulher. Também disse que lhe enviaria um pacote de informação sobre transexualismo.

Eu lhe disse: "Esteja orgulhoso dela da minha parte."

Ele adicionou: "Todos nós estamos orgulhosos dela."

O dia seguinte eu vigiava o relógio enquanto tentava me concentrar no trabalho, porque esperava uma chamada de Danielle depois do primeiro dia à luz pública no colégio. Quando chamou, disse, “O meu dia foi ótimo. As pessoas me deram recados e bilhetes de apoio. Uma garota inclusive me trouxe flores! Pessoas totalmente desconhecidas vinham para me dizer o corajosa que era, e eles sabiam meu nome, mas eu não sei quem eram.”

Uma semana mais tarde me ligou outra vez o vice-diretor para saber se eu tivesse sobrevivido. Ele disse, “Não havia prensa, nem pais, nem problemas. Danielle parece estar bem, nenhum problema. Pedi aos diretores dos outros dois colégios da cidade que me avisem de qualquer boato que ouvissem sobre esta escola, e não têm ouvido nada.”

Ele me agradeceu pela informação sobre transexualismo que lhe enviei, a qual tinha compartilhado com os superiores administrativos e com outro pessoal da escola. Ele e eu concordamos que isto tinha sido uma experiência educativa maravilhosa para os estudantes e para o pessoal escolar. Eu lhe dei as graças outra vez pelo cuidado e compreensão dele. Esta escola tinha manejado a situação de maneira muito exemplar. Finalmente eu tinha encontrado um representante escolar que estava realmente dedicado e que considerava as necessidades dos estudantes.

O clube México-Americano por votação elegeu Danielle como presidente. Um rapaz que gostava de Danielle veio outra vez à casa dela para assistir vídeos embora sabia do passado dela. Danielle seguia me dizendo, “Não tem importância. Não importa a ninguém.” Eu queria lhe dizer que sim tinha muita importância. Podia lhe parecer como um passo pequeno, mas era um grande passo a uma melhor compreensão das pessoas com disforia de gênero.

\* . \* . \* . \* . \*

O tema de transexualismo em geral é mal-entendido pela população, cuja maneira de pensar ainda é da Idade Média. Nasci ativista e agora tenho uma causa.

Meu distrito escolar local tem um comitê que trata assuntos de gays e lésbicas e que educa a pessoal docente sobre métodos para proteger estudantes contra a discriminação. A organização PFLAG (Parents and Friends of Lesbians and Gays—Pais e Amigos de Lésbicas e Gays) precisava de um representante neste comitê e me ofereceram a posição. Durante uma das primeiras reuniões conheci a Ellen, a empregada do distrito escolar que tinha falado comigo quando eu procurava informação sobre a política do distrito com respeito às transexuais. A única informação que então podia me dar foi, “Não podemos discriminar.” Como suspeitava na hora, um chefe dela lhe tinha mandado não dizer nada mais. Ellen me disse que sentiu terrível que não podia me ajudar mais, mas estava contente saber que conseguimos encontrar uma escola segura para Danielle.

Juntei-me ao equipe que fala aos professores das escolas primárias e preparatórias em nosso distrito sobre tratar igualmente a todos os estudantes e fazer a escola um lugar seguro para todos. Eu conto a eles as instâncias quando os professores e conselheiros não sabiam o que fazer com Danielle. Meu objetivo simplesmente é me assegurar que cada professor pelo menos ouça a palavra “transexual.” Minha esperança é que no futuro cada escola seja um lugar seguro para pessoas como Danielle. Deixamos em cada escola informação escrita que inclui recursos e os nomes de pessoas que podem fornecer mais informação.

Em muitas escolas, os professores já têm visto estudantes que questionam o gênero. Embora não há muito que pode fazer um professor, pelo menos podem mostrar aceitação e proteger o estudante de que seja assediado ou ridicularizado. Caso os pais ignorem a situação, estão atadas as mãos do professor.

A Conferência Internacional Sobre a Lei Transgênero e a Política de Emprego, S.A. (International Conference on Transgender Law and Employment Policy, Inc./ICTLEP) é um grupo de advogados e profissionais que trata dos assuntos legais e de emprego para transexuais. Assisti a uma das reuniões anuais em Texas e era muito interessante, embora a maioria dos temas tinham a ver com adultos transgênero: emprego, custódia de filhos, matrimônio, documentos legais, etc. Parecia que não havia ninguém falando dos assuntos importantes para os adolescentes e estudantes. Fiquei impressionada mais uma vez com os transexuais, que eram bem-ajustados

com empregos profissionais, e que também eram os líderes do movimento transgênero. Embora Danielle só queria ser uma garota, existem pessoas que querem ser andróginas, bigênero (às vezes masculina e às vezes feminina), ou querem estabelecer um terceiro gênero, ou cinco gêneros, ou eliminar totalmente o conceito de gênero. Aprendi sobre as pessoas intersexuais (ou hermafroditas) e a procura do direito de eleger o gênero deles sem a intervenção de um cirurgião pouco depois do nascimento.

Quando cheguei a ser mais ativa no Canto Neutral, me juntei à comissão de oradores do grupo, falando a estudantes de diversas aulas universitárias. Um ou dois transexuais ou crossdressers e eu mostramos a estes estudantes que a população transgênero é humana e não faz dano a ninguém. Os estudantes vão à universidade para ser educados e ajudamos a estender a educação deles. Queremos que o público entenda que a identidade de gênero não é uma eleição. Quem elegeria ter uma vida tão difícil? Também damos ênfase que a disfória de gênero não é uma doença mental.

Desafortunadamente, serve o interesse da indústria de consultoria perpetuar o mito que o transexualismo é um problema mental ou psicológico. Há grupos de apoio para as pessoas transgênero, para que não se dêem por vencidas e não se façam dano por meio de drogas ou álcool, ou em casos dramáticos, por se suicidar.

A organização nacional PFLAG me convidou a falar várias vezes para ajudar a educar aos associados. Atualmente há poucos pais que entendem os problemas dos transexuais, mas esperamos que no futuro haja mais que entendam.

Em qualquer parte que vou e conto a história de Danielle e a necessidade dela de ser uma garota, alguém me diz, “Você é uma mãe tão maravilhosa.” Isto ainda me surpreende porque sempre achei que eu não era especialmente boa como mãe, sendo casual e pouco convencional. Só fiz o que podia fazer qualquer mãe—dar o amor incondicional à minha criatura.

Sempre que as transexuais ouvem minha história, me contam que sabiam que eram transexuais quando eram adolescentes, mas estavam com medo contá-lo aos pais. Já que vem melhorando minha utilização do computador e da internet, me juntei a vários grupos que têm a ver com o transexualismo. Agora existe um grupo de pais de transexuais dispostos a se comunicar com outros pais por meio da internet. Também é possível ler umas histórias de adolescentes transexuais e outra informação por estes meios.

Parece que está aumentando o número de jovens que estão dizendo aos pais que têm a necessidade de pertencer ao gênero oposto. Espero que podemos difundir o conhecimento que estes juvenzinhos precisam de amor e compreensão.

Quando Danielle morava na minha casa sempre lhe dizia aonde ia falar, e convidei ela a ir comigo. Ela me acompanhou uma ou duas vezes, mas não ficava à vontade falando da situação publicamente, e queria fazer outras coisas mais importantes para uma adolescente. Respeitei os desejos dela de não falar na sua escola, e ela compreendeu meu desejo de tentar mudar o mundo.

## PARTE V

### CARTAS DA FAMÍLIA

Temos uma lista familiar de endereços de correio eletrônico. As seguintes são duas emails sobre Danielle, escritas para ser lido por toda a família. A primeira é do irmão dela e a segunda da avó Clela. A terceira escreveu Danielle ao resto da família.

\* . \* . \* . \* . \*

Olá a todos novamente.

Escrevo sobre um tema que provavelmente muitas pessoas terão discutido, mais sobre o qual alguns têm um pouco de medo fazer perguntas. O tema ao que refiro é minha maravilhosa irmã Danielle.

Danielle decidiu me revelar o segredo enquanto me visitava em Phoenix. Um dia fui a trabalhar, disse a Daniel “até mais,” e voltei à casa onde encontrei Danielle. Ao princípio ficava repleto de auto-compaixão, e não sabia o que eu ia fazer, ou o que pensaria o resto do mundo a respeito dela. Durante várias semanas eu apenas podia dormir, pensando no que lhe acontecia e por que tinha passado isto na nossa família. Já tínhamos superado tanto, e agora isto. Uma vez antes, eu tinha assistido a um programa de conversas na televisão, no qual havia pessoas que experimentavam situações similares, e tinha que apagá-lo porque ficava com náusea. Eu sempre tinha pensado que tais pessoas deviam ter sido criadas em famílias muito horríveis. Desde então tive que mudar minha maneira de pensar, e vejo a todas as pessoas baixo duma luz diferente.

É bem estranho como as coisas podem dar um giro de 180 graus quando uma pessoa experimenta. Ao princípio achava que nada de bom podia resultar desta mudança que tinha feito Daniel. Ele foi meu irmão durante 16 anos, e 16 anos é muito tempo conhecer alguém e depois vê-lo mudar tanto. A vizinha, que era uma amiga muito íntima, ajudou Danielle com a transição, e elas ficaram muito unidas. Fez dois anos que conheci Denise, a vizinha, e éramos bons amigos. Ela me ajudou a entender um pouco sobre os motivos de Danielle para fazer isto, e estava disponível para falar do assunto quando eu precisava. Eu quase me culpava que tinha acontecido, porque tinha estado presente quase todo o tempo, e parecia como eu tivesse permitido que acontecesse. Eu tentava lembrar qual má coisa tinha acontecido que pudesse explicar o terrível que tinha nos acontecido.

Porquanto passou o tempo, senti mais cômodo com ela, e até cheguei ao ponto que podia chamá-la de Danielle. Há uns meses visitei à minha mãe e levei Danielle à praia e ao passear ao longo da calçada de tábuas.

Desfrutei imensamente do tempo que passei com ela, e sei que não teria sido nada de igual se tivéssemos ido antes da transição. Ela tinha se transformado de um rapaz mais ou menos travesso na garota mais maravilhosa que alguém pudesse conhecer.

Agora me parece que ela está mais feliz com a vida e que transmite esta atualidade a todos que conhece. Sei dos contos que me fala minha mãe que ela é muito amistosa e diariamente conhece novas pessoas. Cada vez que ligo para ela, está muito emocionada sobre toda classe de coisas que está fazendo na vida, e meu coração fica cheio de orgulho porque posso ver a sorriso grande no rosto dela, e entendo o trabalho e a luta que fez para chegar aonde está. Sei que se todos vocês conhecessem a ela como é agora, estariam impressionados imediatamente pela atitude radiante

que tem para a vida, e o valor e auto-confiança que tem para ser uma boa pessoa, apesar de tudo que lhe passou.

Embora ao início senti auto-compaixão, agora me considero com sorte ter uma irmã como ela. A maioria das pessoas briga com os irmãos e não se estimam deles. Penso em quanto orgulho tenho da minha, e sei que ela é uma das pessoas mais corajosas e afetuosas que conheço, e que sina afortunada é que ela é minha irmã! Enquanto a maioria das garotas da idade dela estão ocupadas com a maquilagem, o perfume, ou como vão poder sobreviver sem ter um determinado vestido ou traje, a minha irmã desfruta da vida e traz alegria a todos que conhece. Ela tem resultado corajosa exatamente como a minha mãe, e será imbatível em qualquer meta que empreende, e lhe dou meu apoio não importa o que decida.

Isto me traz a outro tema que tenho que mencionar. Alguns de vocês farão a pergunta por que não estou casado nem tenho tido até agora nenhuma noiva séria. Bom, tenho expectativas altas de qualquer garota que conheça e que seja uma candidata, porque a verdade é que duas das mulheres que mais admiro são minha mãe e irmã, e será difícil para qualquer garota igualá-las. Mas também sei que a metade da diversão é a caça dessa garota especial, que deve estar lá por alguma parte.

Com muito amor,

David

## II

### **ASSUNTO: MINHA NOVA NETA**

David fez bem em nos apresentar à irmã dele, Danielle. Anteriormente eu tinha oito netos e dois netas, e agora tenho sete netos e tres netas, e a mais recente delas é a maior. Pode ser difícil explicar isso, mas depois de conhecer a Danielle, não é.

Passou mais de um ano desde que Evelyn me falou que o filho de 15 anos, Daniel, tinha lhe revelado que ele cria que na realidade era uma garota. Quase imediatamente eu disse a Evelyn, “Sempre foi uma garota.”

Você está vendo, eu tenho muitas lembranças deste menino especial. Lembro um menino de três anos que gostava de se sentar no braço da cadeira para escovar e pentear o cabelo longo e encaracolado da mamãe dele (e durante muitos anos mais continuava a penteá-lo). Este menino gostava de brincar com bonecas e percebeu algum valor em uma boneca Barbie desmembrada, entre todos os brinquedos que eu guardava para os meninos que me visitavam. No aniversário noveno, o desejo dele era uma boneca de cabelo longo e um cavaleiro de crina longa, e a família cumpriu o desejo. Várias vezes me pediu que lhe ajudasse a fazer roupas para essa boneca. Ele escolheu algum pano da caixa de sobras, e juntos confeccionávamos roupas. Ele sempre escolheu pano de cores brilhantes.

No jardim de infância, quando estava se adaptando a uma nova escola, lhe perguntei que lhe parecia. Ele disse, “É formosa! As cores são tão bonitas!” Não compreendi essa declaração até que tive a ocasião de visitar a escola, e vi que cada porta dela ao redor de um grande pátio estava pintada de um cor diferente—rosa, lilá, verde, azul, amarelo—assim que o lugar era muito colorido. Ele sempre descrevia as texturas, tanto quanto as cores, quando era apropriado.

Daniel nunca participou em nenhum esporte salvo as aulas de acrobacia, pela qual parecia ter um talento natural.

Este netinho era extremamente amoroso. Sempre me dava um grande abraço quando veio de visita, e outro mais ao se despedir, e geralmente me abraçou várias outras vezes durante a estadia.

Também era muito sensível aos sentimentos das outras pessoas. Podia perceber quando alguém não sentia bem, estava aborrecido ou não ficava à vontade.

A uma idade na qual a maioria dos meninos escolhem os melhores amigos de entre os demais meninos, ele escolheu amiguinhas. Quando tinha ocasião de levar dois ou três amigos num passeio no aniversário, sempre escolheu meninas, e esta tendência de ter meninas como amigos mais íntimos continuou até o colégio.

Daniel sempre estava perto da mãe dele de maneira que não se esperaria de um menino. Pareciam se divertir juntos. Quando estava o suficientemente grande para notar a roupa da mãe, ele lhe aconselhava sobre o que devia vestir, e mais tarde ela sempre levou ele consigo para escolher roupa nova para o guarda-roupa dela. Há dois anos Evelyn e eu organizamos uma despedida de solteira para uma amiga. O filho Daniel, então com 13 anos, lhe penteou o cabelo. Usou um pequeno chinó de cabelos detrás da cabeça com uma fita e o teceu com o próprio cabelo dela. O estilo era perfeito com o estampado florido e a renda do vestido. Parecia tão bonita como se fosse um retrato e Daniel apreciava e elogiava profusamente a beleza dela.

Na família era ele que se dedicava a arrumar a casa, e andava tras os irmãos para que guardassem as coisas. Quando começou a pensar no trabalho que faria na vida, elegeu decoração de interiores. Numa ocasião lhe dei uma assinatura para uma revista de decoração de interiores, e eu sabia que ele gostava de visitar às casas modelos para ver os móveis.

Aqueles de nós juntos a este menino especial reconhecemos que era diferente, mas não tínhamos nem uma idéia por que era assim. Era muito animado ao falar, com movimentos invulgares das mãos e do corpo. Ao olhar a maneira dele de andar, às vezes pensava, “por que não pode andar como um menino? Tal vez não saiba que anda como uma menina?” Ele sim sabia, porque os companheiros escolares casuavam dele pela maneira que andava, e sei agora que não havia maneira de mudá-la. Agora vemos os mesmos movimentos e animação e maneira feminina de andar que encaixam perfeitamente com uma garota adolescente.

Foi pouco comum a idade em que Danielle fez esta mudança drástica, porque em geral se faz mais tarde na vida. Não foi uma idéia repentina, porque Evelyn sabia meses antes de que Daniel fez a declaração que experimentava problemas emocionais. Há as pessoas que perguntam se um adolescente de 16 anos for capaz de tomar uma decisão tão importante, mas você deve considerar o seguinte—em qual momento da vida você tomou a decisão de ser homem ou mulher?

Há muitos estudos que tentam explicar por que as meninas se comportam como meninas, e os meninos como meninos. Segundo o que tenho lido, não é porque as demais pessoas esperam que as meninas agem como tais, mas simplesmente porque o comportamento está determinado geneticamente. As meninas brincam com bonecas, gostam de cuidar dos demais, e dão grande importância às relações. Os meninos brincam com carros, são competitivos e jogam futebol. Para mais informação lê “Brain Sex” (O Sexo Cerebral) de Mohr e Jessel.

Posso entender que era difícil para David escutar as transsexuais nos programas de televisão. Eu também ficava revoltada porque achei que aquelas eram de algum jeito desequilibradas, e ainda



não entendo o desejo delas de ser celebridades. Conheço uma mulher que se converteu em homem depois de ter dois filhos, e mais tarde se converteu novamente numa mulher. Contou a história na televisão nacional. Porém, ganhei tolerância para aquelas pessoas cuja orientação sexual não enquadra com os órgãos sexuais, devido ao meu contato com Danielle. Ela não deseja que receba atenção por ser transexual. Ela é uma garota e sempre foi, e não quer que as pessoas pensem de outra maneira.

O que penso que vale elogiar é que Evelyn procurou consultoria profissional para saber a melhor maneira para ajudar que Danielle fizesse a transição. Isto conduziu a provas psicológicas, eletrolise e tratamentos hormonais, o que resultava incômodo e às vezes doloroso para ela. O fato que os irmãos, primos, tias e tios de ambos lados da família apoiaram, com uma ou duas exceções, também é louvável. Algumas pessoas que tinham medo com respeito a conhecer Danielle, vieram as dúvidas desaparecer ao conhecer esta garota bonita, viva e amistosa. Embora eu também compreendia a situação e sabia que a trajetória era o correto para Danielle, tive um verdadeiro problema com os pronomes—ele, ela, o, seu—mas estou melhorando. Estou tão contente ao vê-la florescer na escola e na sociedade, e a excitação dela pela vida é contagiosa. Ela tem enfrentado corajosamente as dificuldades necessárias e reconhece que o caminho por diante não será fácil, mas está igual ao desafio. A vida às vezes nos ensina, por métodos estranhos, a tolerância e compreensão pelas pessoas que têm problemas distintos dos nossos. Que afortunados somos de poder aprender esta lição de Danielle.

### III

Querida Família:

Olá, me chamo Danielle. Pensei que era a hora de me apresentar à família já que sou uma adição recente a ela. Esperei um longo tempo para decidir a me apresentar, e me alegra que finalmente tive um pouco de auto-confiança para fazê-lo. Superei muitos obstáculos e desafios estes últimos anos, e atribuo minha felicidade atual à exploração da minha alma.

Minha mãe é (como muitos conhecem a ela) “Só” Evelyn, Evelyn quem amo, aprecio e agradeço por me dar a vida e felicidade. É uma mulher muito corajosa, trabalhadora, e alguém que tem o coração mais grande, não sempre visto por todos, mas quando é, não tem fim. Ao longo de tempos difíceis e bons, minha mãe tem criado a três filhos, e embora ela possa negar esta tarefa honrosa, os filhos dela sabem a verdade.

Nasci o 30 de dezembro de 1978. Desde então vivi duas vidas que são completamente diferentes uma da outra. No presente tenho 18 anos e sou muito feliz de ser eu mesma. Este outono começo o último ano do colégio, o que espero com otimismo. Moro em Flagstaff, uma cidadezinha perto do Grande Canhão. Flagstaff é um lugar muito lindo rodeado por montanhas, e também tem muitas árvores. Tenho ganhado muitos amigos desde que veio aqui. Amizades muitas vezes são difíceis ganhar, e me alegro por elas, porque tem me ajudado a compreender tanto a mim quanto às outras pessoas. Não posso dizer o feliz que me sinto, porque às vezes me dói e é difícil explicar, mas sei que é um bom sentimento, que tenho esperado experimentar por tanto tempo, e sei que não vai desaparecer.

Como já sabe a maioria da minha família, e para aqueles que não sabem, agora sou mulher embora nasci geneticamente um menino. Quando tinha 15 anos eu disse à minha mãe que era infeliz sendo um menino e que desejava que pudesse ser uma garota, já que eu sempre tinha sentido como uma por dentro. Isto surpreendeu muito minha mãe, porque ela achava que eu ia me tornar gay. A

maneira que via a situação era o seguinte. Eu pensava de mim sendo uma mulher, e gostando de um homem, e esse homem gostando de mim por ser uma mulher, assim que eu não sentia gay. Depois dessa conversa com a minha mãe, foi como se tivesse derrubado um muro que nos separava. Essa noite nos tornamos como uma mãe e filha. Minha mãe sabia que eu ia necessitá-la mais que nunca, e que ela também ia necessitar o meu apoio. Juntas, minha mãe e eu poderíamos fazer tudo que queríamos, e não íamos voltar para atrás.

Vesti de mulher o dia depois que disse a minha mãe que na realidade sentia ser mulher. Minha mãe me ajudou a me vestir de mulher a primeira vez. Ela não me disse na hora mas percebi que desfrutou de fazê-lo. Acho que minha mãe nunca floresceu porque como jovem teve muitas restrições, e podia viver a meninice de novo por meio de mim quando eu floresci e me tornei uma garota feliz. Quando as coisas se acalmaram depois da minha revelação, minha mãe empreendeu a encontrar toda a informação possível porque eu era ansiosa de começar minha nova vida. Logo soubemos que minha transformação completa ia requerer algum tempo. Primeiro ia ter que viver de tempo completo como mulher por um ano, e ter dois conselheiros que me aprovassem antes de poder me submeter à cirurgia de mudança de sexo. Eu também ia ter que trocar de escolas para poder começar como garota porque na escola onde estava, todos me conheciam como um rapaz. Eu começava uma nova vida. Durante essas semanas depois que me revelei à minha mãe, estávamos criando uma nova pessoa. Nascia uma garota. O nome dela é Danielle.

Na data 27 de junho de 1996 tive mi cirurgia de mudança de sexo em Neenah, Wisconsin. Minha mãe foi muito útil e eu não podia tê-lo feito sem ela. Clela Fuller, minha avó, chegou imediatamente depois da minha cirurgia e me agradou muito ter o apoio da minha família. Estive no hospital por nove dias. No sétimo dia, me levantei da cama. A cirurgia resultou menos dolorosa do que pensava no início que ia ser. Agora passou um ano depois da cirurgia, e acabo de ter implantes de busto, o que foi muito doloroso, mas outra vez minha mãe estava ali para fazer que tudo fosse o mais fácil possível para mim. Já que fiz toda a cirurgia necessária, estou me divertindo em florescer como quem sempre devi ter sido. Tenho namorados e simplesmente estou me divertindo muito. Seria ótimo se vocês pudessem ver minha felicidade.

Sempre amarei a todos.

*Danielle*

## **CONSELHOS AOS ADOLESCENTES**

Se você é um jovem que duvide sua identidade de gênero, não está sozinho. Há muitos mais como você do que a gente se dá conta. Há outros adolescentes que sentem igual a você. A sua melhor fonte de informação é a internet, e a organização local de gays e lésbicas.

Você pode ter sucesso e chegar a ser quem precisa ser. Não é fácil nem barato. É muito afortunado se tiver uma família que apoie. Eu lhe sugiro que faça pelo menos uma tentativa de falar a verdade à sua família. Eu podia ter começado a ajudar ao meu filho muito mais cedo, se ele me tivesse dito a verdade mais cedo. Deixa um livro ou panfleto aí “por casualidade” que trate temas de gênero. Fala sobre “um amigo” que quer ser o gênero oposto, ou dá um jeito para mencionar o assunto à sua mãe. Se ela ficar amedrontada, então retira. Diz a ela que você só brincava, ou que sentia estresse ou fundia a cuca. Logo pode sugerir que tal vez você precise de conselheria, e vê o que acontece.

De qualquer jeito, tenta assegurar que não joguem você para fora da casa. Continua na escola, vai precisar de um trabalho muito bom para pagar os custos de lidar com sua situação de gênero. Pode fazer tudo sozinha, mas assim se precisa mais tempo, e possa ser preciso adiar até que possa se sustentar financeiramente.

Existe a família em que nasce, e a família que adquire com o tempo. Se a família não pode aceitar a você, não arrasta eles atrás de você durante muitos anos, é um grande peso na sua karma. Cuida a você mesmo, procura amigos que aceitam, adota outras pessoas que precisam de família e tal vez algum dia sua família se desperte.

Você tem o direito de ser o gênero que sente dentro de você. Você não está fazendo dano a ninguém, eles estão fazendo dano a si mesmos. Você não está pecando e não está maluco. Você não é um cidadão de segunda classe. Você merece o melhor, e se ninguém te ajudar, então faz tudo sozinho.

Sua orientação sexual é completamente distinta da sua identidade de gênero. As etiquetas nem sempre têm sentido. Pode estar atraído aos homens ou às mulheres ou as dois ou a nenhuns deles. Ao decifrar quem é você, possivelmente mude a sua orientação sexual. Tudo bem, não há nada de mal nisso. Aceita às outras pessoas por quem sejam, independentemente de gênero.

Sua transição é sua viagem à velocidade que elege. Existem etapas de tempos mínimos prescritos pelas normas Harry Benjamin. Se você esperar dois anos antes de começar os hormônios, ou se ficar numa etapa andrógina durante meses, tudo bem. Esta é sua viagem e não existem mapas.

Continua vivendo. Não adia sua vida até que possa ter a cirurgia. Desfruta do humor na vida. Desfruta de cada dia como mais outro de se tornar você mesmo.

## **CONSELHOS AOS PAIS**

Depois de procurar a maneira perfeita de criar a uma transexual, compreendi que cada transexual tem problemas únicos com as soluções respectivas diferentes. Os seguintes são minhas opiniões pessoais só, e devem ser acrescentado à outra informação disponível e ao sentido comum dos pais. Exige bom cuidado! Não considera que seja mendigo, vítima, nem cidadão de segunda classe. Permite que o adolescente elija o próprio passo. Considera opções diferentes, mas permite que o adolescente tome as decisões sobre a vida quando for possível. Mantem um sentido de humor e dá muitos abraços.

## **ESCOLA PREPARATÓRIA (COLÉGIO)**

Funcionou muito bem para nós mudar a uma nova vizinhança e uma nova escola durante o verão embora conheço várias transexuais que sobreviveram a transição sem trocar de escolas.

Pergunta às autoridades escolares se existem escolas alternativas, aulas no lar ou programas alternativos de educação física na sua vizinhança.

Pergunta às autoridades escolares se existe um grupo de estudantes Gay/Lésbica/Bissexual/Transgênero numa das escolas. É provável que uma escola com tal grupo aceite mais a diversidade.

Permite que seu adolescente decida qual banheiro lhe acomoda mais, e logo anima que ele/ela utilize. Se deixar que a administração escolar decida, poderiam eleger de maneira que não seja aceitável para você nem para seu adolescente.

A menos que seu adolescente esteja pronto e o suficientemente forte para ser ativista, é muito melhor que o mínimo de pessoas na escola saibam da situação.

## **CONSELHERIA**

Perguntas a fazer a um conselheiro candidato:

Que formação educativa tem o Sr./a Sra?

O Sr./a Sra. está licenciado, e que entidade governamental concedeu?

Quantos clientes transexuais tem o Sr./a Sra.? (Não importa tê-los visto na televisão!). Se não tem lidado com nenhum, ou com um só, daí sabe que não é perito. Assim que estará aprendendo de você(s), tal vez pode arrumar um preço mais baixo por hora (não conta com isso).

O Sr./a Sra. entende a diferença entre o sexo e o gênero, e entre os travestis/crossdressers e os transexuais?

Como diferem as situações de um adolescente transexual e um adulto transexual? (Algumas diferenças são que um adolescente tem que enfrentar problemas com as escolas, os pais, os namorados, a orientação sexual, a pressão dos companheiros, e a auto-estima, enquanto os adultos enfrentam problemas de emprego, família, matrimônio, filhos, finanças, e aprender comportamento feminino.

O Sr./a Sra. tem uma cópia atualizada das normas de cuidado Harry Benjamin? Segue as normas, e se é assim, como estritamente?

O Sr./a Sra. requer que se façam provas psicológicas? Quais provas? Quanto custam? Quem administra as provas? Quem recebe os resultados—o cliente ou os pais?

Qual o número mínimo de consultas antes de que o Sr./a Sra. dê autorização escrita para a cirurgia?

O Sr./a Sra. conhece os efeitos colaterais dos hormônios? (Assegura que o conselheiro mencione ou saiba os efeitos colaterais emocionais).

O que é a opinião do Sr./da Sra. sobre receitar o Prozac, e por que?

Um conselheiro experimentado deve:

--Conhecer pelo menos um endocrinólogo.

--Conhecer a uma pessoa que faz eletrólise às transexuais.

--Conhecer os grupos de apoio locais.

--Poder lhe dar os títulos de livros relevantes sobre o tema de transexualismo.

--Saber os requisitos y fórmulas para mudar a carteira de motorista, a previdência federal, e outra identificação.

--Ter contatos no distrito escolar local.

## **ENDOCRINÓLOGO**

Perguntas para fazer:

Quantos transexuais o Sr./a Sra. já tratou?

Quanto cobra o Sr./a Sra. por um exame físico para um novo cliente?

O Sr./a Sra. dá desconto para pagamento à vista?

É compreensivo o pessoal do consultório nestas situações?

Se requisitam quais provas de laboratório, e a quais intervalos?

Quem faz o trabalho de laboratório, e tem o Sr./a Sra. um interesse financeiro no laboratório?

Qual o regime de tratamento usual para as transexuais?

O Sr./a Sra. recomenda anti-andrógenos?

Quais são os efeitos colaterais dos hormônios, emocional e fisicamente?

O Sr./a Sra. lidará com nós se quisermos intentar coisas diferentes, tais como injeções em vez de hormônios orais, ou sintéticas em vez de hormônios de origem animal?

O que acontece se a paciente suspender os hormônios?

Quais hormônios receita o Sr./a Sra. depois da cirurgia SRS?

## **ELETRÓLISE**

A ELETRÓLISE É UMA ARTE, NÃO UMA CIÊNCIA. As habilidades do praticante são mais importantes do que o método ou o tipo de aparato que se usa.

É preciso que os eletrólogos tenham uma licença governamental em alguns estados, mas não em todos.

O custo da eletrólise varia entre \$25 e \$100 por hora. Alguns praticantes oferecem descontos por horas múltiplas pagadas de antemão. As escolas de eletrólise podem ser uma opção mais barata.

Deve-se poder ver resultados permanentes depois de 20 a 25 horas de tratamento numa área.

Uma barba cerrada pode necessitar até 300 horas de tratamento, ou mais.

Qualquer marca do tratamento de eletrólise semanal deve desaparecer depois de dois ou três dias.

Pergunta às outras transexuais por referências e olha o pele delas para ver se têm cicatrizes ou bexigas, especialmente sobre o lábio superior.

A barbeação é o método preferível entre sessões de eletrólise.

Todos os eletrólogos devem usar uma agulha nova descartável durante cada sessão.

O praticante deve ter e usar um esterilizador para as pinças depois de cada cliente. Às vezes usam fotos antes/depois, mas tirar fotos completamente desnudas não é uma prática aceitável.

A depilação à laser tem resultados mistos: funciona melhor em alguns tipos de pêlo, e em algumas pessoas. Conheço a pessoas que tinham que voltar à eletrólise depois de tratamento com laser para terminar a depilação. Nenhuma transexual que conheço teve depilação permanente e completa com tratamento à laser.

Muitas vezes me perguntam sobre aparatos caseiros de eletrólise, mas não tive experiência pessoal com eles. Vi fotos e li as instruções, e vi as cicatrizes que resultaram de uma infecção de uma cliente que tinha usado um aparato desses. É muito difícil usar este equipamento por si mesmo. É muito lento comparado com o que pode fazer um electrólogo, e as agulhas que se usam repetidamente são menos seguras do que as agulhas descartáveis que usam os electrólogos hoje em dia. Estes aparatos caseiros podem ser úteis se só houver um pouco de pêlo que se precisa tirar.

## **CIRURGIÕES**

Perguntas para fazer ao cirurgião que esteja considerando:

O Sr./a Sra. executa a SRS em adolescentes, e quantos já tratou?

O Sr./a Sra. exige consentimentos dos dois pais para a cirurgia em adolescentes?

Quanto custa a cirurgia e que está incluído? (Pode ser que seja disponível esta informação num panfleto. E o custo de transporte será acrescentado ao custo da cirurgia).

O Sr./a Sra. exige que se faça eletrólise na região genital? Caso exija, por que? Quais as complicações que o Sr./a Sra. viu quando não se fez eletrólise na região genital? Qual percentagem dos pacientes do Sr./da Sra. teve complicações por ter pêlo num lugar errado depois da cirurgia?

Qual percentagem dos pacientes do Sr./da Sra. precisou inxertos de pele?

Permanecem cicatrizes visíveis depois da cirurgia, e onde? O Sr./a Sra. tem fotos de pessoas com cicatrizes depois da cirurgia?

O Sr./a Sra. faz a cirurgia num passo só, ou é preciso uma segunda cirurgia (labioplastia)?

Existe alojamento especialmente para pacientes pós-operativas, ou vão a um hotel/motel por uns dias?

Qual o programa de dilatação depois da cirurgia? Que tipo de molde recomenda o Sr./a Sra.?

O Sr./a Sra. tem uma lista de espera?

\* . \* . \* . \* . \*

O escrever me ajuda a enfrentar e lidar com situações difíceis. Escrevi a peça seguinte à meia-noite quando não podia dormir, devido à minha raiva para, e frustração com a indústria médica e de consultoria.

## **OS URUBUS**

Como era a sina dela, uma menina nasceu no corpo de um menino e não soube ninguém até que o rapaz chegou a ter 15 anos, quando ele se revelou a uma mãe amorosa que logo viu a angústia e dilema do filho. Ela já tinha visto o lado feminino dele, e os pensamentos nos olhos. Ela foi a pedir guia dos conselheiros do mundo e só encontrou urubus. Embora nenhum deles tinham tratado este problema na flor da juventude, todos estavam prontos para cobrar caro pelo acompanhamento. Havia regras escritas pelos deuses invisíveis no céu, relativas a estes assuntos. Primeiro é preciso consultar um dos peritos acima mencionados até que aquele julgue que a criatura seja capaz de saber o que sente por dentro, e só então lhe permite usar a poção mágica que começa as mudanças físicas de menino a menina.

Os administradores da poção mágica também têm regras e picam muito, e tiram muito sangue. A criatura tem que convencer pelo menos dois dos peritos acima mencionados que não está maluca, mas que simplesmente nasceu com as partes do corpo erradas. A criatura tem que continuar a consultar com os urubus sem experiência pelo menos um meio ano, e tem que viver como uma garota, arriscando seu coração e alma, por pelo menos um ano antes de que se possa avançar para a cirurgia. Mostrando sabedoria, a criatura pergunta por que não é preciso consultoria antes de ter filhos, ou antes de se casar, já que a criatura pode ver que muita gente não se dá conta dos problemas envoltos nessas decisões. Por que têm que lhe fazer tantas perguntas quando ele sabe muito bem o que ela sente por dentro? Por que têm que questionar a inteligência dela quando todo o mundo pode ver claramente que este rapaz já se tornou uma garota bonita e só precisa de ajuda para se quitar das partes de sobra, que são para ela como um tumor.

Por que não podem ver que dentro deste ser há tanta guerra, que a batalha se perde muitas vezes à bebida, às drogas ou à auto-destruição? Os urubus esperam aos cadáveres. Esfolaram quantos, assim que não fica nem dinheiro nem força para continuar a viagem para os cirurgiões que esculpem as partes novas? Ao longo do caminho se encontram as pessoas que sabem o que pensa Deus e julgam a criatura como pecador. Existem outros que não podem ver a bondade da criatura e se afastam dela como se fosse portador de uma doença ou pudesse daná-los de alguma maneira. A mãe só pode abraçar a criatura e fazer o melhor possível para ela, pagando os preços exigidos, mas não recebe nenhuns conselhos sobre ajudar que a criatura se faça feliz e íntegra. Ela intenta proteger a criatura das maldades dos conselheiros que questionam a inteligência e a saúde mental da criatura, enquanto fazem desvanecer o pouco de auto-estima que a mãe conseguiu fomentar na criatura por seu amor e ânimo. Os urubus não prestam atenção ao amor e à compreensão da mãe

para a criatura; ninguém lhe pergunta a opinião dela sobre o futuro da criatura, só pedem dinheiro. Nos tempos antigos, tais criaturas eram consideradas como as dotadas espiritualmente, porque entenderam tanto os homens quanto as mulheres. Quando e como se tornou um indício de loucura?

Depois de atravessar o longo e estreito vale cheio de urubus, a criatura pode apresentar o corpo bonito e novo à faca do cirurgião que corta as partes indesejadas, mas ao fazer isto deixa visíveis cicatrizes feias em outras áreas. Os cirurgiões experimentam muito nos corpos das vítimas agradecidas, tentando aperfeiçoar o arte cirúrgica para vir a ser o melhor do mundo, mas entretanto cometendo muitos erros. Corta o coração da mãe quando vê o que foi feito, mas a criatura está tão agradecida de ter o corpo correto que lhe permite ser como uma garota por dentro e por fora, assim que as cicatrizes parecem um preço menor. Logo a mãe abraça a criatura, que agora é entera e feliz e pronta para seguir com a vida, mas a sombra dos urubus permanece no coração da mãe.

## **GLOSSÁRIO**

### **CROSSDRESSER**

Pessoa que desfruta de se vestir temporariamente da roupa identificada com o gênero oposto.

### **IDENTIDADE DE GÊNERO:**

O sentido interno de uma pessoa de pertencer ao gênero masculino ou feminino.

### **DISFÓRIA DE GÊNERO:**

Termo psicológico que descreve os sentimentos de dor, angústia y ansiedade quando a identidade de gênero y o sexo físico não concordem.

### **INTERSEXUAIS:**

Aqueles nascidos com genitais ambíguos.

### **HERMAFRODITAS:**

Pessoas que nascem com tecido tanto de ovários quanto de testículos.

### **CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO DE SEXO (SRS) DE HOMEM A MULHER:**

O cirurgião volta o pênis de dentro para fora para construir uma vagina, elimina os testículos y recoloca a uretra. Depois, se usa um dilatador rígido (molde) várias vezes ao dia durante meses para manter aberta a nova vagina. Custo aproximado: \$13.000 ou mais nos E.U.A. e \$7.000 no Canadá.

### **CIRURGIA DE REDESIGNAÇÃO DE SEXO (SRS) MULHER A HOMEM:**

Em geral inclui várias cirurgias como mastectomia, histerectomia completa, fechamento da vagina e construção de um neo-pênis e escroto. Custo: de \$25.000 a \$100.000.

### **TRANSGÊNERO:**

Pessoas que questionam sua identidade de gênero, a qual difere do seu sexo físico. O grupo pode incluir travestis, transexuais, intersexuais y outros como termo genérico.

### **TRANSEXUAL:**

Uma pessoa cujos genitais ao nascer diferem da identidade interna de gênero.



## ESCOLA PREPARATÓRIA (COLÉGIO):

Existem uma grande variedade de termos que referem a escolas y escalões educativos. Aqui se usa “colégio” porque é mais comum em português. O termo equivalente no inglês no sistema educativo norte-americano é “high school,” uma escola que educa aos estudantes pré-universitários entre as idades de 14 e 18, mais ou menos.

## LEITURAS RECOMENDADAS:

Brown, Mildred y Rounsley, Chloe Ann: *True Selves: Understanding Transsexualism for Family, Friends, Coworkers and Helping Professionals (Seres Verdadeiros: Compreendendo O Transsexualismo para Familiares, Amigos, Companheiros de Trabalho y Assistentes Profissionais)*. San Francisco: Jossey-Bass, 1996.

Stringer, Joan Altman: *The transsexual's survival guide II: To Transition and Beyond for family, friends and Employers (A Guia de Sobrevivência do Transsexual II: À Transição e Mais Além para Família, Amigos y Patrões)*. 1996.

Moir, Anne, y Jessel, David: *Brain Sex, The Real Difference Between Men and Women (O Sexo do Cérebro, A Verdadeira Diferença entre Homem e Mulher)*. Dell Pub/Bantam Doubleday, 1992.

Feinberg, Leslie: *Transgendered Warriors: Making History from Joan of Arc to RuPaul (Guerreiros Transgênero: Fazendo A História desde Joana de Arco a RuPaul)*. Boston, Beacon Press, 1996.

Israel, Bianna and Tarver, D.: *Transgender Care: Recommended Guidelines, Practical Information, and Personal Accounts (Cuidado Transgênero: Normas Recomendadas, Informação Prática y Relatos Pessoais)*. Philadelphia, Temple University Press, 1997.

## ORGANIZAÇÕES TRANSGÊNERO NACIONAIS E RECURSOS

The American Educational Gender Information Service (AEGIS) (O Serviço Americano Educativo de Informação Sobre Gênero): é uma fonte excelente de informação, livros y referências.

AEGIS, P.O. Box 30333  
Decatur, GA 30333 EUA  
(760) 939-0244,  
Email: AEGIS@ gender.org  
Site: www.gender.org

The International Federation for Gender Education (IFGE) (A Federação Internacional para a Educação sobre o Gênero): outra fonte de informação e livros de consulta.

P.O. Box 540229  
Waltham, MA 02454-0229 EUA  
(617) 899-2212,  
Email: info@ifge.org  
Site: www.ifge.org

The International Conference on Transgender Law and Employment Policy (ICTLEP) (A Conferência Internacional sobre a Lei Transgênero e a Política de Emprego):

ICTLEP

P.O. Box 1010

Cooperstown, NY 13326 EUA

(607) 547-4118

Email: ICTLEPHDQ@aol.com

Site: [www.tglegal.com](http://www.tglegal.com)

Pais, Familiares e Amigos de Lésbicas e Gays (PFLAG):

PFLAG

1101 14th St., NW.

Washington, DC 20005 EUA

(202) 467-8181

Email: [info@pflag.org](mailto:info@pflag.org)

Site: [www.pflag.org](http://www.pflag.org)

Grupo de apoio para os transgênero:

CANTO NEUTRAL

(Neutral Corner)

P.O. Box 19008

San Diego, CA 92159 EUA

Voice Mail: (619) 685-3696



*Foto de Danielle tirada durante [O Dia-V](#) em Hollywood, Calif3rnia, o 21 de fevereiro de 2004.*

## NA CAPA DE ATRÁS:

Sobre este livro, *Phyllis Randolph Frye* escreveu, “Lembro quando ‘Just’ Evelyn comunicou comigo, mais ou menos em 1994, procurando ajuda legal para a adolescente transexual dela, e não lhe podia ajudar, salvo lhe fornecer uns modelos e táticas para animá-la a apressurar o sistema para que funcionasse para a filha. E apressurar é o que fez. O livro de ‘Just’ Evelyn trata de sua nova filha Danielle, e vou adicioná-lo à minha lista pessoal de quatro outros livros favoritos—reduzida depois de 23 anos de ativismo—que recomendo às pessoas como ela. Na realidade, é um livro imprescindível para TODOS os pais de QUALQUER filho transgênero de QUALQUER idade. É encantador, com toques de humor, introspecção, orientação e conselhos sobre o que se deve evitar. É um prazer lê-lo. Ri ao ler como Danielle ultrapassou as expectativas da própria mãe. Fiquei justificada ao ler que muitos dos problemas de aprendizagem escolar de Danielle se reduziram ou desapareceram quando ela não tinha que carregar mais o peso extra de ter que encobrir o verdadeiro ser. Chorei várias vezes porque senti o amor de Evelyn pela nova filha, justaposto com os 23 anos de rejeição e ostracismo de mim por meus próprios pais e parentes. Aplaudi quando Evelyn xingou muito pessoal das profissões do acompanhamento psicológico que muitas vezes têm que ser instruídos por NÓS, enquanto continuam a cobrar altos honorários ou têm conflitos de interesse financeiros nos regimes de tratamento, com o resultado que nos dão pouca ou nenhuma ajuda significativa. Se mostram em detalhes os excessos dos ‘guarda-barreiras’ do tratamento, e ao final há uma lista de coisas que se deve fazer e outras que se deve evitar. Obrigada a ‘Just’ Evelyn.”

“*Mamãe, Preciso Ser Uma Garota* é, na minha opinião franca, uma leitura essencial para qualquer pai que tenha um filho transexual. O livro é um testamento ao amor incondicional por um filho. Haveria poucas pessoas transgênero que não deixassem cair lágrimas ao ler o relato de Evelyn sobre as provas e tribulações da filha dela, e o apoio indefectível desta mãe”—*Robyn Serven, PFLAG-TSON, Diretora Regional de Heartlands.*

# mom, I need to be a girl

About the book, *Phyllis Randolph Frye* says, "I remember when Just Evelyn contacted me in 1994 or so for legal help for her teenage transsexual child, and I could give her none, other than strategies and role models, to encourage her to push the system to work for her daughter. And push she did. Just Evelyn's book about her new daughter Danielle, will join my personal list of four other books - boiled down after 23 years of out activism - that I will recommend to folks like her to read. Actually, this is a must read for ALL parents of ANY transgendered child of ANY age. It is heartwarming with touches of humor, insight, guidance and things to avoid. It is chatty and very readable. I laughed as Danielle exceeded the expectations of her own very outgoing mother. I felt justified as I read of many of Danielle's learning problems being reduced or going away as she no longer carried the extra heavy burden within of hiding her true self. I cried several times as I read it because I felt Evelyn's love for her new daughter juxtaposed over my own parents and siblings 23 year of rejection and ostracism of me. I clapped as I read Just Evelyn scold many in the helping professions who are often educated BY us, yet they charge a high fee or have a financial conflict of interest in their treatment regimes, and



*Ben, Just Evelyn, David, and Danielle*

give us little or no meaningful help at all. The excesses of the gatekeepers are exposed with details, and at the end is a listing of how-to's and what-to-avoid's - thank you, Just Evelyn."

"...mom, I need to be a girl" is, in my honest opinion, essential reading for any parent whose child is transsexual. The book is a testament to unconditional love for one's child. Rare would be the transperson who doesn't get a bit wistful and misty-eyed reading Evelyn's account of her child's trials and tribulations and her own unflinching support of her child.

*Robyn Serven PFLAG-TSON  
Heartlands Regional Director*

**\$9.95**

ISBN 0-9663272-09



9 780966 327205